

CAROLINA CARROLO MESSIAS

A PORNOGRAFIA COMO TECNOLOGIA DE
GÊNERO: as problemáticas de uma sexualidade feminina
pautada pelo olhar masculino



CAROLINA CARROLO MESSIAS

**A PORNOGRAFIA COMO TECNOLOGIA DE
GÊNERO:** as problemáticas de uma sexualidade feminina
pautada pelo olhar masculino

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade

Orientador: Prof. Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa

M585p

Messias, Carolina Carolo

A pornografia como tecnologia de gênero : as problemáticas de uma sexualidade feminina pautada pelo olhar masculino / Carolina Carolo Messias. -- Araraquara, 2024

94 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa

1. Pornografia. 2. Educação sexual. 3. Gênero. 4. Sexualidade. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CAROLINA CARROLO MESSIAS

A PORNOGRAFIA COMO TECNOLOGIA DE GÊNERO: as problemáticas de uma sexualidade feminina pautada pelo olhar masculino

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade

Orientador: Prof. Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa

Data da defesa: 30/01/2024

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa
Centro de Humanas / Centro Universitário Sagrado Coração

Membro Titular: Dra. Maria Eduarda Ramos
CRAS Barra do Aririú / Prefeitura Municipal de Palhoça

Membro Titular: Dra. Léa Menezes de Santana
Autônoma

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

À minha família, por todo seu suporte e crença em meus sonhos, e a todas as mulheres que foram e ainda são afetadas pela cultura da pornografia em sua sexualidade.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a Lourdes, que acolheu meu projeto e minhas ideias de braços abertos, confiando na minha capacidade de produção e trazendo o alento da calma e paciência para uma mente que sempre se cobra a ser superprodutiva.

À minha psicoterapeuta, Gina Petraglia, por ter me acolhido por todos esses anos e me ajudado a colocar sempre os pés no chão.

À minha família – que não se resume ao sangue; é sobre onde seu coração encontra acalento – por estar me apoiando sempre em meus sonhos e empreitadas (mesmo, às vezes, não entendendo o que elas significam). Quem é, sabe.

À Dr.^a Maria Filomena Gregori e Dr.^a Maria Eduarda Ramos, por terem aceitado o convite para fazer parte da minha banca de qualificação.

À Dr.^a Léa Menezes de Santana, Dr.^a Raisia Duarte da Silva Ribeiro e Dr.^a Gabriela Bercht, por terem aceitado o convite para fazer parte da minha banca de defesa, assim como novamente a participação da Dr.^a Maria Eduarda Ramos. Para mim, é de importância simbólica que esta banca seja composta por mulheres que pensam sobre a pornografia em perspectivas construtivas ao discurso trazido por essa dissertação. E, claro, é uma honra estar cercada por todas.

À todas as mulheres feministas que me fizeram aprender tanto e me guiaram pelo difícil e doloroso caminho de compreender o que gênero realmente significa.

À todas as mulheres que, em algum momento, me deixaram aprendizados de vida. Alguns mais brandos, outros mais dolorosos. Porém o maior aprendizado – o qual permaneço tendo – é aprender a sobreviver todos os dias em um mundo masculinista traiçoeiro.

A mim mesma, e acho justo me agradecer. Só eu sei como foi todo esse processo e todos os perrengues e experiências incríveis que me foram proporcionadas.

“Nunca subestime a capacidade de um homem de te fazer se sentir culpada pelos erros dele”

Robyn Rihanna Fenty (2012)

RESUMO

A pornografia e sua história junto à humanidade constituem um complexo conjunto de percepções: para alguns, representa uma expressão da sexualidade; para outros, manifestação de violência sexual; e para terceiros, um meio de libertação. Estas e outras indagações permeiam a construção da pornografia desde seus primórdios como conceito, durante o século XIX, até os dias atuais, marcadas pelo crescimento da pornografia mainstream. O presente estudo concentra-se em compreender como as representações da sexualidade na pornografia mainstream podem contribuir para a manutenção do status quo, fundamentado no patriarcado, no que concerne às desigualdades de gênero e às violências simbólicas geradas neste contexto. Compreende-se que a pornografia funciona como uma forma de tecnologia de gênero, construída a partir da perspectiva masculina. Além disso, busca-se compreender qual é o público consumidor de pornografia mainstream por meio de dados coletados no site Pornhub, entre os anos de 2015 e 2022. Os levantamentos evidenciam que o perfil predominante do público consumidor é majoritariamente masculino e os conteúdos mais buscados envolvem mulheres nas mais diversas representações sexuais. Também se observa que as simbologias dos atos retratados nos materiais disponibilizados, assim como no próprio site, estimulam e incentivam o público à ação e à reprodução dos atos representados. Tais representações suscitam problemáticas relacionadas à reificação do corpo feminino e à normalização de atos violentos durante o ato sexual, por isso enfatiza-se a urgência de discutir o tema da pornografia em programas de educação sexual e definir caminhos para que as reflexões alcancem um público amplo.

Palavras – chave: pornografia mainstream; tecnologia de gênero; olhar masculino; sexualidade feminina;

ABSTRACT

The pornography and its history within humanity constitute a complex set of perceptions: for some, it represents an expression of sexuality; for others, a manifestation of sexual violence; and for a third group, a means of liberation. These and other inquiries permeate the construction of pornography from its early days as a concept in the 19th century to the present day, marked by the growth of mainstream pornography. This study focuses on understanding how representations of sexuality in mainstream pornography can contribute to the maintenance of the status quo, based on patriarchy, regarding gender inequalities and symbolic violence generated in this context. It is understood that pornography functions as a form of gender technology, constructed from a male perspective. Furthermore, we seek to understand the mainstream pornography consumer audience through data collected on the Pornhub website between the years 2015 and 2022. Surveys show that the predominant profile of the consumer audience is overwhelmingly male, and the most sought-after content involves women in various sexual representations. It is also observed that the symbolism of the acts portrayed in the materials provided, as well as on the website itself, stimulates and encourages the audience to action and reproduction of the represented acts. Such representations raise issues related to the reification of the female body and the normalization of violent acts during sexual activity, emphasizing the urgency of discussing the pornography issue in sexual education programs and defining paths for these reflections to reach a wide audience.

Keywords: mainstream pornography; gender technology; male gaze; female sexuality.

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Página inicial do Pornhub	27
Foto 2	Aviso de conteúdo adulto na página <i>Pornhub Premium</i>	30
Foto 3	Página de cadastro do <i>Pornhub Premium</i>	31
Foto 4	Página inicial do site <i>Modelhub</i>	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Porcentagem de público do <i>Pornhub</i> em comparativo por gênero, em âmbito Global e pelo Brasil, entre os anos de 2012 e 2022	57
Tabela 2	Comparativo dos três termos mais buscados no <i>Pornhub</i> , em âmbito Global e pelo Brasil, entre os anos de 2012 e 2022	58
Tabela 3	Comparativo do tempo de permanência no <i>Pornhub</i> em âmbito Global e pelo Brasil entre os anos de 2012 e 2022	59
Tabela 4	Porcentagem de público consumidor dos conteúdos do <i>Pornhub</i> , dividido por faixas etárias, a nível Global	60
Tabela 5	Categorias mais procuradas no <i>Pornhub</i> , dividido por faixas etárias, a nível Global	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCP	Content Partner Program
CEO	Chief Executive Officer
EUA	Estados Unidos da América
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
FACT	The Feministe Anti-Censorship Taskforce
MILF	Mother/Moms I'd Like To Fuck
OMS	Organização Mundial da Saúde
WAP	Women Against Pornography
WAVAW	Women Against Violence Against Women
WAVPM	Women Against Violence in Pornography And Media

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 SOBRE A PORNOGRAFIA: UM BREVE HISTÓRICO	20
2.1 <i>Pornhub</i>: o novo patamar da pornografia online	26
2.1.1 O escândalo sexual: quando o <i>Pornhub</i> deixa de ser divertido	32
2.2 A efervescência dos movimentos contrários e favoráveis à pornografia	35
2.2.1 O movimento feminista antipornografia: a luta contra a reificação do sexo feminino	35
2.2.2 O movimento pró-pornografia: a “emancipação feminina” e a subversão da pornografia	39
2.2.3 A <i>Feminist Sex Wars</i> acabou?	42
2.3 Pornografia à brasileira: sobre o que estamos falando?	43
2.4 O <i>dejà-vu</i> da pornografia	47
3 A INDÚSTRIA DO SEXO E O OLHAR MASCULINO	50
3.1 O gênero e olhar masculino	53
3.2 O perfil de consumo de pornografia a partir dos dados do <i>Pornhub</i>	55
3.3 Discussão e crítica: mais do que os dados podem mostrar	62
4 PORNOGRAFIA COMO TECNOLOGIA DE GÊNERO	66
4.1 A pornografia como questão de saúde pública e de educação sexual	72
4.2 <i>Porn literacy education</i>	75
5 TECNOLOGIA DE GÊNERO: O PODCAST	78
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	84

1 INTRODUÇÃO

A pornografia, como demonstrativo de uma parte da sexualidade humana, tem sua manifestação muito antes do surgimento da Internet e de suas atuais famosas mídias de expressão pontuadas em vídeos sexualmente explícitos presentes em sites como *Pornhub*, *Xvideos*, *Redtube*, entre outros – os quais também merecem um olhar atento, visto a contribuição para a explosão e disseminação do fenômeno. A definição de um conteúdo como pornográfico é datada, mesmo com a existência de representações de nudez, erotismo, órgãos e atos sexuais em diversos tempos e locais da história. Mais especificamente, o termo “pornografia” aparece a partir do século XIX, de uma perspectiva ocidentalizada. As primeiras manifestações relativas à pornografia, decisivas para a formação do entendimento e conceituação destas, vem entre os séculos XV a XVIII, na Europa Ocidental, transparecendo diversas características da cultura moderna – em destaque as diferenças de gênero (Hunt, 1999).

É possível olhar a pornografia a partir de diversas perspectivas: como expressão de sexualidade, como libertação sexual, como trabalho, como ramificação da exploração sexual e da violência de gênero, como um vício, como parte da cultura. A multiplicidade do universo pornográfico pede delimitação quanto ao que será abordado adiante. Inicialmente, sobre do que se é considerado como pornografia, que são materiais sexualmente explícitos utilizados para consumo individual, pagos ou gratuitos, cujo objetivo é incitar o prazer sexual ao seu consumidor. Ademais, a vertente pornográfica a ser analisada dirá respeito à pornografia *mainstream*, ou seja, o tipo consumido pelo público geral, que não contém um nicho específico, e que, de acordo com Fritz *et al.* (2020) é voltada ao lucro, pois é produzida por empresas participantes da indústria pornográfica.

As formas de distribuição da pornografia se transformaram desde o século XV, não sendo possível falar sobre o alastramento desse conteúdo sem citar o impacto da Internet para tal, que se tornou o principal meio de distribuição a partir do século XXI. Os sites pornográficos se tornaram potências em acessos e visualizações e, destes, o site *Pornhub* se destaca como protagonista dentre os demais para essa pesquisa. Os números exorbitantes – e constantemente em crescimento – de acesso presentes em análises estatísticas do próprio site, o status do PornHub como o segundo site pornográfico mais acessado do mundo em 2023, e décimo terceiro no ranking geral de sites mais acessados (Similarweb, 2023), também contribuíram para essa escolha perante os milhares de sites existentes na internet dos quais publicam esse tipo de conteúdo. Destaca-se, inclusive, seu levantamento estatístico anual

(publicado desde 2012) quanto a termos de busca, número de acessos, perfil do público consumidor dividido em sexo, idade, nacionalidade, categorias de consumo, entre outros medidores, que facilitam o olhar analítico para a percepção da demanda, procura e consumo da pornografia na contemporaneidade. O levantamento feito no ano de 2019 pelo *Pornhub* revela que o site acumulou 42 bilhões de visitas, sendo 115 milhões de acessos por dia. A cada minuto no site, 219.985 vídeos são visualizados. Dados mais recentes mostram que o Brasil se encontra em décimo no ranking de países que mais o acessam, com 61% do público brasileiro sendo do sexo masculino (Pornhub, 2022). Em contrapartida, quanto à produção de material pornográfico, Borges e Tilio (2018) revelam que o Brasil está em segundo lugar no ranking de produtores mundiais e que, majoritariamente, os consumidores desse material são do sexo masculino.

Sendo a pornografia cada vez de mais fácil acesso e disseminação através da internet, sem qualquer tipo de regulamentação e checagem de idade realmente efetiva além de algum botão, página ou *pop-up* que pergunte se o usuário é maior de 18 anos, esta se demonstra em idades cada vez mais imaturas. Ademais, independente das idades, não há um programa institucional brasileiro de educação sexual que trate diretamente sobre pornografia, seus efeitos e consequências na sexualidade, mesmo o Brasil sendo um dos maiores exportadores e consumidores de pornografia no mundo. A maioria das pesquisas relacionadas à pornografia são internacionais, o que traz preocupação quanto ao real cenário brasileiro, visto os dados quanto a venda e consumo desse tipo de material que, cada vez mais cedo, adentra a noção de sexualidade do ser humano.

Sun *et al.* (2014) trazem que até os 17 anos de idade 93% das pessoas do sexo masculino já foram expostas à pornografia, sendo esse um conteúdo cada vez mais acessível para todas as idades, e frequentemente uma fonte (duvidosa) de educação sexual para os jovens. Os autores citam que, além de tornar mais provável a execução de condutas sexuais potencialmente perigosas, a exposição a esses conteúdos se associa à uma visão estereotipada dos papéis de gênero, maior aceitação à violência sexual e maior possibilidade de perpetração de assédio sexual por parte de adolescentes do sexo masculino.

Vandenbosch e Van Oosten (2017) compreendem que a relação entre a visualização de mulheres como objetos sexuais é diretamente proporcional com quanto mais indivíduos se utilizam de imagens sexualmente explícitas disponíveis na internet. Ademais, sobre as considerações das autoras, a pornografia é um elemento importante a ser considerado na educação sexual, ainda mais com o advento da internet e a disponibilidade desse tipo de

conteúdo explícito a ser acessado com facilidade por crianças, adolescentes e adultos. Além disso, contempla a necessidade de se pautar em educação sexual que a pornografia é, em larga escala, produzida pelo olhar masculino e destinada ao olhar masculino, oferecendo padrões irrealistas e prejudiciais no que diz respeito ao exercício da sexualidade

Foubert (2017) pondera que a pornografia on-line funciona como um potencializador da naturalização do estupro, e que tem reescrito os rumos da sexualidade não apenas em termos comportamentais, mas neurológicos. O autor traz que 88% das cenas em peças pornográficas populares contêm algum nível de violência física ou verbal, sendo que em 90% dos casos quem está sendo violento é alguém do sexo masculino, e a pessoa do sexo feminino¹ submetida a isso é demonstrada como alguém que gosta desse tipo de tratamento. Assim considera o autor:

Em um experimento, os cérebros de homens foram escaneados enquanto assistiam pornografia. Quando os neurologistas analisaram os resultados, os cérebros dos homens reagiram às mulheres como se fossem objetos, e não pessoas. Isso é importante pois é o processo de desumanizar alguém que torna a violência contra ela muito mais aceitável. (Foubert, 2017, p. 04, tradução nossa²).

Ao falar sobre a produção e consumo desse material, Borges e Tilio (2018) destacam que o ativar do desejo se dá por partes de corpos, não por corpos inteiros com vontades e subjetividades próprias, o que se vincula a visualização do processo de objetificação e fetichização do corpo feminino. A imagem masculina se demonstra virilizada, enquanto a feminina é sexualizada e submissa, pronta para servir o desejo masculino por quanto tempo for necessário, assim como por todo e qualquer meio, mesmo que violento.

A forma pela qual os estereótipos de gênero se calcam nessas demonstrações trazem preocupação quanto o possível desenvolvimento de uma ferramenta de normalização dos papéis de gênero em dualidades as quais fazem a manutenção da lógica patriarcal em sociedade, e que se pautam neste exercício de sexualidade gendricado. Tal qual uma tecnologia de gênero, termo cunhado por De Lauretis (1994), compreende que o gênero se constrói através de diversas formas de tecnologia sociais que detêm o controle e poder do significado social dessa categoria, podendo, a partir disso, fazer a produção e implementação de representações de gênero.

¹ O uso do conceito “sexo masculino” e “sexo feminino” será utilizado no corpo do texto para descrever homens e mulheres cis. Seu uso será justificado à frente.

² Todas as traduções feitas em citações serão de autoria própria, salvo quando não indicado.

A tecnologia de gênero é um instrumento social que promove a manutenção dos papéis de gênero e desigualdades provindas destes. Os papéis de gênero podem se manifestar na divisão do que seria próprio do masculino ou do feminino, compreendendo diversas formas de comportamento e manifestações socioculturais. No que diz respeito ao exercício da sexualidade, não se torna diferente. A sexualidade humana é vivenciada para além de âmbitos biológicos relacionados à reprodução da espécie. Esta é atravessada por aspectos socioculturais que permeiam o modo como um indivíduo a compreende e a exercita. Assim sendo, aspectos relacionados podem ter interferências causadas pelas tecnologias de gênero, no que diz respeito à normatização de comportamentos sexuais a partir do gênero.

A pornografia é uma forma de representação da sexualidade e participante ativa de um ato sexual, uma vez sendo produtora, reprodutora e reforçadora de significados da sexualidade. Todavia, estes poderes de produção de significados na pornografia são gendrados ao masculino, visto a maneira como os corpos são apresentados na perspectiva da pornografia mainstream, principalmente na questão do corpo feminino, demonstrados em extremos ou em estereótipos: mulheres com seios e nádegas grandes demais para seus corpos, ou com corpos de seios pequenos, porém infantilizados, sem pelos, com formatos de vulva específicos; mulheres racializadas sendo desumanizadas por seus “parceiros de cena”; mulheres “fora do padrão”, cujas características são apresentadas como exóticas e sexualizadas.

A objetificação do feminino por uma hierarquia de gênero, todavia, não é exclusividade da pornografia. Esta foi observada nas artes visuais por Mulvey (1973), em seu artigo “*Visual Pleasure and Narrative Cinema*”, fenômeno o qual cunha como *male gaze* (ou olhar masculino). A autora analisa que o conceito de *male gaze* parte da construção simbólica do feminino calcada em uma perspectiva patriarcal heterossexual, na qual a mulher serve como objeto projetivo dos desejos e significações masculinas, em um papel passivo de portadora de significados, ao invés de também produtora destes, como os homens. No cinema, arte visual a qual tece a crítica, infere que o olhar masculino (de diretores e roteiristas) constrói personagens femininas que se encaixem nas fantasias masculinas – em aparências erotizadas – com o objetivo de satisfazer tais projeções, sem a consideração de suas possíveis historicidades e subjetividades individuais. Dessa forma, o objeto feminino teria a única funcionalidade de satisfazer tanto os personagens inseridos no enredo, como os espectadores.

O conceito de *male gaze* conversa com as temáticas visuais propostas na pornografia *mainstream*: não são mulheres em cena, são manequins criados, modificados esteticamente e colocados em posições, tons de voz, gemidos e closes única e exclusivamente para agrado de

seu público. A subjetividade não é considerada, nem seu prazer ou desejo. E nada mais é do que exploração sexual em vista de um mercado e público que cresce por meios cruéis e desumanizadores quanto ao sexo feminino.

O problema de pesquisa do presente trabalho se dá por meio da seguinte pergunta: “Está a pornografia *mainstream* funcionando como uma ferramenta (tecnologia de gênero) para manter desigualdades de gênero por meio da representação da sexualidade dada pelo olhar masculino?”. O objetivo geral da dissertação se dará em identificar as formas pelas quais a pornografia pode refletir um movimento de sexualidade violenta atrelado aos papéis de gênero, e como a sexualidade feminina pode estar sendo distorcida pelo ponto de vista masculino por meio desse instrumento.

A importância do estudo do tema se demonstra considerando a popularidade exponencial da pornografia facilitada pela Internet, não só no sentido de democratização desses materiais, mas também a falibilidade dos filtros que mantêm a pornografia longe de crianças e adolescentes. Em destaque, existe o cenário em que o Brasil é um dos maiores consumidores e produtores de pornografia no mundo, ao mesmo tempo em que há a escassez de estudos brasileiros relacionados a esse impacto do consumo de pornografia na nossa população. Ademais, é essencial considerar a abordagem desse assunto a partir do viés crítico de gênero, para compreender o impacto relacionado às mulheres, à imagem feminina e à sexualidade feminina.

Para tal, a metodologia de coleta de dados se deu por meio de uma pesquisa documental de três principais vertentes: o levantamento de literaturas que relatam a história e constituição da pornografia como uma grande indústria; o levantamento e análise de dados disponibilizados pelo *Pornhub* em um recorte de uma década (2012-2022); constituição de análise com o aporte de artigos, encontrados em bases de dados, relacionados à pornografia e seu impacto na sexualidade.

Para a análise, destrincha-se a relação dos conceitos de *male gaze*, tecnologia de gênero e pornografia considerando os efeitos da pornografia (além dos supracitados) no exercício de sexualidade, a partir de uma perspectiva de análise congruente com a apresentada por Tamkrong (2017), do movimento feminista antipornografia. As principais expoentes deste movimento são Andrea Dworkin e Catherine MacKinnon – que consideram a pornografia como um instrumento masculino de sexualidade o qual objetifica e degrada mulheres, assim como a perspectiva da vertente feminista crítica de gênero, a qual considera que os papéis de gênero correspondem a formas de opressão patriarcais que mantêm o *status quo*. Ademais, as análises decorrerão a partir da perspectiva feminista crítica de gênero, considerando que esta é

complementar ao movimento feminista antipornografia no que diz respeito aos posicionamentos relacionados à opressão do sexo feminino³.

Justifica-se, ainda, o uso dos termos “sexo masculino” e “sexo feminino” ao decorrer da presente dissertação. As pesquisas internacionais utilizadas trazem em perspectiva o uso do sexo biológico (*male e female*) para caracterização do público. Tal variável indicativa é levada em consideração como destaque importante, visto que a perspectiva de análise que se segue considera que os mecanismos de socialização de gênero e marcadores de opressão iniciam-se, primariamente, por meio do sexo biológico, através da estereotipação calcada no sexo de um indivíduo. O feminismo crítico de gênero compreende a distribuição de papéis sociais concentrada no modelo sexo-gênero como uma das principais ferramentas de manutenção do patriarcado. Portanto, justifica-se o uso de tais expressões.

O recorte não tem por objetivo excluir pessoas trans da problemática da indústria pornográfica, uma vez que esta também se apresenta à essa população (cuja complexidade merece uma pesquisa aprofundada à parte), nem de ser biologizante. Todavia, se dará como um recorte, visto que a pornografia *mainstream* traz em maior perspectiva o consumo de materiais que contam com homens e mulheres **cis**.

É essencial que se parta da compreensão inicial sobre os significados que a pornografia carrega, tal qual sua história e desenvolvimento com os avanços tecnológicos e as novas expressões em exercício de sexualidade.

³ O feminismo crítico de gênero é uma vertente feminista que compreende o gênero como um mecanismo de opressão. De acordo com Lawford-Smith (2022), essa vertente compreende que o olhar social sob o sexo biológico feminino é o que deriva a opressão de mulheres, visto que papéis sociais (chamados de “gênero”) são atribuídos e esperados dessa pessoa a partir disso. Para o feminismo crítico de gênero, a consideração do sexo biológico é importante devido ao ocorrido da socialização de gênero, que é explicado de forma mais detalhada no tópico 3.1 desta dissertação. É necessário ressaltar que esse foco dado ao sexo biológico diz respeito à compreensão de que os papéis de gênero são pautados a partir disso, e que as opressões de gênero tratam justamente do determinismo biológico, o qual o feminismo crítico de gênero questiona em sua teoria. Portanto, o caminho empírico o qual o feminismo crítico de gênero segue trata da compreensão dos papéis de gênero, atribuídos a partir do sexo biológico, como estes consequentemente contribuem à hierarquia patriarcal e atravessam as vivências sociais.

2 SOBRE A PORNOGRAFIA: UM BREVE HISTÓRICO

Hunt (1999) se apropria do recorte entre 1500-1800 da história ocidental, para falar sobre o desenvolvimento das noções existentes relacionadas à pornografia, que devem ser consideradas dentro de condições, movimentos e momentos históricos ocidentais os quais contribuíram para seu nascimento, atribuídos, pela autora, ao Renascimento, Iluminismo e Revolução Francesa. A pornografia, desta forma, não teria sido um movimento surgido de forma espontânea.

“Pornografia” teria sua origem do grego *pornographos* que, de acordo com Santana (2014), seria um termo para se referir à materiais escritos sobre prostitutas. A edição de 1857 do *Oxford English Dictionary* foi responsável por apresentar o termo pornografia e seu significado pela primeira vez, linguisticamente falando. Entretanto, foi na França de 1769 que o termo nasceu, através do tratado de *Restif de la Bretonne*, denominado *Le Pornographe*, no qual a expressão era usada para mencionar escritos relacionados à prostituição, enquanto suas variações eram utilizadas para falar sobre imagens ou textos considerados de natureza obscena. A palavra também teria sido utilizada em 1806 por Gabriel Peignot, para classificar obras condenáveis e que poderiam, supostamente, perturbar a ordem e bons costumes, associando a pornografia a um disparador de caos do qual a sociedade deveria ser protegida (Hunt, 1999).

A história da pornografia não pode, ainda, ser separada da história da prensa, visto que a cultura do material impresso foi imprescindível para sua disseminação, comercialização e democratização, contribuindo para seu estabelecimento. Inclusive, ao falar sobre esse tipo de comunicação pornográfica, Hunt (1999) aponta Pietro Arentino como o principal precursor da tradição pornográfica, por ter trazido aos textos elementos-chave da construção pornográfica: descrição explícita de atividades sexuais, o tema da prostituição e o afronte às constituições morais existentes.

Os caminhos perpassados pelo tema da pornografia alcançaram, ademais, cunhos políticos, com sua utilização para ataque às elites e instituições de censura. Hunt (1999) afirma que a pornografia, desde o século XVI, já apresentava caráter de subversão política e religiosa. No início da Modernidade, as peças, distribuídas por meio de folhetins escritos e em gravuras, se voltavam à crítica das relações sociais e sexuais, e às hipocrisias por trás das convenções morais e sociais, atacando principalmente a Igreja e os governos, sendo esta a chamada “pornografia política”, a qual teve importante papel durante a Revolução Francesa.

Esse caráter se altera paulatinamente entre os anos de 1790 e 1830, quando a pornografia assume caráter comercial, e é caracterizada como pornografia apolítica.

Não demorou muito para que a pornografia de caráter comercial se expandisse para outras formas visuais. Há como exemplo a fotografia daguerrótipica, criada em 1839, que trouxe a primeiro material pornográfico do tipo em 1846. Mesmo com a dificuldade em produzir o material em escala de massas, nos EUA, fotógrafos chegaram a produzir por volta de três milhões de fotografias por ano e, com o avanço dessa tecnologia, se tornou possível facilitar a multiplicação e difusão desse material (Ruzgyte, 2015). Martínez (2017) relembra que, na França, no ano de 1896, foi produzido o primeiro filme de caráter erótico pelo fotógrafo francês Albert Kirchner, sendo também o primeiro a registrar uma cena de *strip-tease*. Assim havia a gênese do cinema pornográfico, a partir da captura de uma cena de sexo explícito para fins comerciais e a exploração da nudez feminina a partir do olhar masculino, tanto presente em seu coprotagonista como na direção da própria cena.

Outro gênero que se formou e popularizou entre os anos 1908 e 1970, nos EUA e Europa, é o de *Stag Films* que, de acordo com Sheaffer (2014), se trata igualmente da primeira manifestação pornográfica comercializada e distribuída em cinemas clandestinos, voltada à audiência masculina, e que se construía através de cenas sexualmente explícitas. A denominação de “*stag films*” se dava justamente por ser exclusivamente voltada à audiência masculina.

Ademais, outro veículo relacionado a imagens sexualmente explícitas teve seu nascimento no mesmo período, e gerou um impacto colossal no que diz respeito à construção da sexualidade contemporânea e às noções de pornografia em suas seis décadas de existência: a revista *Playboy*. Esta foi fundada por Hugh Hefner, em 1953. Segundo Gonçalves (2013), Hefner inspirou-se nos estudos de Alfred Kinsley para trazer ao mundo a construção de universo masculino o qual acreditava que deveria ser compartilhado, a partir de uma visão dita libertária sobre sexo, sexualidade e o estilo de vida masculino.

A primeira edição da *Playboy* vem à público em 1953, tendo a grande atriz hollywoodiana Marilyn Monroe como sua capa e recheio. As fotos de Marilyn, contudo, não haviam sido tiradas pela e para a revista. Hefner descobriu que a atriz tinha um ensaio com fotos nuas, feitas no início de sua carreira e nunca exibidas, as quais poderiam ser adquiridas por U\$600 (Gonçalves, 2013). A exclusividade das fotos da musa trouxe o grande hype da revista, que vendeu 54.000 cópias em sua primeira tiragem. O detalhe dessa história, porém, é intrigante: a atriz, desconhecida e em início de carreira quando fotografada, recebera apenas

US\$ 50 pelo ensaio, e nunca consentiu a publicação de tais fotos na revista *Playboy*, ou recebeu dinheiro da transação feita por Hefner e os lucros da publicação (Good, 2014).

Dines (2010) argumenta que a *Playboy* foi a marca que deu o impulso inicial para que revistas pornográficas saíssem do setor oculto das bancas de revistas e jornais, nichado aos consumidores fiéis desse tipo de mídia, para alcançar o público geral. Além disso, a autora explica que o sucesso explosivo da revista se deu por adentrar um nicho que não tinha qualquer tipo de concorrência, visto que as mídias produzidas para homens na época se voltavam ao clima pós-final da Segunda Guerra Mundial, com temas relacionados à guerra, caça, esportes de velocidade, entre outros considerados como tipicamente masculinos no período. Além disso, as revistas pornográficas vendidas na época, em sua diagramação e conteúdo, não eram consideradas conteúdos *safe for work*⁴.

A *Playboy*, portanto, não era vendida apenas como uma revista com conteúdo pornográfico, mas como um manual de modo de vida masculino considerado poderoso, livre, másculo e sofisticado. Já em sua primeira publicação, o editorial delimita o público que gostaria de alcançar:

Se você for um homem entre 18 e 80 anos, a Playboy é para você. Se você gosta de diversão apimentada com humor e sofisticação, a Playboy vai se tornar sua revista favorita. Queremos deixar claro desde o início que não somos uma “revista familiar”. Se você for irmã, esposa ou sogra de alguém e pegou esta revista por engano, por favor, passe-a para um homem e volte à sua Ladies Home Companion. (Gunelius, 2010, p. 41 *apud* Gonçalves, 2013, p. 15).

Os ensaios da *Playboy* compreendem em sua semiótica que seu público masculino deve ver o que quer ver, fazendo dessa mulher, exibida como modelo, não mais uma figura feminina, mas sim a “mulher-fetichê” (Gonçalves, 2013, p. 17), que contribui para a construção de uma narrativa a qual o homem consumidor pode deleitar-se sexualmente.

Outro homem que escreve seu nome na história da pornografia é Lasse Braun, pseudônimo de Alberto Ferro, produtor de uma série de filmes pornográficos (estimados em 80 filmes), sendo os primeiros em cores, a partir de 1966, com sua própria produtora e distribuidora AB Beta Film. Braun se utiliza desse pseudônimo devido à produção e distribuição de pornografia ser ilegal na época (Paasonen, 2017). Os filmes de Braun incluíam cenas que erotizavam e objetificavam mulheres e cenários fora do padrão europeu, explorando

⁴ A expressão “*safe for work*”, em tradução livre “seguro para o trabalho”, significa que um conteúdo pode ser visto em público, e que pode ser visto por outras pessoas quando estiver sendo consumido pelo usuário, sem danos ou estranhamentos a esses terceiros.

estereótipos raciais e étnicos, e cenas com violência e estupro. Suas produções foram as primeiras do gênero a serem distribuídas e comercializadas em larga escala pela Europa e EUA mesmo que ilegal (Larsson, 2018). O próprio cineasta relata que, em 1969, o número de consumidores de seus materiais chegava à marca de 50.000 pessoas em toda a Europa (Paasonen, 2017). Ainda nesse período, Paasonen, Nikunen e Saaerenmaa (2007) relembram que a Dinamarca foi o primeiro país da Europa a tornar legalizada a pornografia, em 1969, seguido pela Alemanha Ocidental em 1970 e a Suécia em 1971.

Chegando aos anos 70, há a considerada “Era de Ouro da Pornografia” nos Estados Unidos, sendo a época entre os anos 70 e 80 na qual a pornografia teria atingido popularidade e publicidade com o público geral e crítica especializada em cinema. As autoras consideram os filmes produzidos na época como clássicos do gênero, tendo em destaque “Garganta Profunda”, de 1972. Também relembram que a distribuição do material em VHS pode ter contribuído com a expansão dessa popularidade na época. Para além do formado e distribuição, a falta de regulamentação da pornografia nas sociedades ocidentais, assim como as mudanças e agitações sociopolíticas ocorridas desde a década de 60 podem ter contribuído para que a indústria pornográfica crescesse e se estabelecesse, juntamente com a distribuição das mídias em VHS e DVD, até o seu boom com o desenvolvimento tecnológico e chegada da Internet (Paasionen; Saarenmaa, 2007; Paasonen; Nikunen; Saarenmaa, 2007).

(...) Se Hollywood lança, aproximadamente, 400 filmes anualmente, o [Porn] valley produz mais de 10.000 DVDs para o mercado internacional. A indústria estadunidense de pornografia lucra, aproximadamente, de três a dez bilhões de dólares anualmente, enquanto as estimativas envolvendo a indústria global variam entre cinquenta e sessenta bilhões de dólares (Paasonen; Nikunen; Saaerenmaa, 2007, p. 6).

A pornografia em vídeo, contudo, não foi a única que teve impulso no período. A *Playboy*, que antes obtinha o monopólio das revistas pornográficas por sua nova fórmula de produção, tinha novas concorrentes de mercado que beberam da mesma fonte de sucesso: *Penthouse* e *Hustler*. Dines (2010) retrata que a disputa mercadológica entre as três revistas revolucionou também a forma pela qual a pornografia era consumida e os limites entre o que era considerável aceitável de se consumir pelo público. A *Penthouse*, mais especificamente seu criador, Bob Guccione – em 1969 – surgiu com o ideal de se tornar o principal concorrente da *Playboy*, mantendo a fórmula de vender um estilo de vida para homens, mas com um adendo: as imagens de mulheres nuas eram mais explícitas do que as da revista de Hefner. O que fazia esse diferencial entre ambos era que Hefner era financiado

publicitariamente por empresas que “escolhiam” o que poderia ser mostrado ou não na revista, enquanto Guccione renunciou a essas receitas a curto prazo, com a ideia de que seu modelo de revista alcançaria os números da *Playboy* em médio a longo prazo. Ao final dos anos 70, *Playboy* e *Penthouse* já estavam em uma disputa considerável quanto à vendagem.

Rossi (1975) considera que a *Playboy* e a *Penthouse* vendiam modelos de sexo e de mulheres diferentes, mesmo tendo uma fórmula parecida quanto ao pensamento de estilo de vida masculino. A *Playboy*, de acordo com o autor, trazia a mulher alcançável, a se casar, demonstradas sem defeitos em seus corpos e com certa inocência, compartilhando o desejo do sonho americano em forma de mulher. A *Penthouse*, todavia, seria a versão politicamente incorreta desse lifestyle, demonstrando a mulher “vadia”, o sexo sujo, com corpos mais realísticos e, claro, mais explícitos.

A competição entre as duas revistas ganharia um novo capítulo a partir do surgimento de uma terceira concorrente, em 1974, com a promessa de oferecer um tipo de pornografia ainda mais explícito do que o apresentado por ambas as existentes: a revista *Hustler*, de Larry Flynt. Dines (2010) retrata que a revista levou a pornografia a um novo patamar do qual as imagens pornográficas eram muito mais explícitas do que se havia no mercado, sendo justamente essa a aposta de Flynt para o lucro e, ainda, mirar como seu público-alvo os homens que não se identificavam ou não conseguiam alcançar o *lifestyle* pregado por suas duas principais concorrentes. Uma aposta certa, visto que a *Hustler* se tornou a revista de pornografia hardcore mais bem sucedida da história.

A competição mercadológica entre os três magazines trouxe uma revolução ao modo de se fazer e consumir pornografia a partir dos anos 70 e inaugura o desenvolvimento – em particular, com o advento da *Hustler* – da pornografia como se conhece em dias atuais: imagens explícitas de corpos e de atos sexuais. A *Hustler* trouxe o que a *Playboy* e a *Penthouse* não ousavam fazer por receio de perder um público já consolidado para conquistar outro: levar o consumo de pornografia ao mais hardcore possível, permitindo que seus consumidores explorassem fetiches e fantasias considerados inapropriados, ou dos quais eram apenas insinuados. Estes passam a ser, então, crus e manifestos.

Uma nova revolução ocorre com a chegada da Internet nos anos 90, que levou a produção e distribuição de pornografia a um novo patamar, sendo, até os dias atuais, a forma mais bem sucedida para estes caminhos. A *Web* contribuiu para a transformação, ainda, do próprio consumo desse material e permitiu o anonimato e a possibilidade de acesso fácil e sem sair de casa a conteúdos antes disponíveis apenas em VHS, DVDs e revistas (Paasonen; Nikunen; Saaerenmaa, 2007). Coopersmith (2006) ressalta que levar a pornografia para a *Web*

trouxe diversas facilidades as quais antes não existiam: tornou o conteúdo acessível, de modo mais rápido, com custos muito menores e abertura à uma demanda que foi se demonstrando cada vez mais ilimitada de consumidores e desejos.

Ao falar da pornografia *online*, é necessário esmiuçá-la também aos seus primórdios. A Internet viu seu primeiro domínio pornográfico nascer em 1994 com o site *sex.com*, idealizado inicialmente por Gary Kremen. Todavia, o domínio, já em sua criação, foi envolvido em uma polêmica judicial, visto que Stephen Michael Cohen forjou uma carta falsa à companhia que, na época, registrava os sites na web, alegando que Kremen estava abandonando o controle do site, de forma a transferir o domínio para si, o que foi feito. A partir disso, Cohen desenvolveu-se na indústria pornográfica, chegando a lucrar US\$ 250 milhões em seu auge, durante o ano 2000 (Prendergast, 2004).

Ao se falar em movimentações financeiras do gênero, é importante ressaltar que a indústria pornográfica foi a primeira a lucrar a partir da Internet (Coopersmith, 2006). O dinheiro vinha através de assinaturas mensais cobradas pelos sites, pela venda de anúncios, oferta de produtos, e até mesmo pela taxa de *download* dos materiais produzidos pelos próprios usuários.

A pornografia se demonstra popular desde os primeiros passos da Internet, como enfatizado por Coopersmith (2006). O autor relembra um levantamento das vinte palavras mais buscadas no site *Yahoo!*, em outubro de 1996, das quais doze tinham a ver com algum conteúdo pornográfico. A palavra “*sex*” teve mais de um milhão e meio de buscas, sendo a mais popular dentre as palavras. Outros buscadores da época, como *serch-terms.com* e *Lycos* demonstraram a mesma tendência de popularidade de tais termos.

Tal desenvolvimento levou, ainda, à necessidade de autorregulamentação do mercado pornográfico online, visto as diversas denúncias de circulação de pornografia infantil e à pressão do movimento antipornografia. Já por volta da década de 2000, os sites passaram a ter avisos e páginas com tentativas de confirmar a maioridade de quem acessava, em uma tentativa de barrar o acesso de crianças e adolescentes ao conteúdo. Também houve empenho na formação de associações contra a pornografia infantil, que propunham códigos de conduta relacionados ao consumo e produção de pornografia, assim como na denúncia à materiais que contivessem pornografia infantil (Coopersmith, 2006).

Wilson (2006) descreve o surgimento da pornografia por demanda, nos chamados *tube sites*, ao final de 2006, o que traz uma nova revolução à forma de consumo de pornografia conhecida até então: os usuários não mais precisavam fazer downloads de materiais

pornográficos, ou programas/aplicativos para acessá-los, e poderiam facilmente apagar registros de sua navegação, além da possibilidade de abrir múltiplas guias em seus navegadores e acessar mais de um vídeo ao mesmo tempo. Tudo isso de forma gratuita.

É nesse cenário que nasce e se desenvolve um dos maiores sites de pornografia contemporâneos: o *Pornhub*.

2.1 *Pornhub*: o novo patamar da pornografia online

O *Pornhub* surge na Internet em 25 de maio de 2007 (Pornhub, 2017b), contudo, sua história começa muito antes de sua fundação, a partir de três nomes: Matt Keezer, Stephane Manos e Ouissam Yousef. Estes foram responsáveis por fundar a *Mansef* em 2003, que seria a empresa a gerir as diversas empreitadas na indústria pornográfica a qual se propuseram a fazer, iniciando com sites de conteúdo pornográfico, e logo, com os lucros e sucesso, no mesmo ano, criam a *Brazzers*, uma popular produtora e site de conteúdo pornográfico pago. Por volta de janeiro de 2007, Keezer compra o domínio *pornhub.com*, lançando oficialmente o site meses depois, e gerido por uma sub companhia criada por Keezer, a *Interhub*. Até então, não se sabia que o PornHub também fazia parte do catálogo da *Mansef*, assim como a aquisição de outros “*tube sites*”, já que estes eram mal vistos pela indústria pornográfica, por contribuir com o piratear de conteúdos (Wallace, 2011).

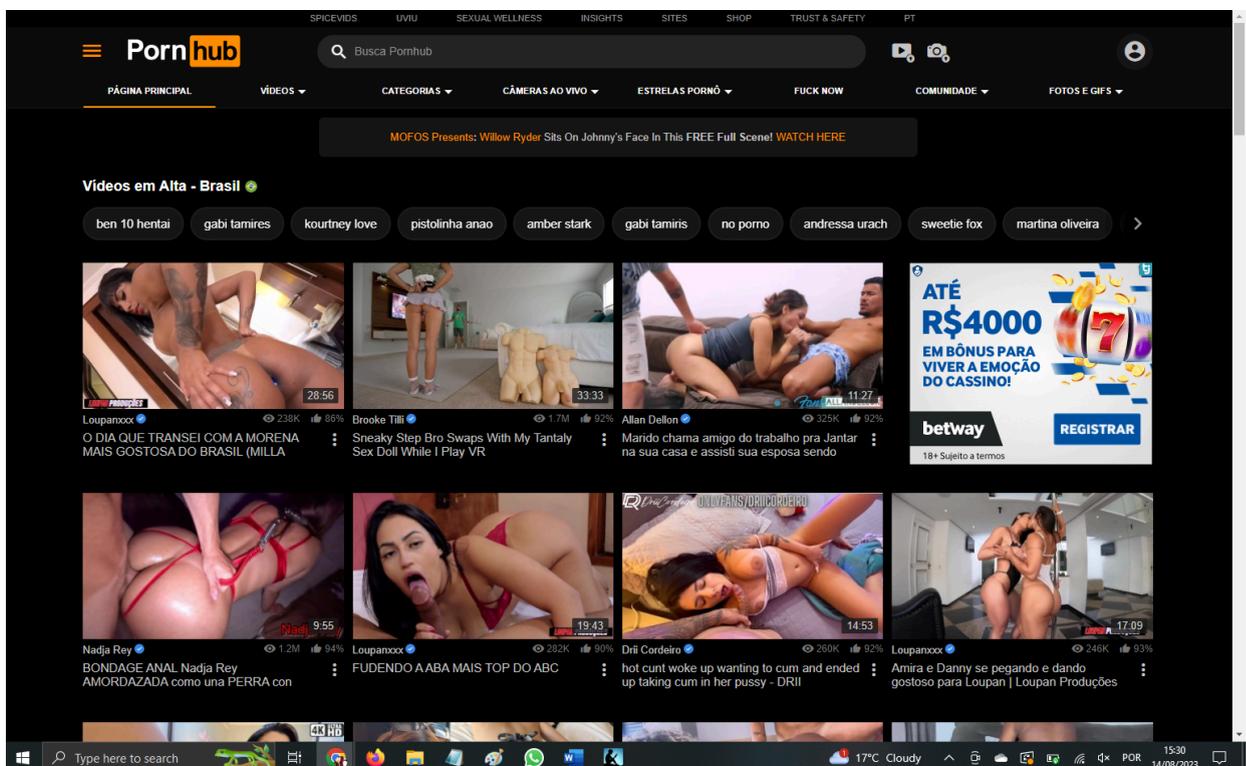
Em 2010, após alguns escândalos financeiros, a *Mansef* e *Interhub* foram vendidas à Fabian Thylmann, um programador, que já tinha histórico por trás da indústria pornográfica. Thylmann foi responsável, durante a década de 90, pela criação de um software chamado NATS (*Next-generation Affiliate Tracking Software*), que linkava diversos sites e conteúdos pornográficos disponíveis on-line, e permitia ao usuário selecionar as categorias de sua preferência. Após tal criação, Thylmann se expandiu na indústria on-line, a partir da criação de sites, até sua aquisição da *Mansef* e *Interhub*, as quais fundiu e renomeou para *Manwin*, e manteve-se na aquisição de outros sites com o mesmo tipo de conteúdo e proposta. A empresa foi novamente vendida em 2013, após escândalos fiscais relacionados à Thylmann. Atualmente, a empresa por trás desse monopólio da indústria pornográfica chama-se *Mindgeek*, tendo Feras Antoon como CEO e dono desde 2013, e responsável pelos maiores “*tube sites*” existentes na internet como *PornHub*, *Redtube*, *Xhamster*, *Xvideos* e *Youporn* (Wallace, 2011; Paterson, 2012; Daily Mail, 2020).

Retornando ao histórico de criação e desenvolvimento do *Pornhub*, já em seus seis primeiros meses no ar, o site alcança a marca de um milhão de visitas diárias. Em seu

primeiro ano de existência, o número de acessos diários salta para cinco milhões e, de forma exponencial, chega a impressionantes 115 milhões de visitas diárias em 2019, de acordo com o último levantamento feito pelo próprio site. O conteúdo expandiu-se no decorrer do tempo. Em comparação, a quantidade de horas de vídeos aumentou de 134 horas em 2007 para mais de 1 milhão de horas em 2019 e, segundo o próprio site, seriam mais de 169 anos de conteúdo a ser consumido no total (Pornhub, 2017a; Pornhub, 2019). Estes números refletem o peso da influência do *Pornhub*, terceira empresa de tecnologia do século XXI com maior impacto na sociedade, atrás apenas do *Google* e *Facebook* (Kristof, 2020).

Pelo endereço *pornhub.com*, o alcance ao site é simplificado e facilitado ao se demonstrar na linguagem do país onde o IP é identificado. Para falantes de português, a URL se direciona para *pt.pornhub.com*. Logo em sua página inicial, vídeos considerados populares para o país são demonstrados para consumo. Todavia, os vídeos são randomizados a cada recarregar de página, ou seja, sempre vídeos populares diferentes dos anteriores são oferecidos ao consumidor caso decida recarregar a página inicial.

Foto 1 - Página inicial do site *Pornhub*



Fonte: *Pornhub*⁵

⁵ Disponível em: <pt.pornhub.com>. Acesso em 14 ago. 2023

A interface do site também apresenta as seguintes ferramentas em sua página principal:

- Uma barra de pesquisa na qual o usuário pode pesquisar os termos que quer para encontrar o vídeo que melhor satisfaça seu desejo, e onde também se apresentam os dez termos mais populares do momento, assim como os atores e atrizes pornográficos mais procurados entre os usuários.
- Um menu, que apresenta como opções:
 - **VÍDEOS:** Uma aba a qual permite acessar os conteúdos gratuitos do *Pornhub* por meio de filtros de acordo com a escolha do usuário. Alguns dos filtros apresentados são “Mais populares”, “Melhor avaliados”, “Mais novos”, “*Playlists*”, “Canais”, entre outros.
 - **CATEGORIAS:** São compilados de vídeos que envolvam temas em comum. Inicialmente, o *Pornhub* divide as categorias em “Todos” e “Gay”, diferindo os que envolvem sexo heterossexual do sexo homossexual para homens. Abaixo, os vídeos se dividem em mais 10 categorias, das quais se subdividem em outras menores. As 10 categorias principais são: Etnia – sobre a raça/etnia das pessoas envolvidas; Cenário - diz respeito ao contexto de cena; Parceiros – quantas pessoas estão envolvidas em cena; LGBTQ – que aparece mesmo fora do filtro inicial que divide “Todos” e “Gay”; Ações – o que ocorre nos vídeos durante o ato; Atributos – as aparências físicas das pessoas presentes nos vídeos; Língua falada – o idioma dos vídeos; Idade – as faixas etárias dos atores; Produção – a forma como o vídeo foi criado; Diversos.
 - **CÂMERAS AO VIVO:** Mostram pessoas que estejam em *livestream*, transmitindo conteúdo pornográfico ao vivo e por demanda. Essa aba também se divide em subcategorias como “Modelos online agora”, “Modelos novas”, “Modelos nas proximidades”, entre outros.
 - **ESTRELAS PORNÔ:** Trazem a categorização dos protagonistas dos vídeos pornográficos, em categorias que destacam os atores e atrizes pornográficos famosos, tal qual os considerados “amadores”, os quais produzem vídeos por conta própria.
 - **FUCK NOW:** Um site de relacionamentos para que a comunidade ache pessoas em comum que desejam fazer sexo.

- o **COMUNIDADE:** Espaço no qual os frequentadores do site podem interagir entre si e trocar conteúdos pornográficos. A aba também dá destaque aos amadores.
- o **FOTOS E GIFS:** Espaço onde é possível acessar outra forma de mídia, que são as fotos e gifs de teor pornográfico, os quais são classificados por categorias como “Mais vistos”, “Mais bem classificados”, e se torna um espaço para que os frequentadores do site possam postar seu próprio conteúdo.
- Abaixo desse menu são demonstrados os termos mais comuns nas buscas do site e os vídeos mais populares para o país, com títulos que são traduzidos para o país do IP de origem do usuário (no caso da imagem apresentada anteriormente, para o português brasileiro).
- Próximo ao rodapé da página inicial, o site é apresentado:

A equipe da Pornhub está frequentemente atualizando e adicionando mais e melhores vídeos no nosso site todos os dias. Aqui tem de tudo 100% de graça. Temos uma enorme seleção de DVDs e filmes completos grátis que você pode baixar ou assistir aqui mesmo no site. A Pornhub é a plataforma mais completa e revolucionária de vídeos pornô. Oferecemos vídeos para assistir aqui mesmo, DVDs disponíveis para download, álbuns de fotos e a comunidade número 1 de sexo gratuito na internet. Estamos sempre buscando melhorar em oferecer mais funcionalidades para continuar mantendo acesa a chama da sua paixão pela pornografia. Entre em contato conosco caso tenha qualquer pergunta, comentário ou sugestão. (Pornhub, 2023b).

O *Pornhub* se introduz, portanto, como um catalisador da comunidade amante de pornografia, a qual pode sempre contar com novos conteúdos gratuitos e de qualidade, oferecendo o consumo de conteúdo por meios online (pelo próprio site) ou *offline* (através do *download* de conteúdo). Os usuários podem usufruir do site sem vinculação, ou têm a opção de cadastrar-se. Essa proposta de criação de compartilhamento ocorre a partir dos ideais de *tube sites*, no qual os próprios usuários podem fazer *upload* de conteúdo para si e para terceiros, tanto de conteúdos produzidos por si como por outras pessoas. Produtoras da indústria pornográfica também podem postar seus conteúdos por esse canal.

O *PornHub* nasce da iniciativa de oferecer conteúdo pornográfico gratuito, porém novas ferramentas foram oferecidas no decorrer dos anos, nas quais o site possibilita parcerias com produtores de conteúdo pornográfico, tanto amadores⁶ como empresas da indústria.

⁶ São denominados “amadores” pessoas que produzem conteúdo pornográfico por conta própria, sem participação de empresas do ramo.

Atualmente, existem dois modelos de negócios para com os produtores: o *Content Partner Program* (CPP) e o *Model Partner Program*. O primeiro diz respeito ao programa de parceria de postagem de conteúdos com empresas da indústria pornográfica, e o segundo a produtores amadores (Pornhub, 2023e), que tem ganhos no *PornHub* calculados a partir da performance dos anúncios que são colocados previamente ou a volta da página em que o vídeo é exibido.

A partir desses programas, dois novos braços do *PornHub* foram criados para monetização do conteúdo voltado a esses parceiros: o *PornHub Premium* e o *ModelHub*.

O *PornHub Premium* abarca os conteúdos pagos disponibilizados em parceria com grandes produtoras de conteúdos pornográficos, assim como oferece vídeos em realidade virtual e a possibilidade de fazer downloads do conteúdo. Este possui dois planos de pagamento – mensal e anual, os quais apenas podem ser adquiridos por meio de criptomoedas⁷ (Pornhub Help Center, 2023). É o único que apresenta um diferencial da página principal e das outras páginas participantes do *Pornhub*: um aviso para menores de dezoito anos de idade, alertando quanto ao conteúdo sexualmente explícito disponibilizado pelo site.

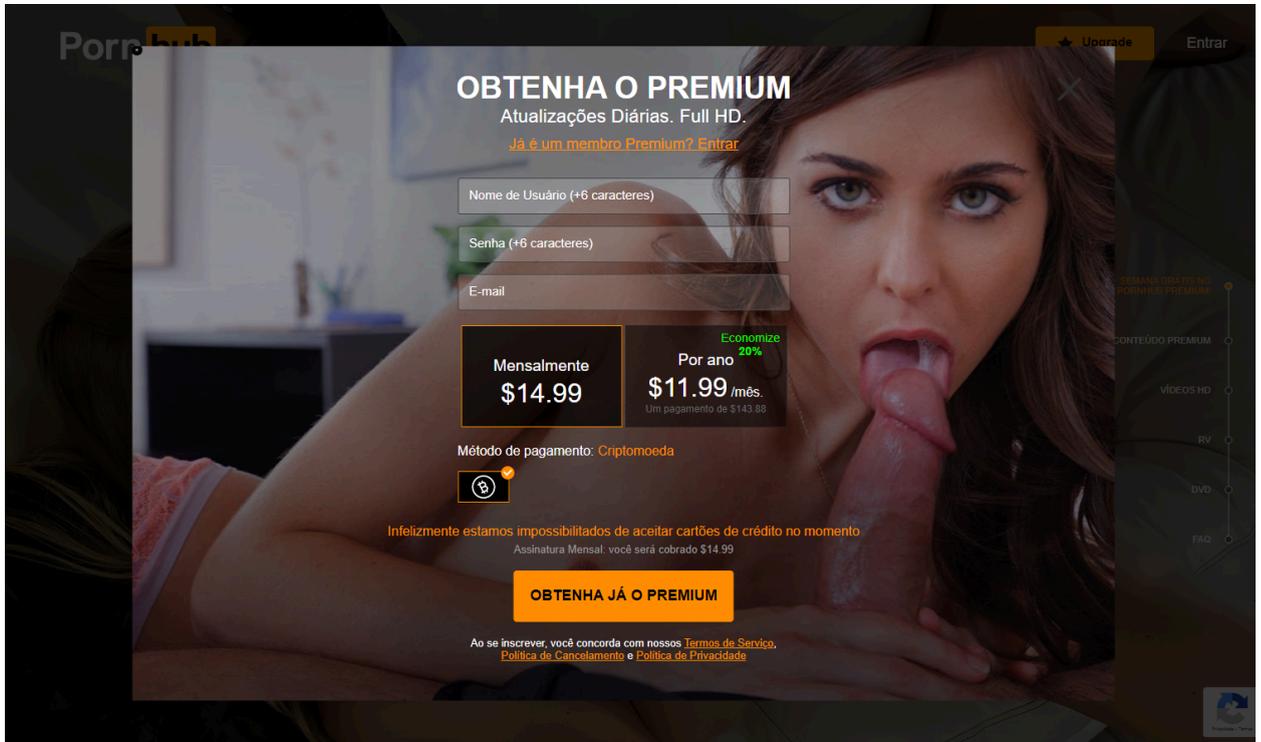
Foto 2 – Aviso de conteúdo adulto na página Pornhub Premium



Fonte: *PornHub Premium*⁸

⁷ Dada a proibição de outros meios de pagamento que será explicada ao próximo tópico.

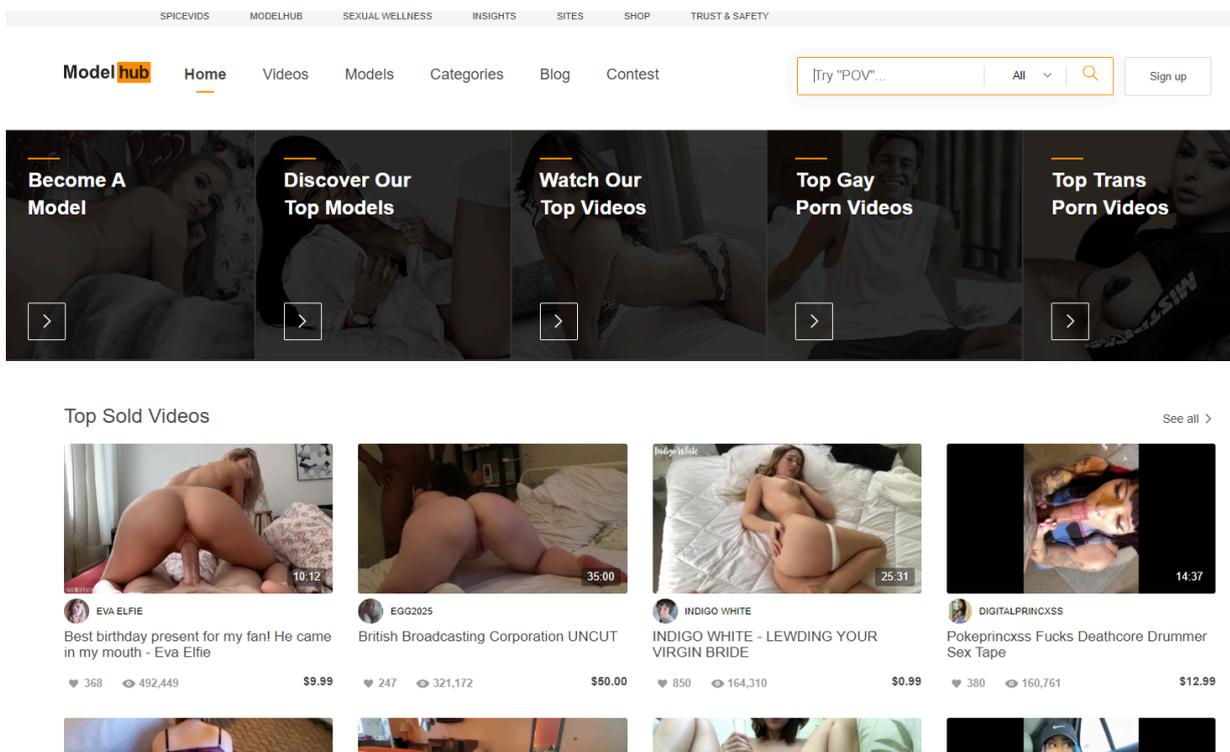
⁸ Disponível em: <<https://pt.pornhubpremium.com/>>. Acesso em 10 set. 2023

Foto 3 – Página de cadastro do *Pornhub Premium*

Fonte: *Pornhub Premium*⁹

Já o *ModelHub*, fundado em 2018, surge para competir diretamente com um novo site de conteúdo pago amador que estava ganhando cada vez mais proeminência: o *OnlyFans* (Pornhub, 2023a). A proposta dessa vertente é de que produtores amadores de conteúdo pornográfico possam vender suas produções por conta própria, por meio da assinatura dos usuários em seus perfis. Os assinantes do perfil também podem fazer pedidos de vídeos personalizados, pagando uma quantia ao produtor amador.

⁹ Disponível em: < https://pt.pornhubpremium.com/premium_signup>. Acesso em 16 set. 2023

Foto 4 - Página inicial do site *ModelHub*

Fonte: *Pornhub Premium*¹⁰

A adaptação do *Pornhub* para atender as demandas do público e da indústria é constante. Todavia, isso não os livra de polêmicas e problemáticas - as quais, inclusive, os levaram a diversas mudanças, em particular na última década. Para além dos números impressionantes e da fama consolidada entre os consumidores de pornografia, o *Pornhub* voltou a ser destaque nos últimos anos devido a um escândalo relacionado à pornografia infantil, tráfico humano e rede internacional de exploração sexual.

2.1.1 O escândalo sexual: quando o *Pornhub* deixa de ser divertido

No ano de 2020, o *Pornhub* se evidenciou nos meios midiáticos através de um artigo destacado pelo jornal *The New York Times*, em que Kristof (2020) denuncia a existência de milhares de vídeos inseridos no site com cenas de estupro e exploração sexual infanto-juvenil; conteúdos do chamado “pornô de vingança”, entre outros materiais que incentivam, segundo o autor, a misoginia, racismo e violência contra mulheres. Ademais, a empresa que gere o site

¹⁰ Disponível em: <<https://www.modelhub.com/>>. Acesso em 16 set. 2023

estaria, ainda, lucrando através disso. O jornalista também apresenta o caso de uma mãe que descobriu que sua filha de 15 anos, sequestrada e traficada sexualmente, após encontrar 58 vídeos desta, no site, sendo estuprada.

Relembra-se, igualmente, que o *Pornhub* disponibiliza a opção de download dos vídeos, assim como que qualquer usuário possa fazer o upload de materiais no site. Assim, independentemente de que o site apague materiais relacionados a esses conteúdos, estes retornarão constantemente e continuarão circulando pela Internet até mesmo em sites que não tem como proposta a circulação de material pornográfico, tal qual *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, etc. O site, em resposta, alega que tem moderadores para filtrar tais conteúdos, contudo, o jornalista rebate:

Enquanto o *Pornhub* não me diz quantos moderadores emprega, eu entrevistei um que disse que existem por volta de 80 em todo o mundo que trabalham nos sites da Mindgeek (em comparação, o Facebook me disse que tem 15.000 moderadores). Com 1.36 milhões de horas de novos vídeos em upload no PornHub a cada ano, isso significa que cada moderador teria que verificar centenas de horas de conteúdo por semana.

Os moderadores repassam os vídeos, mas geralmente é difícil avaliar se uma pessoa tem 14 ou 19 anos, ou se a tortura é real ou não. A maioria do conteúdo “*underage*” [menores de idade] envolve adolescentes, de acordo com o moderador com quem conversei, mas alguns vêm de câmeras escondidas em banheiros ou vestiários, e mostram crianças de apenas 8 a 12 anos.

“O trabalho em si é extremamente destruidor”, diz o moderador. (Kristof, 2020, p. 01, tradução nossa).

O *Pornhub* se introduz A carga horária dos moderadores em comparativo com o volume de vídeos a serem analisados tornava o trabalho desumano. Como demonstrado no documentário “*PornHub: Sexo Bilionário*” (2023a), cerca de trinta moderadores precisavam analisar, no mínimo, 700 vídeos por dia em turnos de oito horas. Considerando que sites gigantes como o próprio *Facebook* apresentam número maior de moderadores – que mesmo assim são sobrecarregados, o *Pornhub* demonstra grande falha com o compromisso de oferecer conteúdo de qualidade e seguro para seus usuários, além de submeter os seus funcionários a jornadas insalubres ao lidarem com tal volume de conteúdo.

A pressão trazida pela divulgação da reportagem levou grandes empresas como *Visa* e *Mastercard* a revisar seus serviços prestados em relação à pagamentos via cartão de crédito no site, e proibiram o uso para com o *Pornhub*. Outras empresas de pagamento, como *American Express* e *PayPal*, já contém políticas que proíbem seu uso em compras de materiais e sites relacionados à conteúdo “adulto” (Nelson, 2020; Friedman, 2020). O artigo traz à luz, ainda,

movimentos contra o *Pornhub* que já existiam, os quais reivindicam o fechamento do site justamente por questões que estavam sendo, agora, colocadas em pauta pelo jornal (Kristof, 2020).

Após a exposição da situação e a grande repercussão nas mídias e redes sociais, a *MindGeek* foi processada no estado da Califórnia, Estados Unidos, por uma ação que contempla 34 mulheres das quais acusam o site de promover mercadologicamente a pornografia infantil e conteúdos sexuais não consentidos (G1, 2021). Em março de 2023, após as diversas polêmicas geradas pelas acusações, a *MindGeek* foi comprada por uma empresa canadense de capital privado denominada *Ethical Capital Partners*. Em entrevista, o CEO da empresa, Solomon Friedman, afirmou ver grande potencial no conglomerado, até então, possuído pela *MindGeek*, e nos modelos tecnológicos que o sustentam (Morris, 2023).

O escândalo promoveu alterações significativas nas políticas do site. A partir de 2020, em um manifesto para demonstrar comprometimento com políticas de segurança e confiabilidade, alega-se que o *Pornhub* passou por um período de reformulação, no qual especialistas foram contratados para auxiliar no combate a conteúdos considerados ilegais, e passaram a produzir relatórios anuais de transparência, voltados a demonstrar os esforços relacionados à eliminação de conteúdos potencialmente prejudiciais. Outras medidas em destaque tomadas pelo site dizem respeito a remover a possibilidade de *download* de conteúdo e permitir que apenas “perfis verificados” possam fazer o *upload* de conteúdo. De acordo com a nova política, apenas pessoas que forneçam documentação com a comprovação de que é uma pessoa real, acima de 18 anos, assim como passar por um mecanismo de verificação facial biométrica. Também é necessário assinar um documento que atesta que o conteúdo produzido é consensual, que está dentro das diretrizes dos termos de serviço e que há a permissão de que este seja gravado e redistribuído. O site também alega que tem sido mais rígido quanto à moderação de vídeos, e que está se utilizando tanto de inteligência artificial como de moderadores humanos para lidar com conteúdos que possam violar as políticas de segurança (Pornhub, 2023c; 2023d; 2023e).

É importante lembrar que até o escândalo em 2020 não havia verificação de identidade para perfis que postassem conteúdos no site sem fins lucrativos, e que a maioria do conteúdo presente no site estava ligado às contas verificadas. Dessa forma, não era possível rastrear tais perfis, o que facilitava o *upload* de vídeos ilegais. Após o ocorrido, cerca de 10 milhões de vídeos foram retirados da plataforma, tanto por denúncias de violação, como por pertencerem a usuários não-verificados. (Pornhub, 2023a).

A controvérsia em relação à existência e funcionamento do site *Pornhub* espelha, em si, o processo de disputa de discursos do qual a pornografia passou a partir da década de 80, que se desenvolveu principalmente nos Estados Unidos, em relação à movimentos favoráveis e contrários à sua existência, que fazem parte de discussões que permeiam ainda os dias atuais. É necessário, assim, compreender a origem da disputa discursiva sobre a pornografia.

2.2 A efervescência dos movimentos contrários e favoráveis à pornografia

A pornografia, como tema, é dividida em opiniões das mais diversas. O grupo favorável prega sua importância a partir da questão da expressão da liberdade sexual humana; existem também os grupos antipornografia, que se dividem em dois eixos em sua motivação: os grupos feministas, que trazem a perspectiva pornográfica como de exploração e reificação do corpo feminino, e os grupos religiosos, que veem a pornográfica através de uma ótica moral. Nesta seção, serão destrinchados os fundamentos e argumentos de cada um desses três grupos.

Antes de iniciar a divisão, é importante destacar como e quando as discussões pró e antipornografia se iniciaram. Comella (2015) enfatiza que essa movimentação se iniciou nos Estados Unidos, durante a década de 70, a partir do movimento feminista antipornografia, surgindo o movimento pró-pornografia como resposta e antagonista a este, anos depois, um embate que foi apelidado de “*Feminist Sex War*” (Guerra do Sexo Feminista, em tradução livre). O surgimento desse movimento, de acordo com Santana (2016), teve sua primeira faísca graças a dita “Era de Ouro da Pornografia”, que acendeu preocupações quanto às consequências da difusão e propagação da pornografia como vinha ocorrendo. Os anos 70 e 80 foram marcados pelo surgimento de movimentos anti e pró-pornografia.

2.2.1 O movimento feminista antipornografia: a luta contra a reificação do sexo feminino

O movimento feminista antipornografia tem como suas principais expoentes Andrea Dworkin e Catherine Mackinnon, que encabeçaram o movimento, em seus primórdios, durante a década de 70. Comella (2015) descreve as primeiras faíscas do movimento feminista antipornografia a partir do levante contra o filme **Garganta Profunda**, que foi considerado por mulheres da época como sexista, e que surgira como um *insight* para que mulheres percebessem como homens realmente projetam o que seria a sexualidade feminina.

A partir desse cenário, outras discussões passaram a emergir em relação a como a revolução sexual, ocorrida por volta da década de 60, tinha falhado e negligenciado em muitas questões da sexualidade feminina. Inicialmente, o movimento feminista antipornografia tem suas raízes na luta contra a violência, a partir do *Women Against Violence Against Women (WAVAW)* [Mulheres contra Violência contra Mulheres, em tradução livre], fundado em 1976, nos EUA. A Organização fez o trabalho de reunir materiais midiáticos em geral e demonstrar situações às quais estes estariam sendo sexistas ou promovendo a violência contra a mulher, denunciando e exigindo responsabilização dos veiculadores e criadores, através de petições, boicotes, cartas abertas e manifestações. O movimento tomou importância nacional e, com o tempo, o foco passou a ser relacionado à pornografia, daí emergindo o *Women Against Violence in Pornography And Media (WAVPM)* [Mulheres contra a Violência na Pornografia e na Mídia, em tradução livre].

O WAVPM entraria um pouco mais do que o WAVAW no espinhoso assunto o qual era a pornografia. Foi a partir de uma das militantes do grupo, Robin Morgan, que surgiu uma das famosas frases do movimento feminista antipornografia: “A pornografia é a teoria; o estupro é a prática”. A partir desse posicionamento, foi perceptível a forma pela qual a comunicação dos grupos estava mudando: ao invés de ir pela abordagem em que imagens sexualizadas e violentas seriam sugestivas à objetificação, desumanização do feminino, podendo dessensibilizar homens quanto ao estupro, os grupos antipornografia estavam mais diretos, afirmando convictamente a relação entre essas variáveis. Ao final da década de 70, os grupos perceberam a necessidade de se basear em teorias – não somente em suas vivências e sentimentos – e criar estratégias para dar fundamento à luta (Comella, 2015).

Ascendia, então, o *Women Against Pornography (WAP)*, como trazido por Comella (2015), cuja ação interfere nos rumos iniciais propostos pela WAVAW e acaba por ofuscá-lo. O movimento se tornou linha de frente da luta antipornografia, integrado por feministas que eram (e são até hoje) consideradas referência em tal questões e no movimento feminista radical, como Andrea Dworkin, Catherine Mackinnon e Adrienne Rich. As mulheres integrantes do movimento levaram ao público geral a teoria feminista de forma fácil e inteligível, destacando como a pornografia é uma ferramenta de dominação masculina e expressa os ideais violentos e misóginos do sexo masculino. Além disso, Santana (2014) acrescenta que o movimento acredita que a pornografia seja uma forma de reificar o sexo feminino, transformando o corpo em mercadoria ao prazer masculino, e lembra que o WAP criou campanhas pedindo aos governos a censura e criminalização da pornografia por incitar a violência contra o sexo feminino.

Santana (2016) relembra obras escritas por essas feministas que calcaram essa necessidade de teoria, como o livro *Pornography: men possessing women*, de Andrea Dworkin, e os textos de Catherine Mackinnon, que denunciam a pornografia como produtor e divulgador de um tipo de sexualidade negativa e violenta contra as mulheres, e como os papéis impostos pela hierarquia de gênero afirmam essa posição de dominância *versus* submissão.

Mackinnon (1989) demonstra a perspectiva do movimento feminista antipornografia quanto à produção desse tipo de material e seus significados:

(...) A pornografia permite com que homens tenham o que queiram no sentido sexual. É a sua “verdade nua e crua sobre o sexo”. Ela concentra a objetificação visual tanto da excitação sexual masculina como dos modelos masculinos de conhecimento e verificação, conectando objetividade com objetificação. Demonstra como os homens veem o mundo e, como ao vê-lo, o acessam e o possuem em um ato de dominação sobre ele. Mostra o que os homens querem e dá isso a eles. Do que há testemunho sobre pornografia, o que homens querem são: mulheres amarradas, espancadas, torturadas, humilhadas, degradadas e contaminadas, mortas. Ou, para ser justa com [o pornô] *softcore*, mulheres sexualmente acessíveis, disponíveis para eles, querendo ser possuídas e usadas, talvez com um tipo de *bondage* mais leve. Cada violação das mulheres – estupro, espancamento, prostituição, abuso sexual infantil, assédio sexual – é sexualizado, demonstrado como sexy, divertido e libertador da verdadeira natureza feminina na pornografia. Cada grupo específico de mulheres vitimizado e vulnerável, cada grupo alvo de tabus – mulheres negras, asiáticas, latinas, judias, grávidas deficientes físicas e intelectuais, pobres, mais velhas, gordas, em trabalhos “femininos”, prostitutas, meninas pequenas – vão distinguindo gêneros e subtemas pornográficos, classificados de acordo com o tipo de degradação favorita dos clientes. Mulheres são transformadas e acopladas a qualquer coisa considerada sub-humana: animais, objetos, crianças, e (sim) outras mulheres; qualquer coisa que mulheres tenham reivindicado como seu – maternidade, esportes, trabalhos “masculinos”, lesbianismo, feminismo – é demonstrado especificamente como sexy, perigoso, provocativo, passível de punição, feito por homens na pornografia. (...) “O maior tema da pornografia como gênero”, escreve Andrea Dworkin, “é a dominação masculina”. (Mackinnon, 1989, p. 326-327, tradução nossa).

Assim, as feministas antipornografia veem a pornografia como parte de um mecanismo social misógino, cujo um dos objetivos é difundir um tipo de exercício de sexualidade hierárquico, em que o prazer masculino é a prioridade a qualquer custo, relegando espaço e voz ao sexo feminino. Posto isso, trata-se da reprodução da sociedade patriarcal em termos de misoginia e violência direcionada ao feminino. A pornografia traduz, dessa forma, o desejo da subjugação feminina, mas mais especificamente na esfera do exercício da sexualidade, transmitindo a mensagem da dominação masculina por meio de conteúdos

sexualmente explícitos, moldados pelas fantasias masculinas. Seria, ainda, uma forma de educar o sexo masculino a objetificar e ao sexo feminino a se submeter à reificação de seus corpos, vendendo tal imagem como uma posição prazerosa de se estar para ambos os lados.

Em 1983, Catherine Mackinnon e Andrea Dworkin elaboraram um projeto de lei voltado à regulamentação da pornografia, visando os processos de produção, distribuição, venda e exibição. O ideal era definir a pornografia como uma possível violação aos direitos civis das mulheres – sendo, portanto, uma lei abarcada na esfera cível - possibilitando que mulheres que se sentissem prejudicadas por algum material pornográfico (ao comprovar sua prejudicialidade por meio dos critérios estabelecidos na lei) pudessem processar produtores, distribuidores e reprodutores do conteúdo, podendo levar ao banimento desse conteúdo caso se provasse ser prejudicial. A intenção desse projeto não era tornar a pornografia ilegal, e sim que o judiciário pudesse analisar materiais pornográficos que submetessem mulheres a situações degradantes, de modo a demonstrar que poderia causar dano. O projeto chegou a ser aprovado em alguns locais dos Estados Unidos, mas acabou sendo derrubado pela corte, pela crença de que seria uma violação do direito de liberdade de expressão (Fernandes, 2017).

Santana (2016) relembra que a pauta antipornografia nos EUA também foi abraçada pelo governo Reagan e por um movimento de políticos conservadores denominado *New Right*, os quais tinham foco nas questões sexuais a partir de um olhar reacionário, tendo como pautas a proibição do aborto, a restrição de direitos das mulheres e homossexuais. Apenas por esses elementos iniciais, já se demonstra a razão pela qual a confusão entre o movimento antipornografia feminista e o movimento antipornografia conservador é injusto e desonesto. A própria autora relembra que a questão do apoio da ala reacionária se trataria de um sequestro de pauta visando o benefício próprio do grupo dominante de homens conservadores.

O movimento feminista antipornografia – inclusive na atualidade – é comumente associado a movimentos conservadores, devido a compartilharem ambos uma visão de criticidade em relação à pornografia. Todavia, as associações entre movimentos que são distintos em suas metodologias e objetivos trazem o risco de não compreenderem a complexidade do movimento feminista antipornografia feminista e as razões pelas quais esse movimento existe em defesa aos direitos sexuais do sexo feminino.

É essencial demonstrar a diferença entre ambos os movimentos que se dá a partir de um elemento central: a moralidade versus a preocupação com a humanidade do sexo feminino. A agenda conservadora calca suas preocupações a partir de preceitos religiosos e moralistas, que trazem como consideração o consumo de pornografia como exercício de um pecado que deve ser expiado. Já a preocupação feminista se dá pela desumanização do corpo

feminino a partir de sua reificação e mercantilização ao bel prazer do sexo masculino, e como isso estaria incentivando o exercício de uma sexualidade cada vez mais violenta e cada vez menos consensual e segura.

2.2.2 O movimento pró-pornografia: a “emancipação feminina” e a subversão da pornografia

De acordo com Comella (2015), a efervescência do movimento feminista antipornografia durante os anos 70 fez com que feministas de outras vertentes – e que acreditavam em outros meios de se debater pornografia e sexualidade – também desejassem seu espaço e destaque de fala.

Pinto, Nogueira e Oliveira (2010) trazem a perspectiva do movimento pró-pornografia, que considera que a pornografia pode ser também uma fonte de prazer para as mulheres, e acredita na possibilidade de novos materiais das indústrias produzidos por mulheres focalizando no prazer sexual feminino, de forma a abrir uma via alternativa para o consumo de pornografia, e até mesmo a reivindicação da pornográfica como produção artística.

O movimento pró-pornografia – também denominado como “pró-sexo” ou “sex positive” – e suas movimentações deram início por volta da década de 80, após longos debates percorridos pelas feministas antipornografia. Silva (2011) especifica que algumas feministas fundaram o *The Feministe Anti-Censorship Taskforce*¹¹ (FACT).

Castro e Crespo (2018) acrescentam que esse movimento acreditava na possibilidade de subverter a passividade feminina nos conteúdos pornográficos através do feminismo, considerando a pornografia como uma ferramenta de emancipação da sexualidade feminina. As autoras frisam mais ideais do movimento, cuja crença se estabelece a partir de permitir o reconhecimento de identidades relacionadas à orientação sexual, gênero, raça, entre outros demarcadores, de forma a tentar combater desigualdades sociais geradas por esses papéis.

O movimento pró-pornografia, portanto, representa a parcela de mulheres e homens que não veem mazelas na pornografia, e sim a expressão plural de sexualidades consideradas dissidentes, podendo ser uma ferramenta em prol da normalização do sexo para além do heterossexual por seu possível potencial de ser uma ferramenta subversiva ao status quo. Autores como Gayle Rubin, Paul Preciado, Ann Snitow, Laura Kipnis, entre outros, defendem a ideia da pornografia a partir de uma perspectiva libertária.

¹¹ “A força-tarefa feminista anti-censura”, em tradução livre.

Todavia, este movimento não se representa de modo homogêneo. Sarmet (2014) frisa que existem diferenças entre o movimento da “pornografia feminista” e o denominado como “pós-pornô”. De acordo com a autora, ambas perspectivas se aproximam no ideal de que a pornografia mainstream é sexista e feita para homens heterossexuais, porém, a “pornografia feminista” traz a visão de que existem elementos de excitação intrinsecamente femininos que são explorados por esse nicho, e que, por isso, fazem sucesso com as mulheres. O “pós-pornô”, entretanto, é descrito como um movimento que busca romper com todo e qualquer rótulo (inclusive de gênero) e representa corpos e sexualidades ditos como marginalizados. Portanto, apresenta-se como crítico à maneira como a pornografia *mainstream* é construída. Outra diferença substancial entre esses movimentos se dá na compreensão de que a pornografia feminista busca mudar as formas de conceber a pornografia, já o pós-pornô se preocupa em como o sexo, em geral, pode ser abordado de formas diferenciadas (Gregory; Lorraine, 2018).

O pós-pornô concebe que a pornografia *mainstream* carrega consigo as mazelas do sexismo, mas compreende que isto não é algo inerente à pornografia, e sim reflexo social da sexualidade vista pelo olhar masculino (Pajuelo, 2022). Existe a presunção de que haja a possibilidade de um consumo ético de pornografia, caso esta não esteja influenciada pelos olhares que excluem as diversidades sexuais. Gregory e Lorange (2018) compreendem que o grande marco inicial do movimento parte do *Post-Porn Manifesto*, escrito em 1989 por Annie Sprinkle, Veronica Vera, Candida Royalle, Frank Moore e Leigh Gates, o qual salientava o desejo da união de pessoas envolvidas na Indústria do Sexo para que a pornografia pudesse ser transformada em não apenas entretenimento, mas também em educação. A compreensão da pornografia se dá, por essa linha, como uma ferramenta importante para se transformar as concepções de sexualidade.

Já o diferencial proposto pela pornografia “feminista”, em relação à pornografia *mainstream*, é a suposta preocupação para que o material pornográfico exiba prazer real envolvido no ato, sendo o prazer feminino protagonista, tentando demonstrar mais “respeito” em relação às mulheres (Santana, 2014). Santana (2016) aponta a cineasta sueca Erika Lust como a principal produtora e diretora desse sub gênero pornográfico, e como esta tem a preocupação de trazer uma “sexualidade positiva” em suas produções. Esse tipo de abordagem teria como objetivo subverter a pornografia ao, supostamente, rejeitar a violência e opressão sexual, acreditando que existam formas de se produzir imagens sexuais “positivas” ao permitir a participação de corpos e sexualidades consideradas “à margem” da sociedade.

Todavia, o consumo ético de pornografia, mesmo que, supostamente, não produzido voltado ao olhar masculino, é um tópico questionável. Tyler e Jovanovski (2018) abordam a visão de que assumir um consumo ético seria reforçar que homens podem ter acesso à corpos femininos se puderem comprá-los – dentro de condições específicas, e que é falho assumir consumo ético em um sistema de desigualdade sexual e econômica pautado na opressão do corpo feminino. As autoras acrescentam:

No entanto, isso também destaca a maneira pela qual a indústria do sexo não é apenas uma indústria como qualquer outra, já que violações das normas de saúde ocupacional podem resultar na exposição a infecções sexualmente transmissíveis, e violações da segurança do trabalhador podem rapidamente levar à violência sexual. O fato de que um dia ruim no trabalho pode significar ser vítima de estupro é mais extremo do que os padrões médios de trabalho e emprego em outras indústrias de serviços. (...) A indústria do sexo provavelmente é um lugar particularmente inadequado para assumir qualquer possibilidade de normas éticas de consumo (Tyler; Jovanovski, 2018, pg. 16, tradução nossa).

Assumir o papel de diferencial em uma indústria pautada na exploração de corpos demonstra-se como algo ousado, porém utópico, visto que os moldes de produção não são rompidos apenas na demonstração de “diversidades”. Santana (2016) corrobora com a crítica do posicionamento na busca pelo “sexo real”, visto que este tipo de abordagem não deixaria de ser um canal de normatização que assume novos formatos, supostamente inclusivos, mas que se mantém como uma interpretação de experiência.

A subversão de mecanismos opressivos nem sempre possibilitam a utilização completa destes a favor de quem se é oprimido, ainda mais se existe a contradição da manutenção desses mecanismos opressivos disfarçados de empoderamento. Um claro exemplo da contradição apresentada por Lust se demonstra no documentário “*Hot Girls Wanted: Turned On*”¹², mais especificamente em seu primeiro episódio, “*Women on Top*”. Lust está gravando mais uma de suas produções com uma mulher que não está inserida na indústria pornográfica. Ao gravar a cena final, esta se demonstra exausta e pede para parar, no que Erika lhe pede para fingir um orgasmo para que a cena termine. Tal postura não se diferencia tanto do que a indústria pornográfica submete mulheres, então, o quão “empoderadora” pode ser a opressão disfarçada de empoderamento? A exploração de corpos femininos, portanto, não se finda com um “olhar feminino/diverso”, se este disfarça os mesmos mecanismos de violência.

¹² Disponível em: [HOT Girls Wanted: Turned On](https://www.netflix.com/title/80115676). 2017. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80115676>. Acesso em: 11 mar. 2023.

Retomando Tyler e Jovanovski (2018), a possibilidade de consumo ético de pornografia, contanto que seja dentro dos moldes “pró-sexo”, é um conceito tão abstrato que nem os próprios teóricos têm um consenso sobre. Não há tipos de consumo ético em qualquer tipo de nicho que detém em suas raízes a exploração, por mais “empoderadas” que estejam para o público ver.

2.2.3 A *Feminist Sex Wars* terminou?

O movimento feminista antipornografia foi perdendo força e engajamento com a ascensão do pensamento liberal – tanto em relação a ser uma vertente do feminismo como no que diz respeito às reflexões sobre a pornografia – enquanto o movimento pró-pornografia foi se consolidando, sendo também ecoado pela indústria pornográfica, visto que tal discurso consolidava e validava seus próprios interesses. Mesmo que a *Feminist Sex Wars* não tenha mais os embates e a força que teve no momento de seu acontecimento, os embates teóricos entre os olhares antipornografia e pró-pornografia não deixaram de existir.

O movimento antipornografia tem novamente ganhado força nos últimos tempos e as críticas à indústria pornográfica têm se reacendido em novos movimentos de militância virtual. Gail Dines é um dos principais nomes que manteve a crítica antipornográfica viva durante o final da década de 2000 e início da década de 2010 em diante, em particular por meio de seu livro “*Pornland: How Porn Has Hijacked Our Sexuality*”. A autora mantém um projeto chamado *Culture Reframed*, o qual considera que a pornografia e a cultura midiática hipersexualidade – incluso questões da era digital – devem ser tratados como uma questão de saúde pública, oferecendo serviços educativos voltados à conscientização sobre o tema para crianças, adolescentes e adultos¹³. Outros projetos online têm se voltado à importância da conscientização sobre o consumo de pornografia, prostituição, tráfico sexual e a hipersexualização, como os projetos *Fight The New Drug*¹⁴ e *Exodus Cry*¹⁵. No Brasil, uma das maiores páginas que encabeça o movimento na web no país é a Recuse a Clicar¹⁶, que aborda tanto conteúdos internacionais como nacionais relacionados aos temas. A discussão

¹³ Para informações mais detalhadas sobre as propostas do programa, checar em: <https://www.culturereframed.org/our-work/>.

¹⁴ Para informações mais detalhadas sobre as propostas e trabalho do projeto, checar em: <https://fightthenewdrug.org/>

¹⁵ Para informações mais detalhadas sobre as propostas e trabalho do projeto, checar sua página do Instagram <https://instagram.com/exoduscry>

¹⁶ Para informações mais detalhadas sobre as propostas e trabalho do projeto, checar sua página do Instagram <https://instagram.com/recuseaclicar>

sobre os impactos da pornografia na contemporaneidade também é abordada em documentários como *Hot Girls Wanted*¹⁷, *Hot Girls Wanted – Turned On*¹⁸ e *Pornhub: Sexo Bilionário*¹⁹, disponíveis na plataforma de streaming *Netflix*.

Ressalta-se, ainda, que os pontos de vista antipornografia e pró-sexo, mesmo em suas divergências metodológicas, compreendem também pontos em comum. Mesmo partindo de caminhos teóricos diferenciados, é perceptível que tanto o movimento pró-sexo como o movimento antipornografia têm críticas em comum no que diz respeito à forma como a indústria pornográfica *mainstream* aborda corpos e sexualidades por meio da perspectiva heterossexual e masculina, assim como a busca por uma educação sexual de qualidade que seja abrangente aos cenários sociais dos quais incluem também o uso de pornografia.

É inegável, porém, que a consideração de subversão do sistema, proposta pela vertente pró-sexo, não compreende os objetivos abolicionistas da vertente antipornografia. Não é possível dizer que a *Feminist Sex Wars* terminou, visto a quantidades de discussões ainda presentes quanto ao consumo, produção e distribuição de pornografia, e as novas tecnologias e variadas formas de distribuí-la, como, por exemplo, a meteórica ascensão do site *OnlyFans*, uma plataforma de consumo de conteúdos via assinatura que se tornou um dos principais veículos de distribuição de pornografia paga on-line do começo da década.

E falando em Brasil, há também a necessidade de se compreender como as movimentações da indústria pornográfica se deram no país e se tornaram tão bem-sucedidas.

2.3 Pornografia à brasileira: sobre o que estamos falando?

O Brasil pode ter ficado afastado das discussões antipornografia e pró-pornografia que efervesciam nos EUA (Santana, 2014), mas isso não significa que não haja um histórico no país em relação a esse tipo de material, e nem que o material pornográfico brasileiro não se destaque globalmente quanto ao consumo e produção.

Azevedo (2017) percebe que durante o final do século XIX e início do século XX houve uma era de ouro para os veículos impressos, como jornais e livros, sendo um grande

¹⁷ Disponível em: [HOT Girls Wanted](https://www.netflix.com/title/80038162). 2015. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80038162>. Acesso em: 11 mar. 2023.

¹⁸ Disponível em: [HOT Girls Wanted: Turned On](https://www.netflix.com/title/80115676). 2017. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80115676>. Acesso em: 11 mar. 2023.

¹⁹ [PORNHUB: Sexo Bilionário](https://www.netflix.com/title/81406118). 2023. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81406118>. Acesso em: 27 mar. 2023.

momento de produção e difusão dessas literaturas. Dentre elas, os chamados “romances para homens”, obras bem-sucedidas em vendagem, tanto no Brasil como em Portugal, com conteúdo pornográfico²⁰, proibidas às mulheres justamente por esse teor. O autor ressalta que esse tipo de literatura já circulava entre Brasil e Portugal desde o século XVII, mas que seu auge foi no século XIX. Os principais fatores que compunham esse tipo de obra se relacionavam à descrição explícita de cenas de sexo e à temática sexual como parte integrante ao desenvolvimento da história.

A pornografia teve outras vias de alastramento além de livros, revistas e jornais editados no final dos anos 1800 e começo de 1900 e isso foi primordial para sua popularização. À somatória dos textos havia, também, a veiculação de imagens de mulheres com pouca ou nenhuma roupa. Logo ao início do século XX, outros formatos de divulgação do conteúdo pornográfico se apresentaram, a partir das fotografias, cartões postais, peças de teatro e filmes (Mendes, 2019).

Azevedo (2017) relembra, todavia, que mesmo sendo bem-sucedidas em popularidade e vendas, obras pornográficas não eram bem aceitas a partir da moralidade da época, e que havia censura a partir de instâncias jurídicas, religiosas e médicas. A pornografia não era ilegal, mas era tratada e censurada a partir de um forte viés moral, além de se atribuir a leitura de obras pornográficas à Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), anemia, desgaste físico etc. Ademais, Mendes (2019) destaca a existência de movimentos contrários à pornografia com base em preceitos morais desde o início dos anos 1900, que visavam a criminalização e banimento desses materiais. Todavia, esse banimento nunca ocorreu. Pelo menos para os homens.

Os “romances para homens”, como o próprio nome infere, tinha como público-alvo o sexo masculino. Não apenas a questão se tratava de ter homens como público-alvo, mas tais romances também funcionavam, direta ou indiretamente, como uma ferramenta de controle e censura da sexualidade feminina. Mendes (2019) retrata que, na época, publicações acadêmicas justificavam o não-acesso de mulheres à essas obras, induzindo – por meio de discursos deterministas, pseudocientíficos e baseados em moralidades conservadoras – à crença de que estas teriam impacto negativo na saúde, sexualidade e moralidade do sexo feminino. Por outro lado, dentro do movimento pornográfico, os discursos de autores e público reforçam estereótipos também misóginos. Assim, o espaço para a sexualidade feminina não esteve seguro em nenhum dos dois pólos.

²⁰ O autor considera como pornográfico, à contemporaneidade das obras, a descrição de atos sexuais de forma explícita.

Em relação ao mercado audiovisual, o Brasil teve seu próprio subgênero pornográfico, criado por volta da década de 70 no eixo Rio-São Paulo, popularmente conhecido como pornochanchada. Se tratou de um movimento do cinema nacional que Nascimento (2015) descreve como inspirado pela comédia erótica produzida na Itália, a qual conquistava o seu espaço de destaque desde a segunda metade da década de 60. A influência italiana chegaria nessa mesma época, assim como o lançamento dos filmes precursores da comédia erótica brasileira, que mais tarde seria transformada em pornochanchada. São, portanto, filmes de comédia com tons de erotismo que trazia o humor para o lado sexual e caricaturizado, e que visava explorar a imagem feminina por meio da exibição de seu corpo e cenas de sexo. A origem da palavra vem da junção de pornô, para caracterizar sua linguagem sexual, e chanchada, expressão de origem espanhola – que se traduz como “porcaria” – utilizada para designar algo de cunho popular, sem valor artístico. A expressão acabou sendo estendida para todo e qualquer filme brasileiro que recorresse a narrativas eróticas.

Relembra-se que a pornochanchada explodiu em uma época na qual o Brasil passava por seu período de Ditadura Militar, pós Ato Institucional nº5. Ironicamente, os militares na época não estavam tão preocupados em censurar o conteúdo dos filmes de pornochanchada em nome da moral e dos bons costumes. Há controvérsias entre autores (Nascimento, 2015; Kessler, 2009) sobre o espaço da pornochanchada nesse contexto, em uma vertente que acredita que a pornochanchada tenha sido diretamente beneficiada pelo regime militar a partir do momento em que faziam vista grossa à abordagem da sexualidade em troca de que não se tocasse em assuntos de cunho político, de forma a tornar a população dócil e apolítica. Contudo, há também a vertente que rebate tal reducionismo, lembrando que filmes do gênero chegaram a ser censurados, títulos alterados, filmes cortados em suas cenas e diálogos até perderem seu sentido, em nome da preservação dos ideais de família e juventude.

Outro setor que acabou encontrando espaço no Brasil ainda sob ditadura foram as revistas eróticas voltadas ao público masculino. Estas, contudo, na época da ditadura, eram analisadas previamente em seu conteúdo, sendo proibido o nu frontal, o qual fora liberado em 1980. Tal permissão quadruplicou a tiragem de uma das revistas mais antigas desse gênero, Ele Ela, indo de 130 mil exemplares em dezembro de 1970 para 400 mil em maio de 1980 (Nascimento, 2015). O movimento da pornochanchada passa a decair por volta da década de 80, e Kessler (2009) aponta como os principais fatores uma crise econômica mundial, a saturação do gênero e a difusão de filmes estrangeiros apresentando cenas de sexo explícito. Segundo a autora, esse último fator fez com que os estúdios paulistas de pornochanchada –

conglomerado denominado como Boca do Lixo – passassem a investir em filmes com linguagem mais pesada, nudez explícita e sexo explícito simulado, fazendo a transição entre os gêneros. São Paulo então, de acordo com Nascimento (2015), a partir de 1982, se tornou o polo-potência brasileiro de produção e distribuição de filmes com sexo explícito. O público também foi decisivo para essa transição. O consumidor não queria mais saber da sexualidade velada e do erotismo que muito prometia e pouco mostrava, condizentes com a pornochanchada. Quanto mais explícito e mais participativo, mais sucesso, retorno financeiro e público o filme tinha.

O fim da pornochanchada não significou o fim da pornografia brasileira. Com a explosão de consumo de filmes internacionais sexualmente explícitos, o mercado nacional precisou buscar seu próprio espaço. Ramos (2015) descreve os anos de 1998 a 2002 como o “*Golden Age*” do pornô brasileiro, com a popularização de locais e produtos da indústria do sexo, além do surgimento e estabelecimento de produtoras e distribuidoras de filmes pornográficos e de revistas voltadas ao público homossexual e ao público fetichista. Inclusive, como destacado por Díaz-Benitez (2009), o Brasil possui suas próprias especificidades, “assinaturas” e reconhecimentos no mercado global devido a fetichização do corpo feminino brasileiro, relacionado às nádegas avantajadas, um estereótipo que é utilizado tanto pelas produtoras nacionais como pelas internacionais quando se utilizam da linguagem brasileira. Além disso, a categoria racial também demarca o elenco brasileiro, mesmo que cercada por estereótipos racistas: a mulher “mulata”, “da cor do pecado”, com a pele marrom-clara, traços mais longínquos dos tradicionais fenótipos negros e mais próximos dos traços caucasianos, são exaltadas como o padrão de mulher brasileira. Mesmo com esse padrão, a autora ressalta que a produção pornográfica brasileira é muito influenciada pelas tendências norte-americanas.

De acordo com o levantamento mais recente feito pelo *Pornhub* (2022), o Brasil se encontra em décimo lugar entre os países que mais consomem pornografia através do site, sendo 61% do público brasileiro pertencente ao sexo masculino, e a maioria tendo idades entre 18 e 24 anos. O Brasil foi o país da América do Sul que mais consumiu pornografia pelo Pornhub em 2022. Demonstra-se, portanto, que o mercado pornográfico manteve sua potência em território nacional, e que a busca pela pornografia, facilitada pela Internet, ampliou, ainda, as formas de consumo e distribuição ao público brasileiro.

2.4 O *déjà-vu* da pornografia

As possibilidades que se abriram com os avanços tecnológicos para o crescimento exponencial da indústria do sexo e, por consequência, do mercado pornográfico transformaram não apenas a forma de consumo da pornografia, mas como ela chega às pessoas, mesmo as que não a procuram. Nunca foi tão fácil achar a pornografia. Ou, melhor, nunca foi tão fácil que a pornografia nos achasse.

A facilidade e acessibilidade da pornografia na contemporaneidade levanta diversas questões: existe realmente um processo de dessensibilização social quanto ao exercício de sexualidade, conduzido pela indústria e cultura da pornografia? O quanto se trata de liberdade sexual conquistada e o quanto se trata de um disfarce que esconde objetificação e sexualização por trás do termo “empoderamento”? A sociedade estaria preparada para uma gama de crianças e adolescentes que tem a pornografia como meio de educação sexual (e seria este o meio mais adequado de ensiná-las sobre sexo e sexualidade)? É possível questionar pornografia sem cair em moralismos e retrocessos à liberdade sexual da qual se luta constantemente para que se amplie em sociedade? De onde falam as pessoas que tem ditado o que é sexualidade através das populares demonstrações pornográficas em vídeos, fotos, ilustrações etc.? O olhar que as conduz deveria ser universalizante? Quais seriam os marcadores que diferenciam o estupro do sexo seguro e consensual na indústria pornográfica?

Todas as perguntas supracitadas geram polêmicas. Contudo, nada mais intrínseco a pornografia, a tem em suas raízes. Seu início, por si, também tem essas características, visto a consideração anterior de associá-la ao “marginal” do exercício de sexualidade vigente. É importante ressaltar, ainda, que as reflexões trazidas sobre a questão da violência na pornografia começaram a ser levantadas apenas durante a década de 1970. Mesmo que a pornografia, como conceito, tenha muito mais tempo de existência, e imagens eróticas e sexualmente explícitas tenham mais tempo ainda, tais questionamentos são muito recentes e ainda são discussões muito complicadas pelo constante argumento de que seria uma censura à pornografia e a liberdade sexual conquistada até então.

O que seria o *déjà-vu* da pornografia, afinal? Etimologicamente, *déjà-vu* é um termo da língua francesa que define o sentimento de já ter visto, vivido, sentido, experienciado algo no passado o qual está acontecendo novamente (Oxford Learner's Dictionary, 2011). Olhar para a pornografia, sua história e constituição, é como ver um ciclo em repetição por anos e anos a fio. Esta, ao momento que assumiu caráter apolítico, tornou-se comercial e visou o

consumo individual. A pornografia tornou-se um braço extremamente lucrativo da indústria do sexo, sendo por si uma indústria de US\$ 97 bilhões movimentados mundialmente (NBC News, 2015). O caráter comercial demonstra, então, ser muito bem-sucedido, e a consolidação de uma indústria que continua a ser extremamente lucrativa mesmo depois de quase dois séculos.

Falar sobre uma indústria é supor que existe um produto a ser consumido do qual possui uma alta demanda. Um produto é feito justamente para ser usado de acordo com a necessidade do cliente, já que seu fim e objetivo é satisfazê-lo. Um produto é um objeto, um serviço, uma ideia... Uma pessoa. Tudo isso produzido, claro, para uma demanda. A demanda da pornografia é diversa, contudo, é possível descrever como o “produto-pessoa” de consumo geral da pornografia seria uma mulher branca – ou amarela, de olhos claros e sugestivamente maliciosos, magra, cabelos lisos e longos, que faça sexo com homens e mulheres. Deve ter um corpo sem qualquer tipo de “defeito” e depilado. Seios grandes são bem-vindos se acompanhados de um corpo curvilíneo, mas seios pequenos devem vir acompanhados de um corpo extremamente magro e infantilizado. Deve aceitar todos os tipos de penetração sem ressalvas, principalmente a anal. Também deve gostar de sexo grupal, sempre com um homem envolvido, e melhor se for junto à duas ou mais mulheres²¹.

E não é de hoje que a imagem feminina é o símbolo da pornografia. Hunt (1999) relembra: “(...) os laços fraternais da democracia foram estabelecidos (...) pela circulação de imagens de corpos femininos, principalmente na mídia impressa (...). Portanto, as mulheres foram fundamentais para o avanço da democracia e, no fim, foram excluídas dela” (Hunt, 1999. p. 360).

Os corpos e vozes femininas na pornografia política eram utilizados na busca pela liberdade, e contribuíram para o alcance de diversos direitos ao sexo masculino. Entretanto, como nos mais diversos processos revolucionários, o papel da mulher se deu como de figurante, colocada a partir de onde o local masculino a deseja: como porta-voz dos homens, como símbolo, como linha de frente, mas não colhendo os frutos os quais esteve ali para semear, seja por vontade própria ou não. Na pornografia apolítica, esse fato se manteve. Novamente, o *déjà-vu*.

Essa mulher é pensada para um público: o do sexo masculino e heterossexual. Não é uma surpresa a partir do momento em que se desvela os nomes de alguns dos protagonistas

²¹ Esse perfil foi baseado no levantamento das atrizes pornográficas mais procuradas no site Pornhub durante o ano de 2021, assim como as categorias e termos mais procurados do ano. Mais informações em: PORNHUB. 2021 Year in Review. 2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021#Countries-by-Traffic>. Acesso em: 09 jun. 2022.

por trás das fantasias expressadas pelas mais diversas formas, e que pavimentaram o caminho da pornografia: Pietro Arentino, Albert Kirchner, Hugh Hefner, Lasse Braun, Gerard Damiano²², Stephen Cohen, Matt Keezer, Stephane Manos, Ouissam Yousef, Fabian Thylmann, Feras Antoon, dentre outros. Todos têm em comum um pertencimento que os une, mesmo em épocas diferentes: o de sexo masculino em controle de materiais sexualmente explícitos que tem como foco o prazer masculino, se utilizando da imagem feminina construída a partir de suas perspectivas para esse fim.

O olhar masculino recai e pesa toneladas em relação à indústria pornográfica. É um ponto de vista tão importante – e lucrativo – que não mudou de posição desde que a pornografia se tornou conceito. Hunt (1999) relembra que o sexo masculino foi, pela história, predominantemente o público para qual a pornografia se voltava, seus principais consumidores, mesmo tentando se demonstrar para ambos os sexos e descrevendo, em sua maioria, uma suposta sexualidade feminina por ter mulheres em situação de prostituição como as protagonistas.

Entretanto, não faz sentido que essa fórmula da pornografia continue sendo tão bem-sucedida a partir do momento em que a sociedade desenvolveu criticidade e mecanismos para se pensar os limites entre violência e bem-estar, consentimento e invasão, misoginia e respeito às mulheres. Como pode se manter o *déjà-vu* de Marilyn Monroe tendo suas fotos vendidas e expostas sem seu consentimento, que foram o pontapé para Hugh Hefner construir um império milionário, se manifestando nas meninas e mulheres que tem seus corpos expostos no *Pornhub* também sem seu consentimento, em “pornografias de vingança” que são monetizadas de forma a trazer lucro e manter o império milionário dos empresários por trás do site? Como pensar as barreiras de limites e consentimento na sexualidade se mulheres estão sendo submetidas a situações sexuais e tendo seus corpos comercializados em troca de certas quantias, que sequer refletem os milhões que a indústria pornográfica lucra com as reproduções e vendas dessas mídias? Existe consentimento na coisificação do sexo feminino? Existe empoderamento através do olhar masculino?

O padrão se repete na pornografia, o *déjà-vu* está ali presente e, assim, se vê necessário um mergulho nas raízes que o alimentam: a indústria do sexo, o olhar masculino, suas funcionalidades e dispositivos, e qual a natureza de sua relação com a pornografia.

²² Diretor de “Garganta Profunda”.

3 A INDÚSTRIA DO SEXO E O OLHAR MASCULINO

A Indústria do Sexo pode ser descrita como um grande conglomerado de propostas mercadológicas voltadas à venda de serviços e produtos relacionados à sexualidade, os quais se propõem a trazer ou aumentar o entretenimento por meio do prazer sexual a partir de uma troca monetária. A Indústria do Sexo se intersecciona com diversos outros eixos mercadológicos como o cultural, farmacêutico, cosmético, têxtil, alimentício, entretenimento etc., que lucram por meio desse objetivo em comum: a monetização do prazer sexual.

Os produtos oferecidos pela Indústria do Sexo abrangem as mais diversificadas demandas de seus clientes, que se dividem nos mais variados nichos. Podem ser citados desde produções midiáticas em áudios, vídeos, fotografias, desenhos, textos – envolvendo pessoas acima da maioridade legal; estimulantes sexuais, preservativos, lubrificantes, brinquedos sexuais; lingerie e fantasias; comidas em formatos de órgãos genitais; feiras do chamado “entretenimento adulto”; redes de motéis; casas de *swing*; *dark rooms*; assim como produções midiáticas envolvendo menores de idade, animais, simulações (ou reais situações) de estupro, cadáveres, dejetos humanos; turismo sexual; exploração sexual de crianças e adolescentes; tráfico humano para fins sexuais; prostituição, etc.. Em resumo, as linhas entre moralidade e legalidade podem ou não ser ultrapassadas pela Indústria do Sexo, e tudo depende de três fatores: a vontade do público, a receita gerada e o quanto de problemas ou contratemplos podem ser evitados e/ou burlados considerando os dois fatores anteriores.

A espetacularização do sexo é o que move essa indústria em específico. Para introduzir esse pensamento, compreende-se o trecho a seguir:

Enquanto ando pelo corredor, conversando com pornógrafos, fica muito claro que eles não estão particularmente interessados em sexo. O que excita essas pessoas é ganhar dinheiro. (...) Muitos dos produtores de pornografia que entrevisto reconhecem livremente que estão no negócio para ganhar dinheiro, não para promover nosso empoderamento ou criatividade sexual. Eles se veem envolvidos em um negócio que, graças ao crescimento da Internet, é como um trem descontrolado. O que eles admitem é que a pornografia está se tornando mais extrema e seu sucesso depende de encontrar algum ato sexual novo e atrevido que atraia os usuários sempre à procura de um pouco mais de carga sexual. Nenhum dos homens com quem converse parece particularmente interessado em como esses novos extremos serão representados nos corpos reais das mulheres, corpos que já estão sendo empurrados à beira de seus limites físicos (Dines, 2010, p. 04).

O pensamento de Gail Dines no trecho citado se volta à crítica da transformação da sexualidade em produto mercadológico, disfarçado de empoderamento e autoconhecimento. A

preocupação principal não seria a qualidade de vida e de saúde sexual de seus consumidores, mas sim a lucratividade que o mercado sexual pode oferecer para quem produz – e ao se falar de quem produz, não se trata dos “trabalhadores”²³ da base do mercado sexual, mas sim de quem está no topo: os donos de empresas e produtoras.

Existe a dificuldade de mensurar os números e lucros exatos da Indústria do Sexo, confiável e imparcial e recente – visto que os dados existentes são registros do final da década de 90 e início dos anos 2000 – todavia, algumas informações pré-existentes podem contribuir para mensurar parte de seu impacto econômico. Brents e Sanders (2010) trazem levantamentos relacionados à fortuna da Indústria do Sexo mundial que, em 1998, era estimada em um lucro anual de US\$20 bilhões. Apenas nos Estados Unidos, a previsão de lucro da Indústria do Sexo, em 2005, foi em cerca de US\$ 12 bilhões. Os números mais atuais estimados demonstram que apenas a indústria pornográfica, um dos braços da Indústria do Sexo, representa o valor de US\$ 97 bilhões mundialmente (NBC News, 2015). Nos últimos números divulgados em 2022, a Indústria teve seu valor estimado em US\$ 55 bilhões (Morris, 2023)

A Indústria do Sexo não está isolada das outras existentes no mercado capitalista globalizado. Há interligações lucrativas com a indústria hoteleira, cinematográfica, de jogos, TV a cabo, softwares, credoras, e até mesmo com o capital negociável na Bolsa de Valores (Dines, 2010). Entretanto, mesmo sendo extremamente lucrativa para empresários, há pouco interesse em se fazer investimentos que poderiam deixar a vida mais segura e saudável das pessoas envolvidas diretamente na produção dos conteúdos.

Não é surpresa que pessoas envolvidas na Indústria do Sexo como “atores práticos” (sejam os atores/atrizes pornográficos ou pessoas em situação de prostituição) estejam suscetíveis a riscos que envolvem desde infecções sexualmente transmissíveis à violência física, estupro e comportamentos de risco que podem levar à morte. Existe nebulosidade nas noções de consentimento²⁴ do sexo comercial. Se o consentimento é comprado, este realmente pode ser considerado como uma concordância real?

O debate relacionado à permissão na Indústria do Sexo, tanto pela indústria pornográfica como pela prostituição, têm sido alvo de debates por feministas, em seguimentos semelhantes aos ocorridos durante a *Feminist Sex Wars*. Moran e Farley (2019) compreendem

²³ O termo encontra-se entre aspas devido a discussão que se dará a frente em relação à se atividades que envolvem sexo em linhas não tão bem esclarecidas relacionadas ao consentimento deveriam ser considerados como trabalho.

²⁴ Consentimento pode ser compreendido como um ato de concordância ou permissão (Oxford Learner's Dictionary, 2011).

a perspectiva de que o dinheiro é uma forma de coação ao ato sexual, utilizando a prostituição como exemplo, considerando que a existência dessa forma de exploração existe devido à demanda constante do público masculino e pelas inequidades sociais e raciais envolvendo mulheres em situação de vulnerabilidade que podem buscar a prostituição como caminho para sobrevivência. A perspectiva das autoras não se distancia do olhar que as feministas antipornografia têm sobre a indústria pornográfica (e a Indústria do Sexo em geral): o consentimento sexual dado por meio econômico não é consentimento real. Trata-se, na realidade, do desejo sexual de uma pessoa combinado às necessidades econômicas de outra, e não de ambos os desejos condizentes.

Ainda sobre consentimento, Beres (2007) compreende que existem diversas linhas de estudo das quais compreendem o que pode ser considerado pelo termo. Das linhas apresentadas pela pesquisadora, uma delas está mais condizente com a visão antipornográfica, visto que é conceituada por Catharine Mackinnon: a compreensão de que o consentimento vai para além do “sim” individual e que é perpassado por variáveis sociais das quais podem ser coercitivas e influenciar a decisão de uma pessoa.

A partir dos olhares propostos, portanto, não é possível confirmar que a atividade sexual paga tenha o consentimento pleno e esclarecido das pessoas inseridas na Indústria como atores práticos²⁵. Situação que remete à reflexão contemplada pelo movimento antipornografia: as linhas que dividem o sexo pornográfico do estupro ficam menos delimitadas, visto que não é possível um tipo de consentimento claro e que este depende de fatores financeiros e não do desejo daqueles que se engajam na atividade sexual.

Outro aspecto a ser discutido diz respeito a como a sexualidade é representada de modo diferenciado para o sexo masculino e o feminino. Bourdieu (2012) debate sobre tal diferenciação, compreendendo que a forma que pessoas do sexo feminino são preparadas para vivência da sexualidade se demonstra por meio de discursos que enfatizam o sexo como uma experiência de intimidade, de afetividade, da qual não necessariamente pode envolver penetração, mas uma extensa gama de toques, preparativos e afins. Assim, o ato sexual é construído de maneira gradativa, não restrito à penetração. Por outro lado, quando esta acontece, representa para os homens um ato de conquista que chega ao seu auge com o orgasmo. O autor prossegue em seu raciocínio:

²⁵ Ressalta-se que a crítica maior proposta não diz respeito às mulheres que estão em situação de prostituição, ou pessoas que estão envolvidas nessa indústria como “trabalhadores práticos”. Trata-se de ampliar a crítica para com o consumidor e a demanda desumana criada pela indústria a qual alimenta desejos, porém não garante a segurança e saúde de quem está lá como “produto”. Ainda, relembra-se que esta crítica é feita a partir do olhar principal proposto por este trabalho, que parte da metodologia antipornografia. Existem diversificadas abordagens no que dizem respeito às noções de consentimento, prostituição e indústria do sexo.

(...) O gozo masculino é, por um lado, gozo do gozo feminino, do poder de fazer gozar: assim Catharine MacKinnon sem dúvida tem razão de ver na "simulação do orgasmo" (*faking orgasm*) uma comprovação exemplar do poder masculino de fazer com que a interação entre os sexos se dê de acordo com a visão dos homens, que esperam do orgasmo feminino uma prova de sua virilidade e do gozo garantido por essa forma suprema da submissão (Bourdieu, 2012. p. 30).

É necessário ressaltar que o exercício de crítica trazido por Bourdieu não compreende o sexo, em si, de forma a lhe atribuir um caráter negativo. O pensamento expresso reflete a preocupação de uma sexualidade feminina pautada pelo olhar masculino. Deste modo, compreender o olhar masculino é o próximo passo para analisar as posições até então apresentadas.

3.1 O gênero e olhar masculino

O olhar masculino (*male gaze*) é muito mais do que um modo de ver o feminino. Trata-se de uma ferramenta de exercício de poder voltada a manter a hierarquia nas relações de gênero. A aceção de um indivíduo sobre o mundo diz respeito não apenas à função dos cinco sentidos, mas também às formas de compreensão ou não-compreensão de fenômenos individuais e sociais, sendo influenciado pelas vivências individuais, interpessoais e socioculturais. Viver em um contexto social em que a feminilidade é demonstrada em patamar inferior, e em que mulheres são constantemente mostradas como objetos de consumo, transforma o olhar de homens e mulheres em relação aos corpos do sexo feminino. Tal fenômeno é reflexo da construção social de papéis de gênero.

O gênero se estrutura pela história ocidental como ferramenta de opressão e preservação de hierarquias. Conforme Saffioti (2015), os mecanismos de gênero são um sistema de normas que conduzem e modelam os seres humanos em suas relações sociais. Enquanto o sexo feminino é fadado ao desenvolvimento de comportamentos dóceis e submissos, o sexo masculino é estimulado à agressividade e à comportamentos que possam exalar poder, força e dominância. De acordo com Bourdieu (2012), os modelos de papéis de gênero são introduzidos a cada indivíduo através da socialização. Tal separação, assim como também aponta Beauvoir (2019a), é colocada como irredutível, natural, da qual não necessita de explicações ou justificativas, visto que as diferenças biológicas entre os corpos masculino e

feminino elucidariam as razões de tal assimetria. O masculino é colocado como referência e ponto neutro, enquanto o feminino deve se pautar por ele, executando o papel de Outro.

A forma pela qual o gênero permeia as vivências sociais – desde a descoberta do sexo biológico do indivíduo – diz também respeito a maneira como a sexualidade é vivida e ensinada. Beauvoir (2019a) destaca que o sexo e sexualidade feminina acabam sendo impregnado de aspectos místicos e mágicos dos quais qualquer possível ação fora do esperado se torna um problema com consequências e julgamentos. A questão da iniciação (e educação) sexual da mulher se torna difícil devido à uma vivência de sexualidade aliada à culpabilização, medo e tabu que, além desses aspectos, também evocam a soberania masculina ao tratar o corpo feminino como objeto e presa do homem (Beauvoir, 2019b). Assim sendo, nessa hierarquia, os homens são considerados sujeitos; as mulheres são consideradas objetos (de desejo e de posse).

A construção social dos papéis de gênero foi também analisada por Teresa de Lauretis ao cunhar o conceito de tecnologia de gênero – já discutido no capítulo introdutório. Defende a autora que a tecnologia de gênero é uma ferramenta que detém controle sobre o significado da categoria gênero e, por consequência, pode produzir e implementar significados e simbolismos do que se supõe pertencente ou não à cada gênero.

O olhar masculino também é uma ferramenta de normatização por meio de representações patriarcais de como o mundo (pessoas, sociedades, natureza etc.) supostamente deveriam se portar ou ser. Os objetivos desse olhar alocam justamente o desejo masculinista pela dominância, independentemente dos meios para consegui-la.

Lauretis (1994) destaca que a sexualização do corpo feminino tem sido um fenômeno recorrente e cita, como exemplo, o universo cinematográfico e a maneira pela qual personagens femininas são apresentadas como objeto *voyeurista* de quem consome a obra, de forma que estas personagens tinham certos tipos de falas, ações, olhares, posicionamentos, que destacavam a mulher como objeto-mercadoria de projeção do desejo masculino.

A mulher como produto, portanto, é moldada a partir do que o olhar masculino deseja visualizar. Esse tipo de construção também foi observada e criticada por Laura Mulvey (1973), que observa, em produções cinematográficas, o papel da mulher a um objeto erótico em dois níveis: para os personagens do enredo e para os telespectadores. Dessa forma, a personagem é construída para seduzir tanto os personagens masculinos da trama, destacados em local de poder e controle, como também os espectadores masculinos que a assistem, para que se sintam desta mesma forma.

Compreendendo o que foi trazido por Teresa de Lauretis e Laura Mulvey, é possível visualizar como esse olhar masculino pode se comportar na pornografia:

Diversos diretores acreditam que seus produtos são feitos para um público-punheteiro e, neste sentido, a interação direta da atriz com o olho da câmera – que, na verdade, é o olho do espectador – tem como expectativa instigá-los a fazer sexo, a masturbar-se ou, ao menos, a imaginá-lo. (...) Assim, a atriz se exhibe para um triplo olhar: o do ator/câmera (que representam simbolicamente o olhar do público), o olhar especializado do diretor e o olhar voyeur do espectador, a quem se dirige finalmente a sedução (Díaz-Benitez, 2009, p. 134-135).

Existe um principal diferencial entre o olhar masculino na pornografia e o olhar masculino no cinema: a chamada à ação, que nada mais é do que o convite imediatista ao espectador para que aja de acordo com a sua excitação, focada em sua autosatisfação sexual, em ação efetuada por meio da masturbação ou da tentativa de reproduzir a cena vista em seu ato sexual.

A busca pela satisfação sexual imediata via pornografia merece atenção especial devido a questões como: que tipo de sexualidade está sendo apresentada? Como essa chamada à ação está sendo estimulada? O que está excitando sexualmente os consumidores? Como isso pode impactar a sexualidade de um indivíduo, grupo ou sociedade?

Para o próximo tópico, buscará se compreender o perfil de consumo dos espectadores, por meio da análise dos dados disponibilizados pelo *Pornhub*.

3.2 O perfil de consumo de pornografia a partir dos dados do *Pornhub*

O *Pornhub* executou o levantamento de dados de consumo durante os anos de 2013²⁶, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2021²⁷ e 2022. Com o passar dos anos, as análises do site foram se tornando mais complexas, com informações mais detalhadas dos perfis de consumo.

Em sua Política de Privacidade atual²⁸ o site informa que a forma de coleta de dados é diferenciada entre os usuários cadastrados e os não cadastrados. Quanto aos não cadastrados, os dados coletados dizem respeito à atividade, como, por exemplo, páginas acessadas,

²⁶ Durante o ano de 2013, o site fez um comparativo com dados do ano de 2012, porém os dados do ano anterior não têm uma página principal para si, sendo parte, portanto, do levantamento de 2013. Logo, esses dados serão considerados em conjunto no corpo do texto.

²⁷ No ano de 2020, o site não apresentou levantamentos e não publicou justificativas sobre as motivações. Acredita-se que seja devido ao ocorrido da pandemia de COVID-19.

²⁸ Disponível em: <<https://pt.pornhub.com/information/privacy>>. Acesso em 26 ago. 2023

histórico de buscas, página de redirecionamento que levou ao *Pornhub*, entre outros. Também é coletado o IP do usuário, que fornece dados como localização, tipo de aparelho em uso (celular, computador, tablet, videogame etc.), sistema operacional do aparelho, navegador utilizado e fuso horário. Além disso, caso um usuário não cadastrado escolha, voluntariamente, fornecer dados ao site, estes são coletados do mesmo modo.

Os dados obtidos de usuários cadastrados no *Pornhub* incluem as informações citadas anteriormente, somadas à coleta de seus e-mails e nomes de usuários escolhidos, data de nascimento, idade, gênero, interesses e preferências ao navegar pelo site, entre outros dados. Assim sendo, a coleta de dados é utilizada, para além de outros fins, também para o levantamento anual.

Para a seguinte análise, duas vias de dados serão destrinchadas: as informações globais de consumo e as brasileiras. Em específico, ser comparados os consumos por gênero, termos mais procurados, tráfego de consumo brasileiro e média de tempo de consumo.

De início, é necessário ressaltar os exorbitantes números que o *Pornhub* possui em relação ao consumo. No ano de 2014, o site acumulou um total de 18 bilhões de acessos (Pornhub, 2015). Em 2019²⁹, este número saltou para 42 bilhões de visitas (Pornhub, 2019) em apenas um ano, correspondendo a um aumento de 128% desde 2014 no número de acessos ao site. Lembra-se que, de acordo com *SimilarWeb* (2023), o *Pornhub* se configura em segundo lugar dentre os sites pornográficos mais acessados no mundo.

Compreende-se, aqui, a necessidade de traçar o público consumidor deste conteúdo por meio dos dados oferecidos. Iniciando-se a comparação por meio da categoria de gênero, uma das primeiras hipóteses deste trabalho já se confirma: o público de maioria masculina assume a frente como os maiores usuários do site nos últimos dez anos.

²⁹ Desde 2019, o *Pornhub* não demonstra mais em seu levantamento anual a quantidade total de acessos no ano referido.

Tabela 1 – Porcentagem de público do *Pornhub* em comparativo por gênero, em âmbito Global e pelo Brasil, entre os anos de 2012 e 2022

Ano	Global		Brasil	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
2012-2013	Dados inexistentes			
2014	77%	23%	66%	34%
2015	76%	24%	65%	35%
2016	74%	26%	65%	35%
2017	74%	26%	65%	35%
2018	71%	29%	65%	35%
2019	68%	32%	61%	39%
2020	Dados inexistentes			
2021	65%	35%	63%	37%
2022	64%	36%	61%	39%

Fonte: Pornhub, 2013; 2015; 2016; 2017a; 2018a; 2018b; 2019; 2021; 2022.

Os dados demonstram um interessante crescimento do consumo pelo público feminino, que foi de 34% do público total em 2014 para 39% no ano de 2022. O próprio site destaca, ainda, que o aumento do público feminino não se refere a uma diminuição do masculino, que continua como público-alvo.

O Brasil é um dos países que mantém a maior taxa de consumidor feminino do *Pornhub*, estando em segundo lugar, mantendo-se atrás apenas das Filipinas, que segue desde 2014 – quando o levantamento incluiu os dados demográficos de gênero – como país líder em consumo de pornografia online no *Pornhub* pelo sexo feminino até o ano de 2019 (PORNHUB, 2015; 2016; 2017a; 2018a; 2018b; 2019). No último levantamento, publicado em 2022, o Brasil se encontra em 6º lugar no *ranking*.

Mesmo com a crescente de público feminino, os homens são, predominantemente, os maiores consumidores no *Pornhub*. Contudo, ainda é necessário compreender o que eles têm buscado no *Pornhub* para satisfazer-se.

Tabela 2 – Comparativo dos três termos mais buscados no *Pornhub*, em âmbito Global e pelo Brasil entre os anos de 2012 e 2022

Ano	Global	Brasil
2012-2013	<i>Teen, MILF, Anal</i>	<i>Brazilian, Novinha, Anal</i>
2014	<i>Teen, Lesbian, MILF</i>	<i>Brazil, Brazilian, Novinha</i>
2015	<i>Lesbian, Teen, Step Mom</i>	<i>Brazil, Cartoon, Teen</i>
2016	<i>Lesbian, Step Mom, MILF</i>	<i>Overwatch, Lesbian, Brazil</i>
2017	<i>Lesbian, Hentai, MILF</i>	<i>Overwatch, Brasil, Hentai</i>
2018	<i>Lesbian, Hentai, MILF</i>	<i>Hentai, Lesbian, Brasil</i>
2019	<i>Japanese, Hentai, Lesbian</i>	<i>Brasil, Hentai, Lesbian</i>
2020	Dados inexistentes	
2021	<i>Hentai, Lesbian, MILF</i>	<i>Hentai, Brasil, Lesbian</i>
2022	<i>Lesbian, Hentai, Ebony</i>	<i>Hentai, Brasileira, MILF</i>

Fonte: Pornhub, 2013; 2015; 2016; 2017a; 2018a; 2018b; 2019; 2021; 2022.

Sobre os dados demonstrados, alguns apontamentos: o termo *lesbian*³⁰ não perdeu sua popularidade desde 2014. Pensando sobre o público de maioria masculina do site, demonstra-se, inicialmente, um paradoxo. As categorias raciais – *Japanese*³¹ e *Ebony*³² – também merecem destaque por sua demanda, ao mesmo tempo em que também se configura em paradoxo, visto que as atrizes pornográficas mais procuradas e requisitadas nos últimos anos pelo site são caucasianas.

O Brasil demonstra “patriotismo” no consumo de conteúdos, já que a categoria Brasil/Brazil/*brazilian*/brasileira não perdeu sua importância desde o início do levantamento. Todavia, a preferência por conteúdos de origem asiática também está sendo uma tendência crescente no consumo brasileiro, seguindo a tendência mundial do aumento do consumo por vídeos *Hentai*³³.

Outro fator interessante e questionável é o desaparecimento do termo *Teen*³⁴ dentre os mais procurados do *Pornhub*, a partir do ano de 2015. As polêmicas quanto à essa categoria dizem respeito não somente à sexualização de corpos e comportamentos semelhantes aos infanto-juvenis, mas também às acusações de ser uma categoria que abarca conteúdos de pornografia infantil e que incentiva a violência sexual contra crianças e adolescentes. A retirada desta categoria dos dados também coincide com as polêmicas das quais *Pornhub* tem

³⁰ Lésbica, em tradução literal. Geralmente abarca vídeos de mulheres tendo relações sexuais com outras mulheres.

³¹ Termo que corresponde à busca pela nacionalidade japonesa ou pelo marcador racial da raça amarela.

³² O termo abarca vídeos de sexo explícito envolvendo pessoas de pele negra.

³³ *Hentai* é um tipo de animação japonesa (também conhecida como *anime*) que mostra cenas de sexo explícito.

³⁴ Adolescente, em tradução literal. No Brasil, um termo equivalente para busca (o qual também já teve sua popularidade em buscas) é “Novinha”.

tentado se afastar nos últimos anos, de que estaria lucrando com pornografia infantil e sendo conivente com uploads de vídeos de violência sexual contra crianças e adolescentes.

Em contraponto ao termo anterior, demonstra-se a popularidade de termos como *Step Mom* e *MILF*³⁵. Ambos contêm materiais pornográficos envolvendo mulheres mais velhas, mas em destaque o primeiro demonstra vídeos que fetichizam o incesto envolvendo a madrasta que seduz o enteado ou a enteada em um ato sexual. Também se identifica, em ambos os termos, a grande diferença de idade entre os protagonistas.

Para além do tipo de conteúdo consumido e gênero do público, também é necessário compreender o tempo de utilização do site e de engajamento dos seus usuários para com os materiais apresentados, tanto em âmbito Global quanto nacional.

Tabela 3 – Comparativo do tempo de permanência no *Pornhub* em âmbito Global e pelo Brasil entre os anos de 2012 e 2022

Ano	Global	Brasil
2012-2013	8min43seg	7min46seg
2014	9min16seg	7min51seg
2015	9min20seg	7min57seg
2016	9min36seg	8min08seg
2017	9min59seg	9min12seg
2018	10min13seg	9min15seg
2019	10min28seg	9min49seg
2020	Dados inexistentes	
2021	9min55seg	9min26seg
2022	9min54seg	9min30seg

Fonte: Pornhub, 2013; 2015; 2016; 2017a; 2018a; 2018b; 2019; 2021; 2022.

O tráfego de consumo de pornografia através do *Pornhub* no Brasil é o maior da América do Sul e o segundo maior da América Latina³⁶ (Pornhub, 2013; 2015; 2016; 2017a; 2018a; 2018b; 2019; 2021; 2022). Mas mesmo sendo um dos maiores tráfegos de consumo mundiais, o Brasil não se mantém sequer no top 10 de países que passam mais tempo no *Pornhub*; pelo contrário, está abaixo da média mundial de tempo de permanência no site, o que pode demonstrar que o tipo de uso que o brasileiro procura no site envolve um engajamento rápido. É considerável ressaltar que, mesmo sendo um tempo de consumo

³⁵ *Step Mom*, ou madrasta na tradução literal. MILF, sigla para “*Mother/Moms I’d Like To Fuck*”, ou “Mãe que eu gostaria de foder” em tradução literal. Ambos os termos têm em comum o protagonismo de mulheres mais velhas em cenas de sexo explícito, e a suposta posição “materna” dessa mulher.

³⁶ O México toma a dianteira do título latino pelo crescimento no consumo de pornografia através do site a partir do ano de 2018.

abaixo da média, a quantidade de vídeos assistidos neste período, de acordo com os dados de tráfego de consumo, caracteriza que o tempo menor não significa menos consumo.

Isso demonstra uma das principais características da pornografia online por demanda, desenvolvida durante o século XXI: vídeos pornográficos de qualquer gênero, dispostos a qualquer momento, na quantidade que o usuário desejar e com a possibilidade de avançar ou retornar cenas... Tudo ao seu dispor, sob seu controle, de acordo com o seu desejo.

Existe, então, um perfil claro de consumidores de pornografia. Homens, que tem preferência por ver mulheres em cena – principalmente com outras mulheres – e que gostam de se satisfazer de forma rápida. Entretanto, falta compreender um fator talvez tão importante quanto os citados acima: quais são as faixas etárias consumidoras de pornografia?

Os dados a seguir foram também levantados a partir do *Pornhub* e dizem respeito a faixa etária de seus consumidores, assim como as preferências de acordo com cada uma delas. O primeiro levantamento feito pelo site em relação à idade de seus usuários foi durante o ano 2015 e foram divididas, desde então, em seis grupos: 18-24 anos, 25-34 anos, 35-44 anos, 45-54 anos, 55-64 anos e, por fim, 65+.

Tabela 4 – Porcentagem de público consumidor dos conteúdos do *Pornhub*, dividido por faixas etárias, a nível Global

Ano	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65+
2012-2013	Dados inexistentes					
2014	Dados inexistentes					
2015	31,3%	28,2%	16,8%	11,4%	7,8%	4,5%
2016	31%	29%	17%	11%	7%	4%
2017	29%	32%	17%	11%	7%	4%
2018	26%	35%	17%	11%	7%	4%
2019	25%	36%	17%	11%	7%	4%
2020	26%	28%	18%	11%	10%	7%
2021	25%	26%	21%	12%	9%	7%
2022	27%	26%	19%	13%	9%	6%

Fonte: Pornhub, 2013; 2015; 2016; 2017a; 2018a; 2018b; 2019; 2021; 2022.

Nota-se que o principal público do PornHub é o de pessoas entre 18 e 34 anos. Fala-se, portanto, de duas gerações de jovens adultos e adultos que, ao decorrer dos anos do levantamento, não perderam a importância no consumo da pornografia online. E, ao mesmo tempo, gerações mais velhas, a partir dos 35, que passaram por momentos anteriores da história da pornografia, e que continuam a consumi-la neste novo formato, mas não com tanta presença quanto as novas gerações. Há de se imaginar que a familiaridade destes com a

tecnologia possa ter um papel importante nesse volume de consumo diferenciado em comparação às gerações mais antigas.

Além da observação das idades dos consumidores, também merecem atenção as variadas preferências que permeiam suas buscas:

Tabela 5 – Categorias mais procurados no Pornhub, dividido por faixas etárias, a nível Global

Ano	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65+
2012-2013	Dados inexistentes					
2014	Dados inexistentes					
2015	<i>Lesbian</i>	<i>Lesbian</i>	<i>Black</i>	<i>Black</i>	<i>MILF</i>	<i>Step mom and son</i>
2016	<i>Lesbian</i>	<i>Japanese</i>	<i>Japanese</i>	<i>MILF</i>	<i>MILF</i>	<i>MILF</i>
2017	<i>Lesbian</i>	<i>Japanese</i>	<i>Japanese</i>	<i>MILF</i>	<i>MILF</i>	<i>MILF</i>
2018	<i>Hentai</i>	<i>Japanese</i>	<i>MILF</i>	<i>MILF</i>	<i>MILF</i>	<i>MILF</i>
2019	<i>Japanese</i>	<i>Japanese</i>	<i>Japanese</i>	<i>Japanese</i>	<i>Japanese</i>	<i>Mature</i>
2020	Dados inexistentes					
2021	<i>Lesbian</i>	<i>Asian</i>	<i>Cartoon</i>	<i>Handjob</i>	<i>Handjob</i>	<i>Handjob</i>
2022	<i>Threesome</i>	<i>Asian</i>	<i>Creampie</i>	<i>Handjob</i>	<i>Handjob</i>	<i>Handjob</i>

Fonte: Pornhub, 2013; 2015; 2016; 2017a; 2018a; 2018b; 2019; 2021; 2022.

Mesmo com as diferenciações de categorias, é possível encontrar alguns pontos em comum nas buscas: a única que se refere, de forma direta, a uma sexualidade homoafetiva é a *Lesbian*; existe uma grande procura entre a faixa etária de 25-34 anos por materiais pornográficos com pessoas asiáticas; a categoria MILF faz grande sucesso entre pessoas acima dos 45 anos. Certa diferenciação entre as pesquisas começa a ser percebida a partir de 2021 pois, nos anos anteriores, padrões de pesquisa de conteúdo se mantiveram “tradicionais” em suas respectivas faixas etárias; houve termos/categorias que não tiveram qualquer tipo de repetição em demanda nas buscas: “*Cartoon*”, “*Hentai*”, “*Creampie*”, “*Threesome*”, “*Mature*” e “*Stepmom and son*”.

É imprescindível lembrar que o *Pornhub* faz parte de um conglomerado de marcas de conteúdo pornográfico que, por muito tempo, foi comandado pela empresa canadense *MindGeek*. Esta não é uma empresa gigante do entretenimento adulto, mas da tecnologia da informação, que trata de algoritmos e coleta de dados para proporcionar experiências mais personalizadas aos usuários de seus produtos – que, no caso, fazem parte da indústria pornográfica. Esta alta tecnologia, de acordo com Morris (2023), chamou a atenção de Solomon Friedman, CEO da *Ethical Capital Partners*, para que comprasse a *MindGeek*. Não por coincidência, o *Pornhub* passou a divulgar tais dados apenas depois de estar sob a posse da empresa canadense de Feras Antoon.

Compreende-se que a coleta e divulgação de tais dados pela MindGeek são tratados de maneira especializada, visto ser uma empresa que se compromete com esse tipo de tecnologia da informação. Todavia, dados são apenas dados se não analisados no contexto em que se inserem e dos possíveis impactos que podem referenciar. Assim sendo, se vê necessária uma discussão crítica dos dados apresentados pelo site.

3.3 Discussão e crítica: mais do que os dados podem mostrar

As informações fornecidas pelo *Pornhub* trazem panoramas curiosos sobre o público-consumidor e seus gostos, em geral. Nelas, há o potencial de compreendermos como o consumo de pornografia tem se modificado na última década - ou o que se manteve. Todavia, as possíveis cifras ocultas existentes em tais levantamentos são passíveis de se questionar.

O primeiro deles é o desaparecimento do termo “*Teen*” como um dos mais procurados no site. Gail Dines ressalta que a explosão desse conteúdo se deu a partir do ano de 2002, quando a *Free Speech Coalition* – uma coalizão que une empresas e produtores da indústria pornográfica – pressionou a Suprema Corte dos Estados Unidos a flexibilizar o entendimento do que seria pornografia infantil, o qual era dado a partir da lei *Child Pornography Prevention Act of 1996*, e que proibia qualquer tipo de material envolvendo menores de 18 anos, incluso fotos, vídeos, filmes, envolvendo pessoas reais ou criados via computador e, ainda, materiais que envolvessem pessoas que tivessem aparências infantilizadas se engajando em condutas sexuais explícitas. Com a derrocada dessa especificidade quanto à produção de conteúdo com pessoas em aparências infantilizadas, o *teen porn* ganha espaço, pois deixa de ser ilegal a conduta envolvendo pessoas maiores de 18 anos (Crescendo..., 2015). E, no *PornHub*, essa categoria tinha um público bastante obstinado.

A busca por vídeos que abarcam tal termo poderia ter se tornado menos popular com os anos, mas teria havido uma queda tão gigantesca de modo a não mais aparecer no ranking de termos mais procurados do site desde 2019? A demanda realmente pode ter diminuído, todavia, a coincidência do sumiço do termo das menções após o escândalo que envolveu o site em relação à sua conivência com os casos de pornografia infantil e vídeos de abuso sexual publicados - dos quais geravam receita - é, no mínimo, algo a se estranhar. Tal qual citado anteriormente, os filtros de moderação do site para compreender se os conteúdos na categoria *teen* envolviam ou não menores de idade eram muito ambíguos. Além disso, a falta de

moderadores o suficiente para abarcar a demanda de conteúdo no site dificulta ainda mais esse controle sobre o que é pornografia infantil e o que é *teen porn*³⁷.

Ademais, os levantamentos relacionados à idade dos consumidores podem ter também cifras ocultas. Essa discussão já era levantada nos anos finais da década de 2000. Wolak, Mitchell e Finkelhor (2007) relembram que já em 2005 havia dados demonstrando que pelo menos 13% de crianças e adolescentes de 10 a 17 anos haviam buscado nos Estados Unidos por sites pornográficos. Contudo, apontam para uma problemática importante a ser discutida: a exposição involuntária à pornografia online. Enfatizam que³⁸ 34% das crianças e adolescentes das idades indicadas já haviam sido expostos à pornografia contra sua vontade, e acrescentam que essa porcentagem diz respeito a um aumento de 8% desse fenômeno comparado aos anos de 1999 e 2000. Em pesquisa mais recente, Herbenick *et al.* (2020) demonstram que, nos Estados Unidos, na amostra coletada entre homens e mulheres de 18 a 60 anos, a média de idade de primeira exposição à pornografia está por volta de 13 anos para homens e 17 anos para mulheres. Além disso, demonstram que o consumo se dá mais comumente por meio de sites pornográficos gratuitos. Em relação ao Brasil, Mesquita e Pinto (2020) argumentam que há escassez de pesquisas que retratam o consumo de pornografia pela população. O destaque ocorre em relação aos estudos mercadológicos.

O aumento de usuários da *Web* pode ser um dos fatores de crescimento exponencial involuntária à pornografia. Isso também demonstra o descuido, constantemente criticado pelo movimento antipornografia, em relação à alta exposição a conteúdos pornográficos, sem qualquer tipo de regulação. O fácil acesso somado aos poucos (ou ineficientes) filtros de conteúdo dentro e fora da Internet contribuem para que mais crianças e adolescentes consigam acesso à pornografia sem qualquer tipo de orientação sobre a inadequação do conteúdo para a faixa etária.

As políticas de classificação etária do *Pornhub* (e da Internet em geral) são ineficientes para manter crianças e adolescentes longe. Uma simples busca de algum termo

³⁷ As vulnerabilidades de meninas e mulheres no que diz respeito à produção de pornografia se diferenciam em diversos meios, inclusive por meios legais. A pornografia feita com menores de 18 anos é crime. A pornografia feita com maiores de 18 anos, contanto que consentida, é legal. Todavia, a questão do *teen porn* abre para questionamento qual a necessidade de demanda de uma pornografia que se assemelha a pornografia infantil, porém é legalizada devido à idade de seus atores. É legal (juridicamente falando), mas quais as implicações na sexualidade de meninas e mulheres nessa ambiguidade trazida por essa categoria? Um público consumidor predominantemente masculino, que engaja com a sexualidade feminina infantilizada, retratada a partir do olhar masculino, implica questionar que essa problemática diz respeito não somente às ambiguidades, mas a implicação do poder masculino, que busca a sexualidade submissa.

³⁸ É importante ressaltar que a democratização da Internet tal qual existe, de maneira mais bem distribuída, atualmente, não era uma realidade para boa parte da população mundial durante a década de 2000, visto que a Internet dava seus primeiros passos de popularização, neste período.

relacionado à sexualidade no *Google* já traz em seus resultados pelo menos um link para o *Pornhub*. Inclusive, a questão algorítmica de se ter o *Pornhub* sempre como referência e primeira sugestão nos resultados relacionados é conscientemente planejada pelo próprio site (Pornhub, 2023a), para manter-se no topo como uma das referências em vídeos pornográficos online.

Mais um fator que chama a atenção diz respeito a alta popularidade da categoria *japanese/asian*. Dines (2010) compreende formas racistas pelas quais mulheres asiáticas são retratadas na pornografia: de início, reduzidas a mulheres japonesas – o que desrespeita toda a diversidade étnica do continente asiático – e estereotipadas em sua sexualidade. São representadas como mulheres submissas e infantilizadas, subordinadas a qualquer proposta sexual masculina, e seus corpos descritos como “pequenos” e “apertados”, prontos para o sexo violento. O autor Zheng (2016) compreende que o termo *yellow fever*³⁹ abarca esse tipo de fetichismo relacionado às pessoas amarelas/asiáticas. Reforça, ainda, o dito por Dines (2010) quanto ao estereótipo de hiper feminilização atribuído a elas, como “naturalmente” tímidas e submissas. A popularidade da categoria *japanese/asian* conversa, ainda, com a crescente popularidade do termo *Hentai*, em sua origem. Park, Blomkvist e Mahmut (2022) argumentam que o diferencial deste tipo de produção em relação a outros materiais pornográficos diz respeito à possibilidade de inserção de cenários, elementos e atos sexuais humanamente impossíveis, que criam situações fantasiosas.

Outro dado interessante diz respeito à popularidade da busca do termo *lesbian*, o qual se mantém no top 3 de termos mais procurados do site desde 2013. Ressalta-se, ainda, a maneira como essa popularidade parece não condizer com a predominância do público consumidor: homens. Qual o interesse do público masculino em vídeos que, por suposto, seriam voltados para o prazer do sexo feminino homossexual? Ademais, é importante lembrar que o olhar o do PornHub para o sexo lésbico não é considerado ao público homossexual: na aba “Categorias” do site, citada anteriormente, os vídeos são divididos inicialmente em dois grandes nichos – “Todos” e “Gay”. A categoria “Gay” abrange vídeos de homens homossexuais, apenas. A divisão demonstrada permeia um discurso que pode ser questionado, visto que o *site* não leva em consideração a diversidade abarcada pelas sexualidades diversas, ao mesmo tempo em que separa a categoria “Gay” de todos os outros. O sexo não-gay, portanto, torna-se a norma a partir do olhar masculino heterossexual. Já o sexo gay é colocado a parte, como anomalia, não se encaixando em “Todos”.

³⁹ “Febre amarela”, na tradução literal.

Tais questionamentos abrem precedentes para uma discussão do poder masculino e a utilização da pornografia em uma perspectiva da tecnologia de gênero, a qual ultrapassa o uso pessoal para o auto prazer e se relaciona à misoginia e à manutenção do patriarcado por meio do exercício de sexualidade representado; aspectos analisados a seguir.

4 PORNOGRAFIA COMO TECNOLOGIA DE GÊNERO

De acordo com Saffioti (2015), o controle da sexualidade feminina é um dos principais pilares do patriarcado, e isso se dá pela construção da sexualidade masculina como predatória e a da feminina como predada. O jogo de poder masculino é pautado na crença popular da falta de controle da sexualidade masculina, posta como instintiva. O pensamento da autora reforça o de Beauvoir (2019b), citado anteriormente no capítulo 3, que versa sobre as relações de gênero se darem por meio da associação do corpo e vivências femininas como objetos de consumo e subserviência ao masculino. Ademais, "(...) nenhum destino sexual governa a vida do indivíduo: seu erotismo traduz, ao contrário, sua atitude global para com a existência" (Beauvoir, 2019b, p. 176).

Dworkin (1981) atesta que a forma de opressão do sexo feminino tem como particularidade que as violências praticadas contra a condição feminina não deixam de existir em nenhum cenário, mesmo em interseccionalidades que sejam mais favoráveis socialmente (como raça, condições socioeconômicas, orientação sexual, entre outros). Estar em condições favoráveis, para o sexo feminino, não significa estar no poder.

Dando continuidade à linha de pensamento, chega-se à pornografia, pela visão da autora:

(...) a pornografia é o cenário cultural do masculino/feminino. É o cenário coletivo do mestre/escravo. Contém a verdade cultural: homens e mulheres amadureceram das paisagens de contos de fadas para os castelos do desejo erótico; a mulher, sua carnalidade adulta e explícita, seu papel de vítima adulta e explícita, sua culpa adulta e explícita, seu castigo vivido em sua carne, sua aniquilação final — morte ou submissão completa. Pornografia, assim como os contos de fadas, nos dizem quem somos. É a estrutura da mente masculina e feminina, o conteúdo de nossa identidade erótica compartilhada, o mapa de cada centímetro e quilômetro de nossa opressão e desespero. (Dworkin, 1981. p. 53-54, tradução nossa).

Andrea Dworkin destaca a maneira pela qual os cenários propostos pela pornografia se misturam com as formas de pensamento gendradas como “masculinas” e “femininas”. Através da pornografia, essas segregações de gênero se explicitam por meio da sexualidade, atribuindo papéis de dominância ao masculino – visto que o masculino é o produtor de significado na pornografia – e de submissão ao feminino, o qual é retratado a partir do que o masculino deseja que este seja.

Porém, sendo a pornografia um fenômeno social, não apenas é moldada e transformada pela sociedade, mas também tem o poder de moldá-la e transformá-la. Esse

acontecimento é explorado por Dines (2010) compreendendo que o pensamento pornográfico se infiltrou na cultura pop (televisão, músicas, cinema etc.), de forma que os corpos de mulheres são representados para e pelo olhar masculino, segmentando esses corpos em exibição de suas partes, retirando a humanidade do corpo feminino pela incompletude do entendimento desse corpo como pertencente a alguém. É dado, assim, o processo de reificação.

A crítica também se estende ao esvaziamento da compreensão de que há uma indústria capitalista por trás da pornografia, que compreende corpos humanos como produtos. A influência da pornografia vai mais além do que apenas o comércio explícito do material pornográfico, pois abrange a poderosa estrutura de marketing que se propaga em tecnologias, modelos de negócio, músicas, mídias mainstream e discursos que pregam a pornografia como o clímax do empoderamento e expressão da sexualidade (Dines, 2010).

A aplicabilidade dessa crítica na pornografia provém da própria concepção de sexualidade retratada por este instrumento. As raízes da produção pornográfica sustentam o uso do corpo, imagem e sexualidade femininas à vontade dos produtores de significado do sexo masculino. Seja para protestos políticos, para o lucro ou para o próprio prazer, o corpo feminino vem sendo explorado em suas representações e em seus limites para a satisfação masculina. Catherine Mackinnon acrescenta, quanto à experiência da popularidade da pornografia:

À medida que a sociedade se torna saturada para com a pornografia, o que provoca excitação sexual e a própria natureza do sexo, em termos do papel de fala nele, se transforma. O que eram palavras e imagens se tornam, através da masturbação, no próprio ato sexual. Conforme a indústria se expande, isso se torna cada vez mais a experiência genérica do sexo, a mulher na pornografia se tornando mais e mais o arquétipo vivo para a sexualidade feminina na perspectiva masculina e, portanto, na experiência feminina. Em outras palavras, conforme o ser humano se torna objeto e o mútuo se torna unilateral, o dado se torna roubado e vendido, a objetificação passa a definir a feminilidade, a unilateralidade passa a definir a mutualidade, e a força passa a definir o consentimento, visto que imagens e palavras se tornam as formas de posse e uso pelas quais mulheres são efetivamente possuídas e utilizadas (Mackinnon, 1996, p.26, tradução nossa).

A tendência iniciada por Hugh Hefner se torna sólida com o auxílio do mercado: o olhar pornográfico deixa de ser parte apenas de um nicho específico e se generaliza como um estilo de vida, vendido como empoderador e prazeroso. Todavia, há um preço para se participar desse suposto impulsionamento da sexualidade no qual a moeda de troca é o corpo

feminino. Os números estatísticos demonstrados antes traçam o perfil do consumidor de pornografia como masculino. Tal qual aponta que os vídeos pornográficos mais consumidos são sobre mulheres, nas mais diferentes categorias, formas e fetiches. As categorias que envolvem mulheres são as mais populares do site. Nenhuma categoria abarca o homem como protagonista, nem mesmo considerando que o público masculino do *Pornhub* engloba também homens homossexuais e bissexuais.

Tais questões localizam a pornografia como uma tecnologia de gênero. É uma tecnologia de gênero, pois funciona como uma ferramenta de normatização do ato sexual, e de como homens e mulheres devem se comportar para atingir o suposto prazer. A chamada à ação promovida pela pornografia, descrita no capítulo anterior, é sua principal ramificação como tecnologia de gênero em sociedade. Os atos sexuais não são meramente ficcionais na pornografia; eles realmente acontecem entre os atores. E, para além do ato sexual real, há a mensagem ao consumidor de que, caso reproduza as cenas que está assistindo ou participe indiretamente dela por meio da masturbação, seu prazer será semelhante. Assim sendo, o efeito da pornografia não se extingue a seu consumo. Este é levado adiante, para a vida sexual real, pois há incentivo para tal.

Abre-se o debate sobre o quanto a exposição pode afetar a maneira como se compreende o exercício da sexualidade. A pornografia *mainstream* está transformando a maneira como a sexualidade e o prazer sexual são exercidos, e essa mudança tem ganhado novos contornos com a acessibilidade aos conteúdos provenientes da Internet, ativa como facilitadora. E a adoção de scripts que contém algum tipo de violência não tem sido incomum.

Em levantamento, Fritz *et al.* (2020) analisaram 4009 vídeos dos sites pornográficos *Pornhub* e *Xvideos*, buscando compreender, em uma análise descritiva, o conteúdo violento existente na pornografia *mainstream*. A partir do material coletado, focalizando nos resultados apresentados pelo PornHub, foi percebido que em 45,1% dos vídeos havia algum tipo de agressão física perpetrada – tapas e engasgamento são os mais comuns. Percebeu-se que os principais alvos das agressões são mulheres (96,7%), na maioria das vezes (75,9%) acometidas por homens. Ademais, majoritariamente a reação dessas mulheres expressava prazer ou neutralidade tanto em relação às agressões físicas (97,4%) como às verbais (98,7%). Os pesquisadores também percebem que agressões físicas são mais comuns do que as verbais, embora estas sejam direcionadas ao feminino com mais frequência e por meio de palavras como “vadia” e “puta”. Acrescentam, ainda, que em 97,4% das vezes em que mulheres foram agredidas física e verbalmente nos vídeos, suas respostas foram de satisfação ou neutralidade. Os dados demonstrados surgem em concordância com outras pesquisas de análise de

conteúdo (Bridges *et al.*, 2010; Shor; Seida, 2018; Miller; Mcbain, 2021; Vera-Gray *et al.*, 2021) as quais apontam que boa parte dos conteúdos de sites pornográficos, inclusive os conteúdos mais acessados, contém algum tipo de expressão agressiva durante o ato sexual.

Os atos violentos representados nos suscitam diversas questões que necessitam de mais investigações sobre seus efeitos no público consumidor. Mas, para além do impacto ao público, é possível explorar o tipo de mensagens as quais sites como *Pornhub* estão propagando e como estas estão permeadas por violências simbólicas ao sexo feminino.

A variável misógina não é algo novo na história da pornografia, como destrinchado no capítulo 2, tal qual o olhar masculino, primordial e sempre presente, até a atualidade. Entretanto, novos tempos desenvolvem novas tecnologias de gênero, aperfeiçoam as que se mantêm plenamente operantes e descartam as que não mais lhe são úteis. Isso significa que novas formas de produção de pornografia foram lapidadas ao decorrer dos anos a partir das demandas do público, assim como o olhar dos produtores e comandantes da indústria pornográfica, em nome do lucro sem precedentes.

A pornografia *mainstream* grafa simbolismos os quais se constroem de uma ideologia de sexo dominante: a ideologia patriarcal. Tais reproduções carregam não apenas o signo patriarcal, como também convidam o público a replicá-los:

A pornografia se estende para além do pensamento, alcançando efeitos mais drásticos do que os provenientes de qualquer outro ato expressivo. As imagens e palavras provenientes da pornografia produzem ações e as ações produzidas pela pornografia inserem-se também no campo da linguagem. (...) sustenta a ideia de subalternidade feminina e da dominação masculina; todavia, mais do que isto, a pornografia constrói e reforça a realidade social existente, colaborando com a padronização dos papéis de gênero (Ribeiro, 2016, p. 46).

Pajuelo (2022) traz em perspectiva o que significa a sexualidade patriarcal, destrinchando-a em sete principais características: a) a virilidade masculina se dá pela quantidade de sexo praticado e, assim sendo, deve-se estar sempre disposto; b) o desejo sexual é dado como uma necessidade, a qual deve ser saciada por meio do corpo feminino, que lhe pertence por direito; c) o desejo masculino é a centralidade da sexualidade, que deve girar em torno de um modelo falocêntrico; d) o desejo sexual masculino está no controle, poder, desejo, violência e posse do corpo feminino; e) o corpo feminino é objetificado em prol da satisfação sexual masculina, de forma a justificar a violência; f) há erotização da violência contra o corpo feminino, de modo a justificar seu exercício na sexualidade.

Tais elementos auxiliam compreender como o olhar masculino constrói a pornografia não apenas como uma ferramenta de satisfação, mas como uma tecnologia de gênero, pronta para moldar homens e mulheres segundo o modelo da sexualidade patriarcal. Pajuelo (2022) acrescenta que a pornografia é uma ferramenta que assume importante papel para o alastramento da sexualidade patriarcal.

Portanto, a discussão entre pornografia e violência perpassa os atos demonstrados em cena ou o incentivo à reprodução. Diz respeito, em particular, à violência simbólica de gênero⁴⁰ que, conforme Bourdieu (1989), diz respeito à dominação causada pelas relações de poder entre classes sociais, resultadas da inequidade cultural entre estas. Coy, Wakeling e Garner (2011) argumentam que a violência simbólica invisibiliza as relações de poder, normalizando-as e legitimando-as de tal maneira que as classes submetidas às dominantes compreendam a opressão de maneira naturalizada, e isso contribui para que esse mecanismo seja bem-sucedido.

O gênero imprime a ideologia violenta do patriarcado, que diz respeito à hierarquia entre o sexo masculino e feminino, e que imputa ao sexo feminino o local de menos-valia, o qual é dado por meio das relações sociais (Saffioti, 2015). Os papéis sociais denominados como “gênero” nada mais são do que violência simbólica, que funcionam por meio da tentativa de mascarar a hierarquia que representam. Em complemento: também convidam o público a replicá-los:

(...) o gênero é constitutivo das relações sociais, como afirma Scott (1983, 1988), da mesma forma que a violência é constitutiva das relações entre homens e mulheres, na fase histórica da ordem patriarcal de gênero (SAFFIOTI, 2001), ainda em curso. Na ordem falocrática, o gênero, informado pelas desigualdades sociais, pela hierarquização entre as duas categorias de sexo e até pela lógica da complementaridade (BADINTER, 1986), traz a violência em seu cerne (Saffioti, 2015, p. 137).

Sendo parte de um processo de reprodução social (Coy; Wakeling; Garner, 2011), este acontece através dos posicionamentos da classe dominante masculina, já considerado nos últimos capítulos.

A demonstração imagética oferecida pelo *Pornhub* por meio da linguagem verbal e não-verbal – não diferenciada de outros sites de pornografia *mainstream*, aponta o espaço o qual as mulheres pertencem neste universo: de subserviência ao prazer masculino, por meio

⁴⁰ Não tão somente de gênero, visto que existem diversos tipos de desumanizações e fetichizações – como a de raça, exemplificada anteriormente – que merecem um aprofundamento para além do que o escopo e alcance deste trabalho permite. A academia deve ser participante crítica no que diz respeito a explicitar a reificação de corpos marginalizados.

da perspectiva masculina, voltada ao agrado masculino. Sustenta-se como tecnologia de gênero justamente por pautar papéis sociais em sexualidade baseados no prazer e desejo masculinos e na manipulação e objetificação do corpo feminino. É uma tecnologia de gênero, pois afeta ambos os gêneros, mantendo seu status quo hierárquico por meio da sexualidade.

A violência simbólica também se apresenta na Indústria do Sexo disfarçada de empoderamento. E esse é um dos mecanismos mais perversos utilizados por todas as suas vertentes. O aperfeiçoamento das tecnologias de gênero neste caso diz respeito à abordagem de públicos, corpos e olhares anteriormente “marginalizados”, visto que estes adquiriram poder de consumo. Pela lógica capitalista, o lucro deve transcender restrições. Portanto, a pornografia mainstream não se tornou mais “democrática” por estar supostamente representando corpos e sexualidades diversas. Ademais, o abraçar do discurso feminista liberal pela indústria pornográfica que, ao lhe convir, distorce a liberdade individual do corpo feminino em prol da sexualização e objetificação, demonstra que a adaptação dessas tecnologias estão atentas às mudanças sociais. Tal qual efeito de retroalimentação, a pornografia transforma e é transformada pelos fenômenos culturais.

A perversidade desse movimento, de acordo com Coy, Wakeling e Garner (2011), ocorre devido ao movimento de desumanização e objetificação voltado à satisfação do desejo masculino, e que esconde as opressões classistas, de gênero e raciais, por meio de conformismos como entender que “o ‘trabalho sexual’ sempre existiu” e “não é possível mudar a natureza sexual masculina”, somados à eufemismos empoderadores. As autoras explicam: “(...) o sexo comercial está associado ao empoderamento feminino e ao entretenimento, refletindo uma 'sensibilidade midiática pós-feminista' (Gill, 2007), cujo ponto central é a ideia de que as mulheres podem utilizar seus corpos ou lucro como um meio e uma via para o empoderamento pessoal” (Coy; Wakeling; Garner, 2011, pg. 447).

A pornografia é uma representação que compreende idealizações e fantasias que partem do olhar masculino, mas que podem não se sustentar no mundo real conforme a expectativa criada. Quão profunda, portanto, pode ser o impacto na sexualidade proveniente do consumo de pornografia? E quão a sério essa mudança está sendo encarada pela sociedade? Urge compreender a importância de se abordar a pornografia não apenas pela ótica do entretenimento, mas também como uma questão cara à saúde pública e à educação sexual popular.

4.1 A pornografia como questão de saúde pública e de educação sexual

A pornografia *mainstream*, como discutido até então, refere-se à produção da Indústria do Sexo e dos impactos discursivos e efeitos na sexualidade. Por isso a importância de voltar olhares críticos às consequências causadas.

A literatura científica demonstra maior atenção a este assunto no que diz respeito ao impacto para com crianças e adolescentes, visto o maior número de estudos. Owens *et al.* (2012) compreendem que existe um consenso na literatura científica de que materiais sexualmente explícitos podem ser utilizados por crianças e adolescentes para aprender sobre sexo, mas que o aprendizado por essas vias pode causar distorções ao que se compreende como sexualidade. Isso significa que o modelo de sexo apresentado na pornografia *mainstream* pode não compreender a realidade prática de prazer, o que pode ser prejudicial, ainda mais em uma fase do desenvolvimento tão importante.

Tal qual demonstram as pesquisas citadas, a maioria das peças presentes em sites pornográficos contém algum tipo de violência perpetrada durante o ato sexual, mas demonstrada como algo positivo. Isso pode reforçar a ideia dos espectadores de pornografia, homens e mulheres, de que a violência deve ser naturalizada durante o sexo, sendo em si prazerosa, e que não gostar ou compactuar com tais atos seria anormal. Além disso, pode desencadear a dessensibilização à violência, levando a atos cada vez mais perigosos e, por consequência, à desumanização e objetificação do corpo de uma parceira sexual.

A atenção e preocupação quanto ao impacto da pornografia em crianças e adolescentes é compreensível, afinal, estas estão em momento peculiar de desenvolvimento que precede a vida adulta, e isso também diz respeito à sua sexualidade. Todavia, a academia tem se esquecido de voltar seu olhar às repercussões presentes também durante a vida adulta.

Ao se falar de saúde sexual, considera-se “o bem-estar físico, emocional, mental e social relacionado à sexualidade (...) também à possibilidade de ter experiências sexuais seguras e prazerosas, sem coerção, discriminação e violência” (Organização Mundial Da Saúde, 2015, pg. 10). Dadas as condições apresentadas pela pornografia *mainstream*, é notável que esta não contribui para uma vida sexual saudável, tal como preconizado pela OMS.

A pornografia *mainstream* apresenta um *script* de reprodução de um ato sexual bastante característico. O sexo apresentado é o do **eu**, no qual o prazer individual é centralizado em um indivíduo ao invés do prazer compartilhado entre as partes envolvidas, e

este eu-central é o masculino (Ezzell *et al.*, 2020). Ademais, os autores também fazem críticas quanto à reprodução e normalização de violências demonstradas como prazerosas.

Ao se falar do exercício seguro e saudável da sexualidade e formas saudáveis de sua representação, é essencial que se considere os direitos sexuais e reprodutivos como conectados, como destacados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), pela Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD - 1994) e pelos movimentos feministas. São estes:

Direitos reprodutivos

Direito das pessoas de decidirem, de forma livre e responsável, se querem ou não ter filhos, quantos filhos desejam ter e em que momento de suas vidas. Direito a informações, meios, métodos e técnicas para ter ou não ter filhos. Direito de exercer a sexualidade e a reprodução livre de discriminação, imposição e violência.

Direitos sexuais

Direito de viver e expressar livremente a sexualidade sem violência, discriminações e imposições e com respeito pleno pelo corpo do(a) parceiro(a). Direito de escolher o(a) parceiro(a) sexual. Direito de viver plenamente a sexualidade sem medo, vergonha, culpa e falsas crenças. Direito de viver a sexualidade independentemente de estado civil, idade ou condição física. Direito de escolher se quer ou não quer ter relação sexual. Direito de expressar livremente sua orientação sexual: heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, entre outras. Direito de ter relação sexual independente da reprodução. Direito ao sexo seguro para prevenção da gravidez indesejada e de DST/HIV/AIDS. Direito a serviços de saúde que garantam privacidade, sigilo e atendimento de qualidade e sem discriminação. Direito à informação e à educação sexual e reprodutiva. (Brasil, 2009. p. 04).

Corrêa e Perchesky (1996) ressaltam que, para que haja liberdade real de escolha e exercício dos direitos sexuais e reprodutivos em sua completude, seriam necessárias condições para tal, visto que o corpo não é apenas um conglomerado biológico, mas algo que está em contato e coexiste no ambiente no qual se relaciona. Com foco no que diz respeito aos direitos sexuais e reprodutivos femininos, as autoras compreendem que direitos não devem ser abordados a partir da lógica liberal da “escolha”, mas sim abrangendo todas as complexidades biopsicossociais que facilitam ou dificultam seu acesso.

A pornografia *mainstream* reflete o olhar social masculino sobre o exercício da sexualidade: um tipo de sexualidade centrada no eu-masculino, voltada à sua satisfação, como reflexo da sexualidade patriarcal. A sexualidade patriarcal é um dos diversos braços do patriarcado que contribui para manter o sexo feminino sob opressão. Em todas essas questões

levantadas até aqui, é notável a influência das raízes patriarcais em sociedade para com o exercício da violência simbólica sobre o sexo feminino.

O ensinamento do eu-masculino centralizado não é algo novo. As tecnologias de gênero se aperfeiçoam conforme o avanço da sociedade e os novos contornos de manifestação do patriarcado. E assim funciona a violência simbólica, pois não é percebida, ou, se é, é apaziguada ou normalizada. Isto posto, é possível compreender que o ideal liberal do “eu livre” não funciona de maneira tão simples. No que diz respeito à vivência feminina, a complexidade aumenta diante dos mecanismos patriarcais que se impõem, tanto em violências explícitas como simbólicas.

Para que as decisões reprodutivas sejam realmente “livres”, e não compelidas pelas circunstâncias ou por desespero, é necessário que existam certas condições que constituam a base dos direitos sexuais e reprodutivos, o que as feministas denominam “autonomia feminina”. Elas incluem fatores materiais e de infraestrutura, tais como transporte, creches, subsídios financeiros, bem como serviços de saúde acessíveis, humanizados e bem equipados (...), mas essas condições também incluem fatores culturais e políticos, tais como acesso à educação, renda, autoestima, e canais de tomada de decisão.

(...) Direitos não envolvem somente liberdades pessoais (...), mas igualmente obrigações sociais (domínio em que uma ação pública efetiva é necessária para garantir que os direitos serão exercidos por todos e todas).

(...) Afirmar o direito das mulheres de “controlar e de ser donas” de seus corpos não significa que os corpos das mulheres são meros objetos, separados delas mesmas ou isolados das comunidades e redes sociais. Ao contrário, denota a noção de corpo como parte integral do eu, cuja saúde e bem-estar (incluindo aí o prazer sexual) formam a base necessária para a participação ativa na vida social (Corrêa; Petchesky, 1996, pg. 159-160).

Compreender os impactos da pornografia mainstream sob a ótica da saúde pública e da educação sexual é discutir com a sociedade as representações efetivadas pela pornografia que, infelizmente, ainda não atingiu o alcance necessário. Trata-se de pensar sobre os meios necessários para se lidar com as imagéticas calcadas do masculinismo reverberadas como modelo de sexualidade pela pornografia mainstream, cada vez mais próximo e acessível a público abrangente, diverso em gênero, raça, classe, faixa etária, nacionalidade etc.

O movimento antipornografia do século XX recebeu diversas críticas, e ações judiciais, quanto à sua escolha para lidar com as problemáticas apresentadas pela pornografia. Todavia, os expoentes contemporâneos do movimento trazem novas ferramentas para entender o crescente consumo de pornografia, os seus impactos e como prevenir e reduzir os seus danos. Diante destas propostas, demonstra-se, em destaque, a *porn literacy education*.

4.2 *Porn literacy education*

A educação sexual é uma via de conscientização primordial no que diz respeito à compreensão da sexualidade e no modo saudável de exercê-la. Maia e Ribeiro (2011) concebem que uma educação sexual de qualidade é baseada na: a) sexualidade em uma perspectiva diversa e plural, vivida por indivíduos em seus contextos biopsicossociais; b) não partir de “verdades absolutas” sobre a sexualidade e contribuir para desconstruir estereótipos a ela relacionados; c) fornecer informações que suscitam questionamentos e reflexões; d) esclarecer sobre como os contextos socioculturais influenciam no exercício da sexualidade, tal qual os mecanismos de repressão sexual presentes na sociedade; e) estimular uma postura crítica e que contribua para a construção de valores pessoais sobre sexualidade. Os pesquisadores consideram que estes, entre outros elementos, podem contribuir para uma educação sexual inclusiva, integral e abrangente.

Além da importância da educação sexual, por si, destaca-se a urgência de uma abordagem pedagógica acerca da pornografia. O consumo de pornografia como forma de educação sexual é considerado preocupante. Esta acaba sendo uma forma de acesso a informações sobre sexualidade devido à carência de outras referências, em particular para os mais jovens, e o melhor tipo de prevenção à desinformação e à exposição a possíveis comportamentos de risco causados pelo desconhecimento se dá pela disponibilização de informações confiáveis e acessíveis ao público (Testa *et al.*, 2023). Davis *et al.* (2020) compreendem a pornografia como questão de saúde pública e que requer intervenções interdisciplinares para lidar com a situação. Os pesquisadores consideram que já existem boas intervenções, como a *pornography literacy*.

A *pornography literacy*, também conhecida como *porn literacy education*, é uma educação sexual voltada à conscientização crítica relacionada ao consumo de pornografia. Essa vertente da educação sexual é inspirada no *media literacy education*, um programa de conscientização e redução de danos em relação ao consumo midiático (Dawson; Gabhainn; Macneela, 2019). Albury (2014) argumenta que as discussões quanto à inclusão da discussão sobre pornografia em programas de educação sexual tiveram seu pioneirismo em locais como Austrália, Estados Unidos e Reino Unido, compreendendo que existe a necessidade de que pessoas menores de 18 anos – idade legalizada de consumo – deveriam ter acesso à um tipo

de educação sexual que trouxesse pensamento crítico ao consumo de pornografia e, para com adultos, visasse o ensino de práticas sexuais seguras e saudáveis.

Em estudos-piloto sobre a eficácia da *porn literacy education* (Vandenbosch; Van Oosten, 2017; Rothman *et al.*, 2018; Harnish, 2023), demonstra-se que a implementação de um programa de educação sexual baseado em um olhar crítico à pornografia, em uma abordagem que abre possibilidades de mudanças de pensamento quanto ao consumo de pornografia e como as mensagens – principalmente no que diz respeito à reificação do sexo feminino e como podem ser negativas na construção individual e coletiva da sexualidade – são modelos eficazes de abordagem.

Grande parte dos estudos focaliza no público adolescente, porém não significa que este deve ser o único grupo a ser atingido. Vandenbosch e Van Oosten (2017) destacam que os adultos também absorvem esse tipo de orientação - mesmo que com maior resistência. Todavia, é necessário que sejam pensados métodos adequados para cada idade e contexto sociocultural dos participantes. Messias e Feitosa (2023) destacam a importância da adaptação dos currículos a partir de uma perspectiva não-culpabilizante de consumo e que considere as demandas apresentadas, a faixa etária e de desenvolvimento dos educandos, o modo como a mensagem da pornografia é absorvido e, ainda, às reivindicações da população LGBT.

A porn literacy education tem o potencial de ser um caminho correto e poderoso a se difundir, e com as ferramentas necessárias - tanto teóricas como de escuta demandas da população qual será aplicada. Além, de incentivar pensamento quanto aos papéis estereotipados gênero e das práticas de violência presentes na pornografia, e de discutir exercícios de sexualidade mais saudáveis, tanto para o indivíduo, consigo mesmo, como para as pessoas com as quais ele se relacionar. Trata-se, portanto, de uma questão que abarca educação e saúde pública (Messias; Feitosa, 2023, pg. 13)

Uma questão que diz respeito à *porn literacy education* quanto a não ser possível a demonstração de conteúdo sexualmente explícito, de acordo com Albury (2014), tem sido discutida entre pesquisadores, no tocante a compreender como falar sobre pornografia sem expor diretamente o conteúdo a esse público, e a necessidade do cuidado na abordagem para com o assunto. Tais estratégias ainda estão em desenvolvimento, porém a autora destaca que as estratégias de abordagem indireta tem sido a melhor alternativa, e dizem respeito à abertura de discussão de características comuns à *pornografia mainstream* para análise crítica. A partir da comparação de modelos de sexualidade segura e saudável, somada à abertura de

pensamento crítico ao que é demonstrado pela pornografia, são combinadas estratégias de educação sexual já existentes e que abordam modelos de sexualidade segura.

A respeito de como a *porn literacy education* pode ser implementada como currículo, algumas pesquisas trazem sugestões. Rothman, Daley e Alder (2019) traçaram um programa de orientação voltado a adolescentes, o qual é dividido em nove tópicos principais de discussão, envolvendo temas como normas sociais relacionadas à sexo, gênero e violência; a exploração sexual comercial; debates sobre o uso compulsivo de pornografia; formas de conversar sobre pornografia com colegas; a disseminação não-consensual de imagens explícitas, entre outros. Davis *et al.* (2020) combinam as orientações com o desenvolvimento de um aplicativo denominado “*The Gist*” que, de acordo com os autores, objetiva concentrar informações que não são comuns na educação sexual convencional, e até mesmo na pornografia, relacionadas às dúvidas gerais dos jovens sobre sexualidade.

A *porn literacy education*, por ser uma proposta bastante recente, ainda está em desenvolvimento e aprofundamento pela academia, tanto na construção de seu corpo teórico como no entendimento de sua aplicabilidade. Byron *et al.* (2020) compreendem que a *porn literacy education* não se trata tanto sobre qual é o conteúdo apresentado (no caso, a pornografia) e sim como ele é lido e interpretado pelo público consumidor, compreendendo que este pode lidar com as informações recebidas, filtrando-as e absorvendo para si e para sua sexualidade o que lhe fizer sentido. Já Vandebosch e Van Oosten (2017) enfatizam que o método seria sensibilizador no sentido de demonstrar que a pornografia demonstra tipos de sexualidade que são objetificadores e prejudiciais, principalmente ao sexo feminino, propondo assim a criticidade quanto ao consumo. Davis *et al.* (2020) complementam, indicando que se os programas de *porn literacy education* não demonstrarem alternativas para que os jovens possam se informar quanto à sexualidade, não haverá sentido em denominar como “redução de danos”.

A educação sexual é uma ferramenta relevante para tratar de assuntos relativos à sexualidade humana com responsabilidade. Para além disso, é necessário que o conhecimento chegue até o público mainstream. Com o objetivo de transformar a seguinte dissertação em um produto de consumo prático e simplificado ao público geral, visando tal alcance, o próximo tópico abordará a sugestão gerada da referida dissertação: o podcast “Tecnologia de Gênero”.

5 TECNOLOGIA DE GÊNERO: O PODCAST

Para atender a demanda proposta pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Unesp Araraquara quanto a gerar um produto condizente ao tema da dissertação, coloca-se à disposição a construção do podcast “Tecnologia de Gênero”, com a finalidade de ser um canal de divulgação científica, pautado nos resultados produzidos por esta pesquisa.

A escolha do formato se deu pela popularidade que os podcasts adquiriram nos últimos anos, principalmente no Brasil. De acordo com estudo encomendado pela GloboSat (2019)⁴¹, cerca de 21 milhões de pessoas, à época, declararam que consumiam podcasts. Estes são mídias digitais disponíveis geralmente em áudio, em séries de episódios ou capítulos. Ganham maior destaque no período pós-pandemia de COVID-19. Essa tendência, todavia, não se resume ao Brasil, visto que, de acordo com a plataforma de streaming *Spotify*⁴², 300 milhões de pessoas ao redor do mundo engajaram-se com algum conteúdo relacionado à podcasts em 2023. Dessa forma, é justificável escolher um formato que tem ganhado cada vez mais popularidade para falar de um assunto que necessita de popularidade.

O objetivo do podcast “Tecnologia de Gênero”, além da divulgação científica, é voltado a reflexões de problemáticas relacionadas à pornografia *mainstream* e o seu consumo, em um total de dez episódios desenvolvidos a partir das informações reunidas nesta dissertação, em linguagem coloquial e facilitada. Os episódios têm, em média, dez minutos de duração, pensando em uma comunicação direta, prática e simples ao ouvinte, porém, ao mesmo tempo, embasada cientificamente e com as referências disponíveis para que o espectador possa verificá-las. A plataforma escolhida para colocá-lo no ar foi o *Spotify*, tanto por sua alta popularidade, como pelas facilidades de suas ferramentas para produção de conteúdo. O seu público-alvo é o de mulheres e homens acima dos 18 anos de idade, visando chamar a sua atenção quanto ao consumo de pornografia e seus impactos na sexualidade. Como resultados, busca-se alcançar estas pessoas em suas variadas localidades e estimular debates saudáveis acerca do tema.

A construção do podcast foi feita a partir da gravação de voz com um celular Moto G9Play, através do aplicativo “Gravador de Voz – Gravar Áudio”, disponibilizado pela desenvolvedora *Simple Design Ltd.* na *Play Store*. O modo de gravação escolhido no

⁴¹ GLOBOSAT. Podcasts de Ouro. 2019. Disponível em: <https://gente.globo.com/estudo-podcasts-de-ouro/>. Acesso em: 29 dez. 2023

⁴² SPOTIFY. For the record. Celebrating the Creators and Fans of 2023 With Wrapped for Podcasters. 2023. Disponível em: <https://newsroom.spotify.com/2023-11-29/wrapped-for-podcasters-creators-fans/>. Acesso em 29 dez. 2023

aplicativo foi “Reuniões e palestras”, para que a captura de som fosse otimizada, visando a melhor experiência do ouvinte. Ademais, todos os dez episódios tiveram um roteiro pré-produzido, baseado no texto da dissertação, e adaptado para linguagem coloquial.

Para a edição do *podcast*, o *Spotify* disponibiliza um espaço denominado “Ferramentas de gravação” no qual é possível editar a captura de voz feita, fazer os recortes necessários, otimizações de áudio e, ainda, a inclusão de músicas de fundo e efeitos. Toda a edição do “Tecnologia de Gênero Podcast” foi feita através dessa ferramenta.

Os episódios do “Tecnologia de Gênero Podcast” já estão disponíveis na íntegra⁴³, no *Spotify*, divididos da seguinte forma:

- Episódio 1 – “Ouvi, aceito e desejo continuar”: Esse episódio é voltado a fazer uma apresentação pessoal, falar sobre as motivações da produção do *podcast*, como foi a idealização, qual a visão teórica utilizada e informações gerais sobre como será o andamento, para que o ouvinte esteja ciente de como será a abordagem do tema.
- Episódio 2 – “De onde surgiu a pornografia?”: Baseado no capítulo 2 da dissertação, o foco desse episódio se dá em explicar os primórdios da pornografia, características, e suas transformações iniciais até que se torne apolítica.
- Episódio 3 – “A expansão da pornografia: dos *stag films* a *Playboy*, *Penthouse* e *Hustler*”: Ainda contemplando o capítulo 2, esse episódio descreve a história audiovisual e midiática da pornografia, entendendo transformações ocorridas durante os séculos XIX e XX, e como a indústria pornográfica deu seus primeiros passos a se tornar uma potência econômica, focalizando no desenvolvimento desde os *stag films* à tríade de revistas pornográficas mais famosas do mundo, que transformaram a forma de consumo de pornografia mundialmente.
- Episódio 4 – ““Garganta Profunda” e a efervescência dos movimentos contrários e favoráveis à pornografia”: Baseado no subcapítulo 2.2, o episódio é voltado a explicar as *Feminist Sex Wars* e seus impactos nas discussões sociais sobre pornografia, além de contemplar um pouco sobre a história por trás do filme “Garganta Profunda”.
- Episódio 5 – “Pornografia à brasileira: como foi a história da pornografia no Brasil?” - Este episódio, baseado no subcapítulo 2.3, é voltado a compreender o

⁴³ É possível acessá-lo através do link <https://open.spotify.com/show/3tEm2B5pEWVKruFb511ZB1?si=NOHnZZeIRde9YbhyElvCng>, ou digitando o título “Tecnologia de Gênero” na barra de pesquisa do *Spotify*.

desenvolvimento da pornografia no Brasil, desde os “romances para homens”, passando pela ascensão e queda da pornochanchada, e um pouco do cenário posterior.

- Episódio 6 – “A pornografia na internet e o *PornHub*: como foi essa ascensão?”: Baseado no capítulo 2 e subcapítulo 2.1, o episódio se volta a explicar o desenvolvimento e estabelecimento da pornografia na internet, tal qual a história (tanto quanto polêmica) por trás do *PornHub*.
- Episódio 7 – “Por que pensar a pornografia de forma crítica?”: Este episódio começa a apresentar as argumentações críticas presentes nessa dissertação. Baseado no subcapítulo 2.4 e no capítulo 3, é voltado a levantar reflexões sobre a criticidade no consumo de pornografia, e a importância de questionar as bases que sustentam a indústria pornográfica.
- Episódio 8 – “O olhar masculino (male gaze) e a pornografia”: Neste episódio, o conceito de “male gaze” é explicado, compreendendo como este se aplica na pornografia. Ademais, os números levantados quanto ao *PornHub*, baseado no subcapítulo 3.2, são discutidos ao público na tentativa de traçar os principais perfis de consumidores de pornografia.
- Episódio 9 – “A pornografia como tecnologia de gênero”: Episódio baseado no capítulo 4, é voltado a apresentar a argumentação crítica voltada à pornografia, e como esta pode estar servindo como forma de tecnologia de gênero, explicando o que esse conceito significa e as razões pelas quais é necessário se atentar sobre como a pornografia tem sido inserida na cultura.
- Episódio 10 – “Repensando a pornografia e hábitos de consumo”: O último episódio é baseado também no capítulo 4, e voltado a repensar o consumo de pornografia, além de apresentar a educação sexual como importante ferramenta para lidar com as demandas trazidas por esse consumo.

A maior preocupação quanto ao processo de produção foi pensar na adaptação do texto acadêmico de forma acessível ao público geral, sem que se perdesse em sua qualidade. Entretanto, o podcast foi finalizado com sucesso, mantendo a essência das ideias presentes neste texto, assim como o rigor científico, porém cumprindo com a missão de tornar a informação acessível por meio da comunicação científica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pornografia, em sua essência, carrega um histórico de favorecimento masculino. A naturalização da mensagem misógina transmitida pela pornografia mainstream se compreende como uma ferramenta de importância para o patriarcado. Esta demonstra-se como uma tecnologia de gênero que atua sobre a sexualidade e complementa a violência simbólica já inferida na sexualidade patriarcal.

O estudo dessa temática é relevante, inicialmente, dada a popularidade exponencial da pornografia que está sendo facilitada pela internet, não só no sentido de democratização desses materiais, mas também pela falibilidade dos filtros que mantêm essa pornografia longe de crianças e adolescentes. Há um claro cenário em que o Brasil é um dos maiores consumidores e produtores de pornografia do mundo, ao mesmo tempo em que existe uma escassez de estudos brasileiros relacionados à esse impacto de consumo de pornografia na nossa população. Além disso, é importante considerar a abordagem desse assunto a partir do viés de gênero, para compreender o impacto relacionado à mulheres, à imagem feminina e à própria sexualidade feminina.

Olhar para a história da pornografia é ver um ciclo se repetindo constantemente em relação à representação de mulheres. A pornografia leva em suas raízes o uso do corpo, imagem e sexualidades feminina à vontade de homens, que produzem seu significado de acordo com seu desejo. Seja para protestos políticos, para o lucro, ou para o prazer masculino, o corpo feminino vem sendo explorado em suas representações e limites para a satisfação masculina. Essa figura feminina é pensada para um público: o masculino e heterossexual, e não é uma surpresa quando percebemos que as pessoas por trás da produção, do lucro, do olhar são homens, por toda a história da pornografia. Esse olhar masculino é um ponto de vista tão importante e lucrativo que não mudou. O público masculino sempre foi o público predominante para qual a pornografia era voltada, são até hoje os principais consumidores.

Por meio do levantamento e lapidação dos dados demonstrados pelo *PornHub*, o estereótipo do objeto de consumo da pornografia se aproxima mais dos desejos masculinos e menos da realidade feminina. Isso demonstra não apenas uma inclinação da pornografia *mainstream* à satisfação masculina, como também a necessidade de se chamar à atenção quanto aos modelos de sexualidade demonstrados por esses materiais como o ápice do prazer para todos, e que, em sua realidade, tem em sua criação uma visão única em sua composição,

voltada a favorecer o prazer masculino. O olhar masculino existe na pornografia, é sua principal base.

Através da “chamada à ação”, a pornografia se torna muito mais do que do que uma ferramenta de uso pessoal para autosatisfação, mas também uma ferramenta que representa ideais patriarcais e que tenta disseminar esses ideais pelo exercício da sexualidade que é representada pelos materiais pornográficos. A experiência demonstrada pela pornografia de sexualidade é uma visão masculina e unilateral de prazer, mas vai se tornando cada vez mais a visão geral de sexualidade porque é demonstrada como o modelo perfeito de sexualidade patriarcal, que compactua com a dominação masculina e a subalternidade feminina como modelos. Assim, a pornografia se localiza como uma tecnologia de gênero: pois funciona como uma ferramenta de normatização do ato sexual, e de como homens e mulheres devem se comportar para atingir o suposto prazer. E a chamada à ação promovida pela pornografia, que é este chamado para a participação, é sua principal ramificação como tecnologia de gênero em sociedade. Assim, o efeito da pornografia não se extingue a seu consumo. Este é levado adiante, para a vida sexual real, pois há incentivo para isso. Se sustenta como tecnologia de gênero justamente por pautar papéis sociais em sexualidade baseados no prazer e desejo masculinos e na manipulação e objetificação do corpo feminino. É uma tecnologia de gênero, pois afeta ambos os gêneros, mantendo seu status quo hierárquico por meio da sexualidade.

As problemáticas de uma sexualidade feminina pautada pelo olhar masculino se evidenciam com o alastramento de modelos de sexualidade dos quais o protagonismo masculino é imperativo, e em que a representatividade feminina se sucede à reificação do corpo feminino e à normalização de comportamentos violentos durante o ato sexual. A violência relacionada a pornografia não diz respeito apenas ao conteúdo da maioria dos vídeos pornográficos que, como eu demonstro na pesquisa, reproduzem algum tipo de violência e, em sua maioria, perpetrada por homens contra mulheres. Vai para muito além, pois também diz respeito a uma violência simbólica, que nada mais é do que uma forma de invisibilizar as relações de poder, de maneira a fazer com que elas pareçam "normais e naturais". A pornografia mainstream reflete o olhar social masculino sobre o exercício da sexualidade: um tipo de sexualidade centrada no eu-masculino, voltada à sua satisfação, como reflexo da sexualidade patriarcal. A sexualidade patriarcal é um dos diversos braços do patriarcado que contribui para manter o sexo feminino sob opressão.

Reforçar a importância de construções de sexualidade saudáveis e que levem em consideração os direitos sexuais e reprodutivos urge como uma demanda em um mundo no qual a pornografia mainstream se torna cada vez mais acessível - querendo ou não se ter

contato com esse tipo de conteúdo. É de direito de meninas e mulheres desenvolver sua sexualidade sem moldar-se ao que concepções misóginas lhe propõem.

Urge a necessidade de que a academia brasileira passe a olhar com mais cuidado para a questão do consumo de pornografia no país. Sendo o Brasil uma potência tanto em consumo como em produções, a escassez de pesquisas brasileiras acende um alerta quanto a falta de estudos aprofundados acerca do assunto. Colocar o consumo de pornografia sob os holofotes é essencial para que mais estudos possam ser produzidos e o impacto desse conteúdo na sociedade brasileira possa ser traçado. A *porn literacy education* se demonstra como uma proposta bastante promissora no que diz respeito à naturalização da abordagem da pornografia na educação sexual popular., abrindo possibilidade de mudança de pensamento quanto ao consumo de pornografia e de como as mensagens passadas por esse tipo de material, principalmente quanto à objetificação de mulheres, podem ser negativas nessa construção da sexualidade.

Também é importante ressaltar que a saúde sexual é um direito de todos, o qual deveria ser garantido. Ter acesso à educação sexual inclusiva, que compreenda as complexidades de cada faixa etária, raça, classe, gênero, nacionalidade, contexto sociocultural etc., compreende um contexto de desenvolvimento de fatores de proteção muito mais facilitado.

A problemática da pornografia mainstream não irá se resolver da noite para o dia, e muito menos com métodos punitivos, mas é necessário começar de algum lugar para se traçar caminhos e políticas voltadas ao exercício seguro, saudável e amplo da sexualidade. A educação sexual popular é uma alternativa importante para lidar com tais questões, e tornar este conhecimento acessível e adequado às pessoas será uma ferramenta poderosa para estimular reflexões, criticidade e possíveis mudanças de comportamento em relação à sexualidade.

REFERÊNCIAS

- ALBURY, Kath. Porn and sex education, porn as sex education. **Porn Studies**, [S.L.], v. 1, n. 1-2, p. 172-181, 2 jan. 2014. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/23268743.2013.863654>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- AZEVEDO, Natanael Duarte. Pelo buraco da fechadura: autores e obras da literatura pornográfica luso-brasileiros (1890-1912). **Soletras**, [S.L.], n. 34, p. 354-377, nov. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/30325>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a. 339 p.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b. 557 p.
- BERES, Melanie. ‘Spontaneous’ Sexual Consent: an analysis of sexual consent literature. **Feminism & Psychology**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 93-108, fev. 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0959353507072914>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- BRENTS, Barbara; SANDERS, Teela. Mainstreaming the Sex Industry: economic inclusion and social ambivalence. **Journal Of Law And Society**, [S.L.], v. 37, n. 1, p. 40-60, mar. 2010. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-6478.2010.00494.x>. Acesso em: 28 dez. 2022.
- BRIDGES, Ana *et al.* Aggression and Sexual Behavior in Best-Selling Pornography Videos: a content analysis update. **Violence Against Women**, [S.L.], v. 16, n. 10, p. 1065-1085, out. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1077801210382866>. Acesso em: 30 set. 2023.
- BORGES, Melissa Toledo; TILIO, Rafael de. Consumo de pornografia midiática e masculinidade. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 10, p. 402-426, nov. 2018. Disponível em: <https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/25851/17162>. Acesso em: 30 jan. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/988/o/BOURDIEU__Pierre._O_Poder_Simb%C3%B3lico_\(2\).pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/988/o/BOURDIEU__Pierre._O_Poder_Simb%C3%B3lico_(2).pdf). Acesso em: 11 nov. 2023.
- _____. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 52 p.

BYRON, Paul *et al.* Reading for Realness: porn literacies, digital media, and young people. **Sexuality & Culture**, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 786-805, 8 dez. 2020. Disponível em: [/https://link.springer.com/article/10.1007/s12119-020-09794-6](https://link.springer.com/article/10.1007/s12119-020-09794-6). Acesso em: 29 dez. 2023.

CASTRO, Flávia Lages; CRESPO, Juliana. Pornô Cultural: da concepção pornográfica como indústria cultural ao movimento feminista pornô. **Pragmatizes**, [s. l], p. 90-104, nov. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/27266>. Acesso em: 12 jan. 2022.

COMELLA, Lynn. Revisiting the Feminist Sex Wars. **Feminist Studies**, [s. l], v. 41, n. 2, p. 437-462, 2015. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.15767/feministstudies.41.2.437>. Acesso em: 13 jan. 2022.

COOPERSMITH, Jonathan. Does Your Mother Know What You Really Do? The Changing Nature and Image of Computer-Based Pornography. **History And Technology: An International Journal**, [s. l], v. 25, n. 1, p. 1-25, ago. 2006. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07341510500508610?casa_token=bqkVR82HpbcAAAAA%3AJHlgWYvyZQfLBV4A4SqRT3CD07wjc97jN_mLRpZkoIAJoQ3HYyctbjV_o1obNsA06Vv15PFd3d3xDw&journalCode=ghat20. Acesso em: 07 jan. 2022.

CORRÊA, Sonia; PETCHESKY, Rosalind. Direitos sexuais e reprodutivos: uma perspectiva feminista. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 6, n. 1-2, p. 147-177, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/K7L76NSSqymrLxfsPz8y87F/?lang=pt>. Acesso em: 25 dez. 2023.

COY, Maddy; WAKELING, Josephine; GARNER, Maria. Selling sex sells: representations of prostitution and the sex industry in sexualised popular culture as symbolic violence. **Women's Studies International Forum**, [S.L.], v. 34, n. 5, p. 441-448, set. 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S027753951100104X>. Acesso em: 09 nov. 2023.

CRESCENDO em uma cultura pornificada | Gail Dines | TEDxNavesink. 2015. Son., color. Legendado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_YpHNIImNsx8. Acesso em: 18 fev. 2024.

DAILY MAIL. Pornhub founders are four Canadian college friends dubbed 'the kings of smut' who made millions by creating the YouTube of porn in 2007 but now face a reckoning as Visa and Mastercard cut ties with their site over child rape claims. **Daily Mail**. Londres. 11 dez. 2020. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-9036291/Pornhub-dig.html>. Acesso em: 11 jan. 2022.

DAVIS, Angela *et al.* A Digital Pornography Literacy Resource Co-Designed With Vulnerable Young People: development of "The Gist". **Journal Of Medical Internet Research**, [S.L.], v. 22, n. 6, p. 1-14, jun. 2020. Disponível em: <https://www.jmir.org/2020/6/e15964/PDF>. Acesso em: 29 dez. 2023.

DAWSON, Kate; GABHAINN, Saoirse Nic; MACNEELA, Pádraig. Toward a Model of Porn Literacy: core concepts, rationales, and approaches. **The Journal of Sex Research**, [S.L.], v. 57, n. 1, p. 1-15, jan. 2019. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00224499.2018.1556238>. Acesso em: 21 ago. 2022.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.206-242.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro**. 2009. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/MariaElviraDiazBenitez.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2022.

DINES, Gail. **Pornland: how porn has hijacked our sexuality**. [S.I]: [S.I], 2010. 237 p.

DWORKIN, Andrea. **Pornography: men possessing women**. Nova Iorque: Plume, 1981.

EZZELL, Matthew *et al.* I (Dis)Like it Like That: gender, pornography, and liking sex. **Journal Of Sex & Marital Therapy**, [S.L.], v. 46, n. 5, p. 460-473, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0092623X.2020.1758860>. Acesso em: 23 dez. 2023.

FENTY, Robyn Rihanna. **Never underestimate a man's ability to make you feel guilty for his mistakes**. [S.l.], 13 dez. 2012. Twitter: @rihanna. Disponível em: <https://twitter.com/rihanna/status/279248830497705984>. Acesso em: 04 jan. 2023

FERNANDES, Ana Luiza Ramos. **Um olhar sobre a pornografia: teoria e perspectivas jurídicas**. 2017. 72 f. Monografia (Especialização) - Curso de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30810/30810.PDF>. Acesso em: 27 mar. 2023.

FRIEDMAN, Gillian. Mastercard and Visa stop allowing their cards to be used on Pornhub. **The New York Times**. Nova Iorque. 10 dez. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/12/10/business/visa-mastercard-block-pornhub.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

FRITZ, Niki *et al.* A Descriptive Analysis of the Types, Targets, and Relative Frequency of Aggression in Mainstream Pornography. **Archives Of Sexual Behavior**, [S.L.], v. 49, n. 8, p. 3041-3053, jul. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-020-01773-0>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FOUBERT, John D. The Public Health Harms of Pornography: the brain, erectile dysfunction, and sexual violence. **Dignity: A Journal on Sexual Exploitation and Violence**, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 01-07, jul. 2017. Disponível em: <https://digitalcommons.uri.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1077&context=dignity>. Acesso em: 06 jun. 2021.

G1 (ed.). **Pornhub é processado nos EUA por supostamente lucrar com vídeos de agressão sexual: advogados acusam a empresa on-line de criar um mercado para a pornografia infantil e 'qualquer outra forma' de conteúdo sexual não consentido**. G1. São

Paulo. 18 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/06/18/pornhub-e-processado-nos-eua-por-supostamente-lucrar-com-videos-de-agressao-sexual.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2023.

GONÇALVES, Patrick Cassimiro. **Playboy Brasil nos anos 00**: ressignificação das celebridades nas capas da revista. 2013. 58 f. TCC (Doutorado) - Curso de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/6418>. Acesso em: 30 dez. 2021.

GOOD, Kristi. Marilyn Monroe: soldier in greasepaint. **Theatre History Studies**, Alabama, v. 33, p. 209-225, 2014. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/564036>. Acesso em: 30 dez. 2021.

GREGORY, Tim; LORANGE, Astrid. Teaching Post-Pornography. **Cultural Studies Review**, [s. l], v. 24, n. 1, p. 137-149, 2018. Disponível em: <https://search.informit.org/doi/pdf/10.3316/informit.645811541844674>. Acesso em: 11 mar. 2024.

HARNISH, Kiana. **The Role of Porn Literacy in Comprehensive Sex Education to Reduce Endorsements of Gendered Sexual Violence and Support Healthy Adolescent Development**. 2023. 67 f. Tese (Doutorado) - Curso de Human Biology: Cross-Cultural Health And Healing, Claremont Colleges, Claremont, 2023. Disponível em: https://scholarship.claremont.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3255&context=scripps_theses. Acesso em: 29 dez. 2023.

HERBENICK, Debby *et al.* Diverse Sexual Behaviors and Pornography Use: findings from a nationally representative probability survey of americans aged 18 to 60 years. **The Journal of Sexual Medicine**, [S.L.], v. 17, n. 4, p. 623-633, 18 fev. 2020. Disponível em: <https://academic.oup.com/jsm/article-abstract/17/4/623/6973670?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 05 jun. 2023.

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia**. São Paulo: Hedra, 1999.

KESSLER, Cristina. Erotismo à brasileira: o ciclo da pornochanchada. **Sessões do Imaginário**, [s. l], v. 14, n. 22, p. 14-20, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/famecos/article/view/6468>. Acesso em: 18 jan. 2022

KRISTOF, Nicholas. The Children of PornHub. **The New York Times**. Nova Iorque. 04 dez. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/12/04/opinion/sunday/pornhub-rape-trafficking.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

LARSSON, Mariah. Oh Paris! The Journeys of Lasse Braun's 8mm Pornography. **JCMS: Journal of Cinema and Media Studies**, [s. l], v. 58, p. 158-163, 2018. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/705278/pdf>. Acesso em: 30 dez. 2021.

LAWFORD-SMITH, Holly. **Gender-Critical Feminism**. Oxford: Oxford University Press, 2022. 312 p. Disponível em:

https://bdebooks.com/en/books/gender-critical-feminism-by-holly-lawford-smith#read_online. Acesso em: 18 fev. 2024.

MACKINNON, Catherine Alice. Sexuality, Pornography, and Method: pleasure under patriarchy. *Ethics*, [s. l], v. 99, n. 2, p. 314-346, jan. 1989. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2381437?seq=1#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 13 jan. 2022.

_____. Defamation and Discrimination. In: MACKINNON, Catherine Alice. **Only Words**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1996. p. 3-41. Disponível em: <https://foundationsofgenderstudies.files.wordpress.com/2013/01/catharine-mackinnon-only-words.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2023

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação sexual: princípios para a ação. *Doxa*, Araraquara, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ana-Claudia-Maia/publication/341262997_EDUCACA_O_SEXUAL_PRINCIPIOS_PARA_A_ACAO_Doxa_v15_n1/links/5eb60a43299bf1287f77decf/EDUCACAO-SEXUAL-PRINCIPIOS-PARA-A-ACAO-Doxa-v15-n1.pdf. Acesso em: 26 dez. 2023.

MARTÍNEZ, Miguel Arturo Mejía. Práctica[s] de un deseo clandestino: sobre la mirada femenina en el cine pornográfico. *El Ornitorrinco Tachado: Revista de Artes Visuales*, Cidade do México, v. 5, p. 9-19, maio 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7621020>. Acesso em: 29 dez. 2021.

MENDES, Thales Sant'ana Ferreira. Livros, imprensa e obscenidade: a invenção da pornografia no Brasil. *Memento*, [s. l], v. 10, p. 01-21, jan. 2019. Disponível em: http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/5377/pdf_143. Acesso em: 26 jan. 2022.

MESQUITA, Mayte Cabral; PINTO, Marcelo de Rezende. The exercise of female sexuality between fantasy and discourse in the consumption of online pornography. *Revista de Gestão*, [S.L.], v. 27, n. 3, p. 247-262, 28 abr. 2020. Disponível em: <http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/154/1541352004/1541352004.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2023.

MESSIAS, Carolina Carrolo; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. PORN LITERACY EDUCATION: é possível uma educação sexual crítica à pornografia no contexto brasileiro? *Geoconexões*, [S.L.], v. 2, n. 16, p. 5-17, nov. 2023. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/geoconexoes/article/view/15715/3789>. Acesso em: 29 dez. 2023.

MILLER, Dan; MCBAIN, Kerry Anne. The Content of Contemporary, Mainstream Pornography: a literature review of content analytic studies. *American Journal Of Sexuality Education*, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 219-256, 27 dez. 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15546128.2021.2019648>. Acesso em: 30 set. 2023.

MORAN, Rachel; FARLEY, Melissa. Consent, Coercion, and Culpability: is prostitution stigmatized work or an exploitive and violent practice rooted in sex, race, and class inequality?. **Archives Of Sexual Behavior**, [S.L.], v. 48, n. 7, p. 1947-1953, 5 fev. 2019. Disponível em: <https://www.spaceintl.org/assets/Uploads/MoranFarley2019.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2023.

MORRIS, Chris. The co-founder of a Canadian private equity firm explains why he just acquired the internet's biggest adult entertainment site. **Fortune**. [S.L.], p. 1-1. 23 mar. 2023. Disponível em: <https://fortune.com/2023/03/23/who-owns-pornhub-mindgeek-ethical-capital-canadian-private-equity-acquisition/>. Acesso em: 31 mar. 2023.

MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. **Screen**, [S.L.], v. 16, n. 3, p. 6-18, set. 1975.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. **Erotismo e relações raciais no cinema brasileiro: a pornochanchada em perspectiva histórica**. 2015. 351 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23336>. Acesso em: 18 jan. 2022.

NBC NEWS. **Things Are Looking Up in America's Porn Industry**. 2015. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/business/business-news/things-are-looking-americas-porn-industry-n289431>. Acesso em: 09 jun. 2022.

NELSON, Eshe. Visa and Mastercard to Investigate Financial Ties to Pornhub. **The New York Times**. Nova Iorque. 07 dez. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/12/07/business/visa-mastercard-pornhub.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Saúde sexual, direitos humanos e a lei**. Porto Alegre: [S.I.], 2020. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2023.

OWENS, Eric *et al.* The Impact of Internet Pornography on Adolescents: a review of the research. **Sexual Addiction & Compulsivity**, [S.L.], v. 19, n. 1-2, p. 99-122, jan. 2012. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10720162.2012.660431>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10720162.2012.660431>. Acesso em: 11 nov. 2023.

OXFORD LEARNER'S DICTIONARY. **Consent** In: OXFORD LEARNER'S DICTIONARY. Oxford Advanced American Dictionary. Oxford: Oxford University Press, 2011. Disponível em: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/american_english/consent_2#consent_2__13. Acesso em: 04 fev. 2023.

OXFORD LEARNER'S DICTIONARY. **Déjà vu**. In: OXFORD LEARNER'S DICTIONARY. **Oxford Advanced American Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 2011. Disponível em: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/american_english/deja-vu#:~:text=

Definition%20of%20d%C3%A9%C3%A0%20vu%20noun%20from%20the%20Oxford,of%20d%C3%A9%C3%A0%20vu%20as%20I%20entered%20the%20room.. Acesso em: 09 jun. 2022.

PAASONEN, Susanna. Smutty Swedes: sex films, pornography and 'good sex'. In: KERR, Darren; PEBERDY, Donna. **Tainted Love**: screening sexual perversion. Londres: I. B. Tauris, 2017. p. 120-136.

PAASONEN, Susanna; NIKUNEN, Kaarina; SAARENMAA, Laura. Pornification and the Education of Desire. In: PAASONEN, Susanna; NIKUNEN, Kaarina; SAARENMAA, Laura. **Pornification**: sex and sexuality in media culture. Nova Iorque: Berg, 2007. p. 1-20. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Kaarina-Nikunen/publication/311947195_Pornification_and_the_Education_of_Desire/links/5863d97b08ae329d6203a325/Pornification-and-the-Education-of-Desire.pdf. Acesso em: 30 dez. 2021.

PAASONEN, Susanna; SAARENMAA, Laura. The Golden Age of Porn: nostalgia and history in cinema. In: PAASONEN, Susanna; NIKUNEN, Kaarina; SAARENMAA, Laura. **Pornification**: sex and sexuality in media culture. Nova Iorque: Berg, 2007. p. 23-32. Disponível em: <https://susannapaasonen.files.wordpress.com/2014/04/01pornification23-32.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2021.

PAJUELO, Andrea Criado. La representación de la mujer en la pornografía desde una perspectiva de género: un análisis global. **Journal Of Feminist, Gender And Women Studies**, [S.L.], v. 1, n. 12, p. 52-80, 26 set. 2022. Disponível em: <https://revistas.uam.es/revIUEM/article/view/14166>. Acesso em: 01 nov. 2023.

PARK, Jonathan; BLOMKVIST, Anna; MAHMUT, Mehmet. The differentiation between consumers of hentai pornography and human pornography. **Sexologies**, [S.L.], v. 31, n. 3, p. 226-239, set. 2022. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sexol.2021.11.002>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1158136021001080>. Acesso em: 27 maio 2023.

PATERSON, Tony. Fabian Thylmann, 'the ruler in the Realms of Lust', is arrested for alleged tax evasion. **Independent**. Londres. 12 dez. 2012. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/fabian-thylmann-the-ruler-in-the-realms-of-lust-is-arrested-for-alleged-tax-evasion-8411926.html>. Acesso em: 11 jan. 2022.

PINTO, Pedro; NOGUEIRA, Maria da Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de. Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 374-383, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/BbrmLknWDq7gdVWKTGFCFHL/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2022.

PORNHUB: **Sexo Bilionário**. 2023a. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81406118>. Acesso em: 27 mar. 2023.

PORNHUB. **Pornhub 2013 Year in Review**. 2013. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/pornhub-2013-year-in-review>. Acesso em: 01 mar. 2023.

_____. **2014 Year in Review.** 2015. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2014-year-in-review>. Acesso em: 01 mar. 2023.

_____. **Pornhub's 2015 Year in Review.** 2016. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/pornhub-2015-year-in-review>. Acesso em: 01 mar. 2023.

_____. **Pornhub's 2016 Year in Review.** 2017a. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2016-year-in-review>. Acesso em: 01 mar. 2023.

_____. **Celebrating 10 Years of Porn and Data!.** 2017b. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/10-years>. Acesso em: 23 nov. 2021.

_____. **2017 Year in Review.** 2018a. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2017-year-in-review>. Acesso em: 01 mar. 2023.

_____. **2018 Year in Review.** 2018b. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2018-year-in-review>. Acesso em: 01 mar. 2023.

_____. **The 2019 Year in Review.** 2019. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review#2019>. Acesso em: 31 jan. 2021.

_____. **2021 Year in Review.** 2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021#Countries-by-Traffic>. Acesso em: 21 jan. 2022.

_____. **The 2022 Year in Review.** 2022. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2022-year-in-review>. Acesso em: 01 mar. 2023.

_____. **PornHub - Vídeos Pornô & Filmes de Sexo Gratuitos.** 2023b. Disponível em: pt.pornhub.com. Acesso em: 15 ago. 2023.

_____. **Our Commitment to Trust and Safety.** 2023c. Disponível em: <https://help.pornhub.com/hc/en-us/categories/4419836212499>. Acesso em: 09 set. 2023.

_____. **How to Sign Up and Join the Model Program.** 2023d. Disponível em: <https://help.pornhub.com/hc/en-us/articles/4419879760403-How-to-Sign-Up-and-Join-the-Model-Program>. Acesso em: 09 set. 2023.

_____. **Terms Of Service.** 2023e. Disponível em: <https://pt.pornhub.com/information/terms>. Acesso em: 16 set. 2023.

PORNHUB HELP CENTER. **F.A.Q: Premium.** Disponível em: <https://help.pornhub.com/hc/en-us/sections/4419836262803-Premium>. Acesso em: 16 set. 2023.

PRENDERGAST, Jay. Kremen v. Cohen: the "knotty" saga of sex.com. **Jurimetrics**, [s. l], v. 45, n. 1, p. 75-91, 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/29762880>. Acesso em: 07 jan. 2022.

RAMOS, Maria Eduarda. **Pornografia, resistências e feminismos: estratégias políticas feministas de produções audiovisuais pornográficas.** 2015. 365 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135793>. Acesso em: 21 jan. 2022.

RIBEIRO, Raisa Duarte da Silva. **Discurso de ódio, violência de gênero e pornografia: entre a liberdade de expressão e a igualdade.** 2016. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito Constitucional, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ROSSI, Lee. The Whore vs. The Girl-Next-Door: stereotypes of woman in Playboy, Penthouse, and Oui. **The Journal of Popular Culture**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 90-94, jun. 1975. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.0022-3840.1975.0901_90.x. Acesso em: 14 set. 2022.

ROTHMAN, Emily *et al.* A Pornography Literacy Class for Youth: results of a feasibility and efficacy pilot study. **American Journal Of Sexuality Education**, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 1-17, 2 jan. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/15546128.2018.1437100>. Acesso em: 29 dez. 2023.

ROTHMAN, Emily F.; DALEY, Nicole; ALDER, Jess. A Pornography Literacy Program for Adolescents. **American Journal Of Public Health**, [S.L.], v. 110, n. 2, p. 154-156, fev. 2020. Disponível em: <https://ajph.aphapublications.org/doi/full/10.2105/AJPH.2019.305468>. Acesso em: 30 dez. 2023.

RUZGYTE, Edita. Pornography, history of. **The International Encyclopedia of Human Sexuality**, [s. l], p. 861-1042, abr. 2015. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781118896877.wbiehs367>. Acesso em: 07 jan. 2022.

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado e violência.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 151 p.

SANTANA, Camila Martins. **Da pornografia à pornoteoria: desafios e reimaginações feministas.** 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20009/1/2016_CamillaMartinsSantana.pdf. Acesso em: 13 jan. 2022.

SANTANA, Léa Menezes. **"Tem pornô pra mulher?": uma abordagem crítica da pornografia feminista.** 2014. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/18873/1/Dissertacao%20de%20L%20c3%a9a%20Menezes%20de%20Santana.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SARMET, Érica. **Pós-pornô, dissidência sexual e a situação cuir latino-americana: pontos de partida para o debate.** Revista Periódicos, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 258-276, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/10175>. Acesso em: 17 set. 2023.

SHEAFFER, Russell. Smut, novelty, indecency: reworking a history of the early-twentieth-century American 'stag film'. **Porn Studies**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 346-359, nov. 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/23268743.2014.947736>. Acesso em: 29 dez. 2021.

SHOR, Eran; SEIDA, Kimberly. "Harder and Harder"? Is Mainstream Pornography Becoming Increasingly Violent and Do Viewers Prefer Violent Content? **The Journal Of Sex Research**, [S.L.], v. 56, n. 1, p. 16-28, 18 abr. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29669431/>. Acesso em: 30 set. 2023.

SILVA, Júlio César Casarin Barroso. Entre a liberdade e a igualdade política: a discussão entre liberais e feministas sobre a pornografia. In: Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 2, 2011, Universidade Estadual de Londrina. **Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Londrina: [S.I.], 2011, p. 1-30. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/Julio.pdf>. Acesso em: 18 set. 2022

SIMILARWEB. **Ranking do site**: os sites com melhor classificação no mundo - classificação dos principais sites. os sites com melhor classificação no mundo - Classificação dos principais sites. Disponível em: <https://www.similarweb.com/pt/top-websites/>. Acesso em: 09 jan. 2023.

SUN, Chyng *et al.* Pornography and the Male Sexual Script: an analysis of consumption and sexual relations. **Archives Of Sexual Behavior**, [S.L.], v. 45, n. 4, p. 983-994, 3 dez. 2014. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10508-014-0391-2>. Acesso em: 06 jun. 2021.

TAMKRONG, Aree. Pornography as a Representation of Sexual Objectification: the analysis from radical feminist perspective. **Academic Services Journal**: Prince of Songkla University, [S.I.], v. 28, n. 1, p. 199-206, 2017. Disponível em: <https://journal.oas.psu.ac.th/index.php/asj/article/view/940>. Acesso em: 01 jun. 2021.

TESTA, Giulia *et al.* Problematic Pornography Use in Adolescents: from prevention to intervention. **Current Addiction Reports**, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 210-218, 29 mar. 2023. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40429-023-00469-4>. Acesso em: 30 dez. 2023.

TYLER, Meagan; JOVANOVSKI, Natalie. The limits of ethical consumption in the sex industry: an analysis of online brothel reviews. **Women's Studies International Forum**, [S.L.], v. 66, p. 9-16, jan. 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S027753951730239X?via%3Dihub>. Acesso em: 24 dez. 2023.

VANDENBOSCH, Laura; VAN OOSTEN, Johanna M. F. The Relationship Between Online Pornography and the Sexual Objectification of Women: the attenuating role of porn literacy education. **Journal Of Communication**, [S.L.], v. 67, n. 6, p. 1015-1036, dez. 2017. Disponível em: <https://academic.oup.com/joc/article-abstract/67/6/1015/4753857>. Acesso em: 01 jun. 2021.

VERA-GRAY, Fiona *et al.* Sexual violence as a sexual script in mainstream online pornography. **The British Journal Of Criminology**, [S.L.], v. 61, n. 5, p. 1243-1260, 4 abr.

2021. Disponível em:
<https://durham-repository.worktribe.com/output/1250995/sexual-violence-as-a-sexual-script-in-mainstream-online-pornography>. Acesso em: 30 set. 2023.

WALLACE, Benjamin. The Geek-Kings of Smut. **NY Magazine**. Nova Iorque. 28 jan. 2011. Disponível em: <https://nymag.com/news/features/70985/index4.html>. Acesso em: 10 jan. 2021.

WILSON, Gary. Eliminate Chronic Internet Pornography Use to Reveal Its Effects. **Addicta**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 209-221, 2016. Disponível em: [https://www.addicta.com.tr/Content/files/sayilar/9/5\(1\).pdf](https://www.addicta.com.tr/Content/files/sayilar/9/5(1).pdf). Acesso em: 10 jan. 2022.

WOLAK, Janis; MITCHELL, Kimberly; FINKELHOR, David. Unwanted and Wanted Exposure to Online Pornography in a National Sample of Youth Internet Users. **Pediatrics**, [S.L.], v. 119, n. 2, p. 247-257, 1 fev. 2007. Disponível em: <https://publications.aap.org/pediatrics/article-abstract/119/2/247/70324/Unwanted-and-Wanted-Exposure-to-Online-Pornography?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 30 abr. 2023.

ZHENG, Robin. Why Yellow Fever Isn't Flattering: a case against racial fetishes. **Journal Of The American Philosophical Association**, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 400-419, 2016. Disponível em:
<https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-the-american-philosophical-association/article/why-yellow-fever-isnt-flattering-a-case-against-racial-fetishes/96D2F19F052E8A2625968037BE756FEA>. Acesso em: 12 maio 2023.